

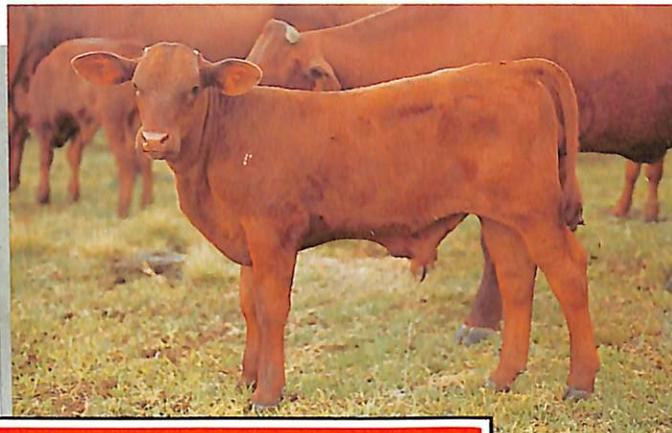
MARÇO-ABRIL/92 - Nº 523 - ANO 48 - Cr\$ 6.500,00

a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL

BOVINOCULTURA

**Os testes de TOUROS
a campo**



SANIDADE

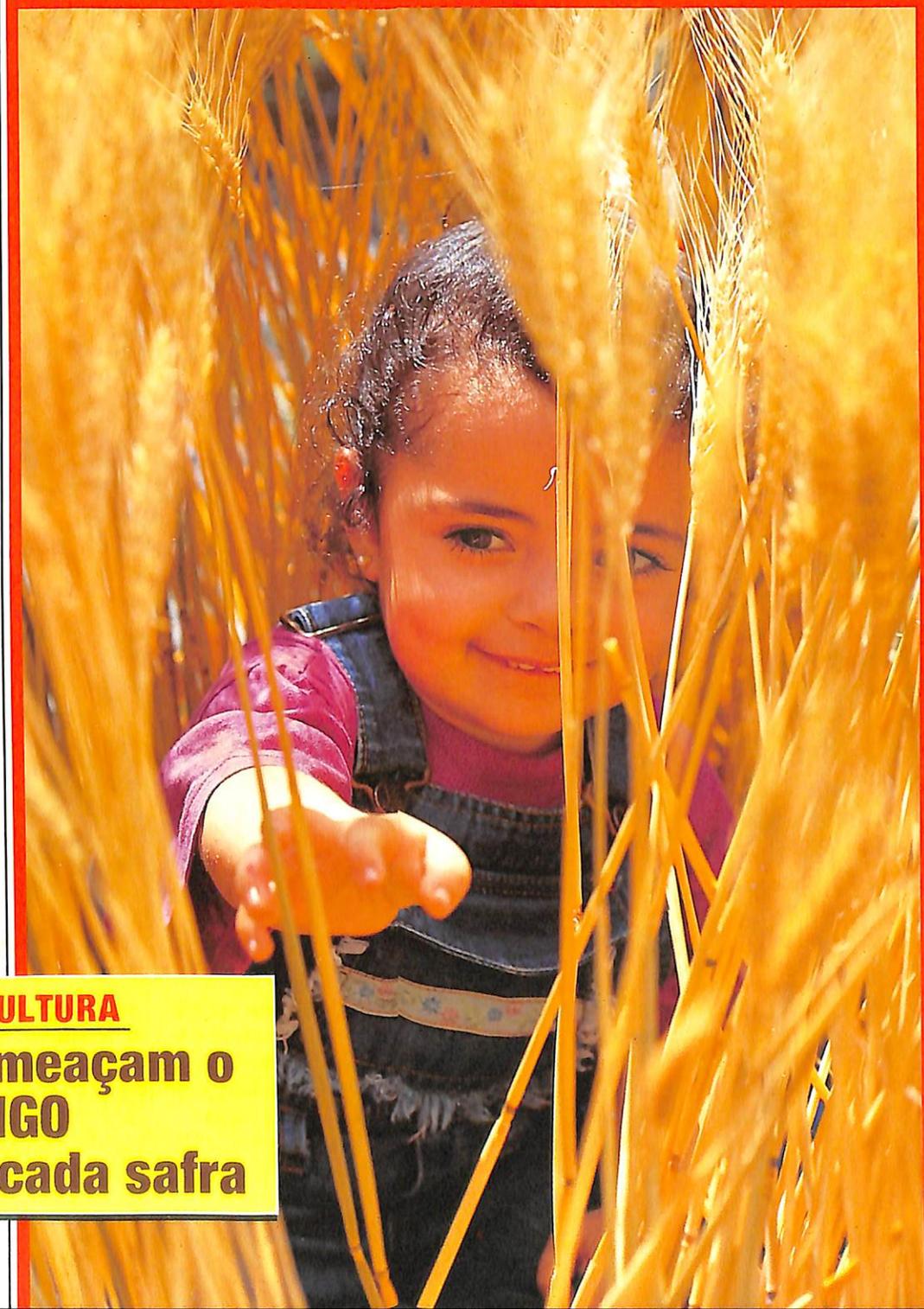
VERMINOSE,
um fantasma
que ronda
os rebanhos

AGRIBUSINESS

**A soja vai
voltar a ser
um bom
negócio**

**TRATORES
&
COLHEITADEIRAS**

**Os preços de
todas as
marcas
e modelos**



AGRICULTURA

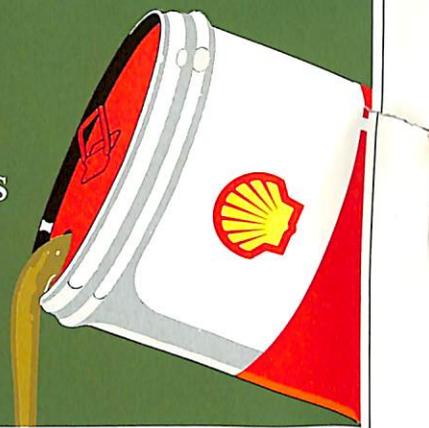
**Perigos ameaçam o
TRIGO
nosso de cada safra**

LUBRIFICAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

O maior rendimento líquido para a agricultura.

Se você pretende colher bons lucros, é importante manter o seu equipamento agrícola funcionando perfeitamente.

Os lubrificantes Shell garantem o melhor desempenho de tratores e máquinas agrícolas. Cultive esta idéia e conheça toda a linha.



Rimula Super MV

O óleo do dia-a-dia do produtor agrícola. Ele facilita as partidas a frio e mantém a viscosidade adequada em qualquer temperatura ou condição de serviço, aumentando o tempo de vida do motor, reduzindo o número de retíficas.



WBF-100

Exclusivo para tratores Maxion (Massey-Ferguson), Ford, CBT e Valmet. Indicado para sistemas de freios úmidos, hidráulicos e de transmissão, garantindo maior vida útil. Seus aditivos antidesgaste e modificador de fricção reduzem os ruídos e protegem contra ferrugem, corrosão e desgaste prematuro.



Retinax A

Para todos os pontos lubrificados à graxa. Mantém sua estabilidade e resistência em qualquer temperatura. É a sua graxa para lubrificação de máquinas agrícolas.



Spirax HD

Protegendo da umidade as engrenagens e outros componentes de eixos, é indicado para caixas diferenciais, de redução, de câmbio, de direção e juntas universais. Bastante resistente à deterioração por uso prolongado.



Tellus 68

Especial para sistemas hidráulicos e para todas as aplicações que exijam um lubrificante de alto nível de desempenho. Contém aditivos antioxidantes, antidesgaste, antiferrugem e antiespuma.



Shell Líder mundial em lubrificantes

Veja onde encontrar os óleos do seu dia-a-dia.

Bauri - SP
Tels.: (0142) 23.6200,
23.6084 e 23.6089

Belo Horizonte - MG
Tel.: (031) 591.1055
Brasília - DF
Tel.: (061) 233.2101

Belém - PA
Tel.: (091) 241.2300

Campinas - SP
Tel.: (0192) 51.3288

Campo Grande - MS
Tels.: (067) 763.2323
e 763.1220

Cascavel - PR
Tels.: (0452) 23.1577,
23.1478 e 23.1196

Cuiabá - MT
Tel.: (065) 361.2888

Curitiba - PR
Tel.: (041) 225.6688
Esteio - RS
Tel.: (0512) 73.2600

Fortaleza - CE
Tel.: (085) 234.4422

Goiânia - GO
Tel.: (062) 202.1700

Ijuí - RS
Tel.: (055) 332.3255

Itajaí - SC
Tel.: (0473) 46.1899

Lages - SC
Tel.: (0492) 23.3377

Manaus - AM
Tel.: (092) 642.2122

Maringá - PR
Tel.: (0442) 28.5353

Paulínia - SP
Tel.: (0192) 74.2683

Porto Alegre - RS
Tel.: (0512) 31.3222

Porto Velho - RO
Tels.: (069) 223.3989,
223.3988 e 223.3990

Recife - PE
Tel.: (081) 224.3020

Ribeirão Preto - SP
Tel.: (016) 626.8171

Rio Branco - AC
Tel.: (068) 22.20

Rio de Janeiro - RJ
Grande Rio:
Tel.: (021) 552.9732

Outras localidades:
Tel.: (021) 800.3020
DDD grátis

Salvador - BA
Tel.: (071) 392.1392

São José do Rio Preto - SP
Tel.: (0172) 32.5655

São Luís - MA
Tel.: (098) 232.3696

São Paulo - SP
Grande São Paulo:
Tel.: (011) 273.6188

Outras localidades:
Tel.: (011) 800-2272
DDD grátis

Teresina - PI
Tel.: (086) 232.1242

Vitória - ES
Tel.: (027) 226.0962

Homem rural é atraído pela luz das grandes cidades

O fascínio que as luzes da cidade exercem sobre o homem do campo é, na opinião de Carlos Lessa, Doutor em Economia e ex-presidente do BNDES, o principal fator que leva o agricultor a trocar a terra pelo asfalto. De imediato ocorre o rompimento da ligação com os familiares e com o próprio catolicismo, que acaba perdendo suas ovelhas para as novas religiões. Caracterizado como ingênuo, este pessoal vem aventurar-se nas metrópoles sem emprego ou teto. Alguns percebem a fria em que se meteram e voltam em seguida, ao contrário de outros, que terminam totalmente desorientados.

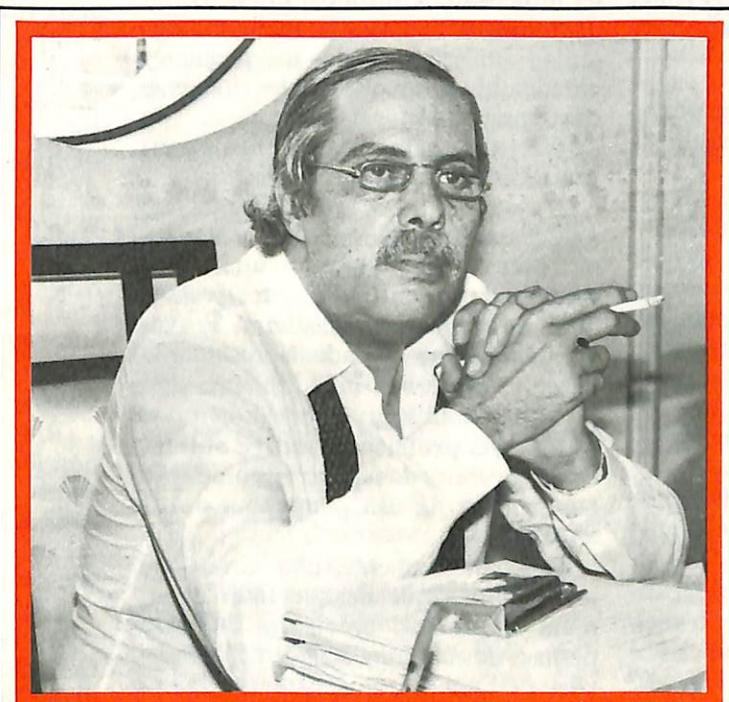
A única maneira de conter o êxodo rural, segundo Lessa, é impedindo a saída deste pessoal através de programas que viabilizem seus negócios. "Antes do governo pensar em fazer uma reforma agrária para os sem-terra (um milhão), é indispensável criar condições para os três milhões de pequenos rurícolas. Estes deixam de investir para não arriscar o pouco de que dispõem, temendo não conseguir comercializar a produção", explica.

Uma política de fixação do homem no meio rural passa obrigatoriamente

por crédito e escoamento de safras. Para Lessa, é fundamental uma estratégia de desenvolvimento nacional, sob pena de ir tudo por água abaixo. "A interrupção da fuga do campo seria uma grande vitória, pois fazer retornar os que saíram é bem mais difícil."

Um trabalho com tamanha envergadura, analisado de forma rápida e superficial, poderia ser deixado de lado. Porém, quando estudado na ponta do lápis, o custo-benefício equivale aproximadamente a US\$ 6,5 mil por família, perfazendo um total de US\$ 20 bilhões, o que corresponde ao preço de uma siderúrgica. O professor considera esta soma

nada astronômica quando o objetivo é resgatar a miséria social do campo, reduzir o êxodo e ampliar a oferta de alimentos. "A consciência de estarmos frente a um problema relevante cria espaço para o debate. Eu não consigo ser pessimista", avaliou Carlos Lessa, na experiência de seus 56 anos de idade. Casado e com dois filhos, atualmente é professor titular de Economia Brasileira da UFRJ, de Política Econômica da Unicamp (Campinas) e presidente do Conselho Regional de Economia/RJ.



Carlos Lessa, acima de tudo um otimista

A Granja — Como e por que surgiu o interesse em estudar o "êxodo urbano", se é que o fenômeno pode ser chamado assim?

Carlos Lessa — Na verdade, não há uma preocupação específica com o êxodo urbano, mas sim com a questão social no Brasil e na América Latina.

Existe um fluxo da miséria rural para a pobreza urbana.

P — Este fator não leva a uma perda de identidade do campo?

R — Não é propriamente isso. Os fluxos migratórios, os bolsões de pobreza rural para cidades médias e regiões metropolitanas, vão engrossar a

miséria urbana. Isto responde a uma lógica de mercado, ou seja, estando o homem do campo incapacitado de obter renda, desassistido de todo e qualquer rudimento de política de Estado e sem perspectivas de melhorias, o impulso migratório é irresistível. E não restam dúvidas de que é uma rup-

tura com valores da vida rural, uma desorganização da família, com uma série de transformações, das quais a mais impressionante de todas talvez seja a mudança no aspecto religioso, ocorrendo o declínio do catolicismo e o fortalecimento das novas religiões.

P — A mão-de-obra hoje, no campo, é idêntica em eficiência à de 15, 20 anos atrás?

R — Nos setores onde prevalece a agricultura moderna está a empresa, e a pequena propriedade é orientada para o mercado. Eu diria até que temos gente eficiente, sensível à incorporação de tecnologia, atenta a custos, etc. Porém, em áreas de estagnação, a desorganização e a desagregação são responsabilidade dos que ficaram. Assim como há zonas de dinamismo, em outras a decadência é terrível.

Ter ou não acesso à eletrificação é estar no século XIX ou XX

P — A volta do homem da periferia urbana ao campo possibilita efeitos imediatos?

R — Em termos nacionais, a questão social deveria ter uma diretiva estratégica que visasse a fixação do homem no campo. Caso isso acontecesse, talvez até alguns retornassem, o que seria uma vantagem fantástica. As regiões metropolitanas brasileiras crescem a taxas superiores a 5% ao ano, apesar da população ter entrado em claro descenso demográfico.

P — Qual o atrativo principal para segurar o homem no meio rural?

R — Sem dúvida é a eletrificação rural. Ter ou não acesso à energia significa estar no século XIX ou XX. Até no sentido figurado “ele evolui para as luzes da cidade”. O homem urbano está tão acostumado a viver com eletricidade que não se dá conta do que ela significa. Sua ausência implica estar submetido a uma dieta alimentar pobre, pois não é possível conservar os perecíveis. Fizemos um trabalho de eletrificação rural no Rio Grande do Sul, com êxito. A experiência revelou uma coisa surpreendente. Em cerca de 100 casas, acompanhadas durante três anos, após a ligação houve 60 casos de pessoas que retornaram, geralmente filhos do casal, que tentaram a vida na cidade

grande. E com o atrativo da luz elétrica regressaram. Mas o importante é estancar a saída.

P — A distribuição da população brasileira no campo e na cidade é igual a dos países desenvolvidos?

R — Não. No Primeiro Mundo a taxa de urbanização é superior à brasileira, provavelmente algo em torno de 80%, sendo que em alguns países da Europa chega a ser superior a 95%. Porém isso não significa que todos trabalham no mercado urbano. No padrão europeu ou em grandes regiões dos Estados Unidos, o rico reside na pequena cidade e tem seu emprego no campo. Entre as vantagens deste procedimento está o acesso a escolas, médicos, cultura, lazer. Enfim, existe uma socialização maior, com a convivência de um grupo mais vasto de pessoas. No Brasil não temos isso, exceto em pequenas regiões, sendo um fenômeno ainda incipiente. Mas a política de fixação do homem no campo, na dimensão de infra-estrutura social, deveria se concentrar no melhoramento das condições de vida nas pequenas cidadezinhas, já que nestes locais é que é preciso deter o êxodo.

P — Que números o censo aponta na direção campo-cidade?

R — O último levantamento não está disponível. No anterior, entre residentes no campo e cidadezinhas (menos de 20 mil habitantes) estava 30% da população brasileira. Provavelmente agora os dados apresentarão números menores, acredito que algo próximo de 25%.

P — As prefeituras, entre outros, estão preparadas para a colocação em prática de um programa de fixação?

R — Infelizmente, não. Creio que uma política que busque fixar o homem no campo precisaria de duas pernas: de um lado, mexer nas condições de crédito e nos sistemas de comercialização. Aí está, digamos, a dimensão crítica do pequeno produtor rural. Por outro lado, deve melhorar a infra-estrutura de suporte das cidadezinhas. Essas prefeituras não

são, via de regra, as de melhor padrão administrativo no País. Nas localidades de porte médio encontramos os melhores exemplos, que não são chaves para tal política. Contudo há experiências em apoio ao desenvolvimento municipal bem-sucedidas, mas isto foi interrompido. O trabalho que realizamos no BNDES, com projetos de incentivo ao pequeno produtor, foi desenvolvido por prefeituras que tinham secretarias de fomento agrícola. Nas regiões prósperas havia a presença maciça de produtores modernos, com bons órgãos municipais de fomento.

O erro do debate brasileiro é discutir o drama dos sem-terra

P — Como poderia ser feita uma reciclagem desse pessoal, já que seus filhos e netos não conhecem o campo?

R — Antes de qualquer coisa é preciso fixar, porque repor jamais foi feito no mundo. Existe um processo de transmissão de conhecimento rural da microrregião, em que o garoto aprende com o pai. Essa cadeia precisa ser preservada, pois reconstituí-la é difícil.

P — Em quanto tempo haveria um retorno na relação custo-benefício com a aplicação de projetos de fixação?

R — Do ponto de vista macroeconômico tem um efeito dinamizador espetacular. Para se ter uma idéia, de 25% a 30% dos residentes na área rural não dispõem de qualquer energia, exceto a pessoal. Caso você leve a esta gente a luz, os padrões de resposta serão fantásticos. Pelo que se sabe, esse pessoal, de imediato, compraria eletrodomésticos, possibilitando à indústria expandir a produção em 20%. O mais engraçado é que a arrecadação tributária com a venda destes produtos, em quatro anos, iria gerar duas vezes o valor do investimento nas linhas. Um programa de eletrificação rural se paga em dois ou três anos.

P — Na prática como funcionaria?

R — É necessário uma estratégia de desenvolvimento nacional, referendada por uma vontade política e decisão concreta de efetivá-la no País como um todo, pois ninguém isolada-

mente conseguirá. Caso uma prefeitura bem avançada faça algo sozinha, o êxodo rural convergirá para ela. Em outras palavras, seria acabar com a agricultura rotineira, de baixa produtividade, transformando os atrasados em modernos. Mesmo em um Estado como Santa Catarina, que conta com o maior índice de produtores modernos, existem locais onde o setor é bastante atrasado.

P — Não seria uma espécie de reforma agrária específica para quem já foi da terra?

R — Qualquer que seja o nome, é uma transformação agrária. Só que o erro do debate brasileiro é discutir o drama dos sem-terra, sem que haja preocupação com os mais de 3 milhões de pequenos proprietários ou posseiros (gente que trabalha em menos de 100 ha) atrasados, que usam mão-de-obra familiar. Então, a questão social brasileira está nesta gente e não no um milhão de sem-terras. A solução é sistema de crédito, comercialização e acesso à assistência técnica. É uma reforma agrária voltada aos que têm terra, e que não colocam em produção porque não podem correr o risco de produzir para o mercado e depois não ter canal de venda. Caso se endividem e quebrem, perdendo a posse da terra, aí sim passarão à condição de miséria.

Um programa nacional não custaria mais do que uma siderúrgica moderna

P — O associativismo de crédito e de consumo estaria engajado na volta ao campo?

R — Eu acho que a cooperativa já é uma forma muito sofisticada de associação, mas também há o recurso de associações e sindicatos.

P — A indústria caseira, por exemplo, é um ponto de atração a mais para o homem do campo?

R — Certamente. A experiência demonstra que onde se desenvolve a atividade rural cresce a malha urbana de apoio ligada ao suprimento da pequena produção agrícola e a seu processamento. E é absolutamente espetacular o que acontece. Em Santa Catarina, por exemplo, há regiões exitosas, onde se desenvolveram diversas indústrias, como em Pinhalzinho (40 mil habitantes), em que se fabricam

chocadeiras, pequenos equipamentos para avicultura e suinocultura, além de ferramentas agrícolas, negociados no mercado local.

P — O aglomerado de pessoas nas cidades acarreta um tipo de poluição?

R — Sim, há uma série de riscos sociais consorciados, entre eles a multiplicação da violência. Enfim, existe uma gama de problemas oriundos das grandes aglomerações. Desta maneira, fica claro que a qualidade de vida é afetada pelas variáveis não-econômicas.

P — Foi feita alguma estimativa de custo para um programa nacional?

R — É muito barato. Considerando as 3 milhões de famílias, a um custo entre seis e sete mil dólares cada, num período de três anos chegaríamos a algo em torno de US\$ 20 bilhões. Para se ter uma idéia do que isso representa, equivaleria ao valor de uma siderúrgica moderna.

P — O que pode e deve ser feito para estancar o êxodo na origem rural?

R — Basicamente criar condições para que o pequeno produtor atrasado evolua em relação à economia de mercado. Ele precisa de segurança para vender a um preço compensador. Produzir para o mercado necessariamente passa por endividamento, mesmo que modesto. Para comprar sementes melhoradas, fertilizantes, equipamentos. Uma idéia básica seria ter um contrato de financiamento com cláusula opcional onde a dívida seja liquidada em dinheiro ou entrega do produto. Contudo, existem problemas sérios para administrar tal tipo de contrato, como falta de padronização do produto, pequena escala, impossibilidade da rede bancária convencional operar contrato desse tipo, etc. Mas a idéia é essa, já que assim haveria garantias ao pequeno rurícola, associando uma forma qualquer de seguro agrícola. E nem o sistema de crédito ou de seguros estão orientados para atendê-lo.

P — E quanto à assistência técnica, como seria prestada?

R — Esta deve ser contratada pela associação ou forma associativa. Eu não desqualifico o atendimento prestado pela rede pública, mas acho que poderia ser dada opção às entidades de contratar o serviço técnico. Ainda assim, pura assistência técnica não resolve, porque o problema principal é aceitar o risco da comercialização.

P — Caso nada seja feito, qual a previsão para essa bomba que se chama explosão urbana?

R — As pessoas não conhecem direito o problema da megalópole. A previsão para o ano 2000, na região metropolitana de São Paulo, é de 20 milhões de pessoas, no Rio de Janeiro, 11 milhões, e assim por diante. Nós não conseguimos resolver problemas elementares da vida metropolitana, como escolas, transporte coletivo, segurança pública... Se você projetar a continuidade desse processo, o cenário é muito assustador, de barbárie social.

Estarmos diante de um problema relevante abre espaço ao debate

P — E dentro desta linha de raciocínio tem espaço para otimismo?

R — Sim, porque penso que os processos de crise começam a gerar na base da sociedade interrogações novas e respostas de naturezas distintas. Jamais consigo projetar o apocalipse, uma vez que as pessoas vão se conscientizando e tomando atitudes que acabam por se transformar em barreiras que evitam a configuração de um quadro pior. Há cinco anos quem falava em meninos de rua? Hoje são manchetes em jornais, rádio e TV, onde o tema está até mesmo banalizado. A questão da pequena produção rural não despertava interesse dentro dos centros acadêmicos metropolitanos. No entanto, nos últimos oito meses, devo ter participado de duas ou três mesas-redondas para debater essa questão, no Rio de Janeiro, que é a província mais urbanizada do Brasil e que não tem praticamente produção agrícola (2% da renda regional). Entretanto, a consciência de estarmos diante de um problema relevante começa a criar espaço para o debate. Eu não consigo ser pessimista a longo prazo.



Editor e
diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska
Diretor-executivo:
Jorge Luzardo C. Silva

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO

Luiz Fernando Boaz (repórter), Antonio Sobral (fotógrafo), Iara Salin Gonçalves (revisão). Colaboradores: Eduardo Hoffmann, Luiz Fernando Lemmert, Paulo Alberto Moraes.

COMPOSIÇÃO

Carlos Zoab (supervisor), Jair Marmet e Paulo Nobre (composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Sérgio Luiz Koan (supervisor de venda avulsa), Gustavo Hoffmann (assistente), Sinara Weber da Costa (coordenadora).

PUBLICIDADE

Isabel Cristina Soares (contato).

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, fax (011) 220-0686, CEP 01045, São Paulo/SP.

Representantes/Publicidade

DISTRITO FEDERAL - OBN - Organização Brasileira de Notícias, SDS Lote 78, Bloco M, Ed. Cine Venâncio Jr., 1º e 2º subsolos, telex (61) 2260, fone (061) 225-6248 e 225-5934, CEP 70302, Brasília/DF; PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, Rua Conselheiro Laurindo, 825, conj. 704, fone (041) 222-1766, CEP 80060, Curitiba/PR; RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 835, fone (021) 256-8724, CEP 22031, Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - Mário Neves - Rua do Ouro, 104 - conj. 902 - fones (031) 223-1964 e 227-6829 - CEP 30210 - Belo Horizonte/MG.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (051) 233-1822, telex (51) 2333, fax (051) 233-2456, Cx. Postal 2890, CEP 90060, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: Cr\$ 6.800,00.

Saiba
as vantagens
de assinar

a granja

Ligue

(051)233-1706

ÍNDICE

NESTA EDIÇÃO

■ **AGRICULTURA**
Você vai ficar sabendo que a produção nacional de trigo, embora ainda não auto-suficiente, já apresenta índices de rentabilidade iguais a muitos países europeus 12

■ **SANIDADE**
Não basta uma dosificação exagerada de vermífugos para que o rebanho fique livre dos vermes que tanto prejuízo causam à pecuária brasileira 28

■ **BOVINOCULTURA**
A exigência de colocar em trabalho touros devidamente testados e aprovados obriga o Estado a fazer avaliação em animais a campo 36

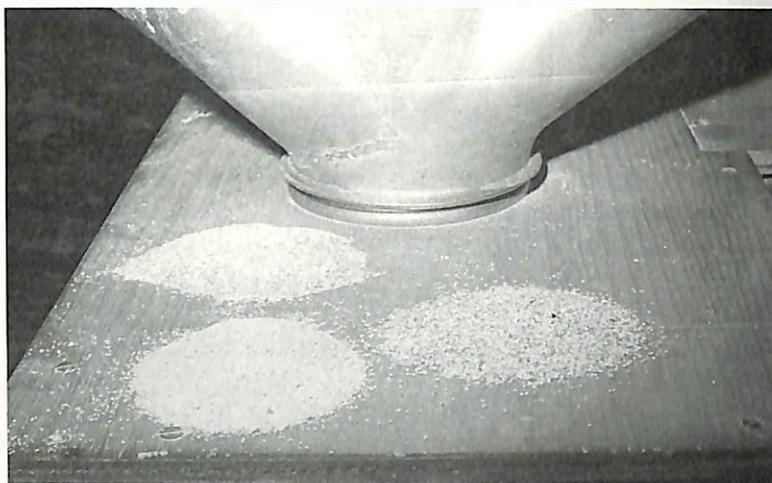
SEÇÕES

- Aconteceu 7
- Caixa Postal 8
- Aqui Está a Solução 9
- Eduardo Almeida Reis 10
- Porteira Aberta 11
- Mundo da Criação 43
- Agribusiness 44
- A Granja Leilões 45
- Trator/Colheitadeira 46
- Novidades no Mercado 48
- Ponto de Vista 50



NOSSA CAPA

Os estabelecimentos de cria bovina cada vez mais necessitam colocar em trabalho touros que tenham atestado zootécnico, sem receberem os cuidados especiais de uma cabanha. Outro tema é a triticultura nacional, a cada colheita sofrendo empecilhos de toda a ordem, de tal forma que, se não houvesse a esperança de dias melhores, há muito teria sucumbido. Para materializar esta esperança, nada mais sugestivo que o riso inocente de Kira no trigo maduro.



Mudança de conceito

Dia 13, sexta-feira, ano bissexto, os jornais de todo o País apresentaram manchetes: "Collor lança pacote agrícola em clima de festa", "Collor anuncia revolução na agricultura", "Medidas para modernizar a agricultura", "É uma vergonha importar alimentos" (Collor).

Além das manchetes, noticiam minuciosamente os números, as estatísticas, as aberturas de crédito, o espírito do plano anunciado lá no campo, onde as coisas realmente acontecem, sendo colhido simbolicamente arroz no Rio Grande do Sul, de manhã, e feijão em São Paulo, à tarde.

O ato expressa, de forma inequívoca, que o conceito anterior de pensar e agir do governo, em relação ao setor primário, está definitivamente enterrado. Em outubro do ano passado, a sinalização, embora emergencial e atrasada, já tinha sido extremamente positiva. As torneiras para um segmento de atividade econômica carente começam a pingar. Já dizia Henry Ford: "Quanto mais trabalho, mais sorte tenho". Pois o governo trabalhou, e São Pedro atendeu. A safra de verão que hoje se festeja, embora pequena, está baseada no tripé: o trabalho de quem produz e corre riscos, a alavancagem creditícia do governo e, é claro, a chuva. No ano anterior, o tripé foi a falta de chuva, a descapitalização do produtor e a falta de crédito.

Na segunda bala veio o tiro certo

O Brasil, e especialmente a classe rural, teve o imenso azar de, em 15 de março de 90, ver ungida a ex-senhorita Zélia Cardoso de Mello como czarina dos destinos da nação. No Ministério da Agricultura assumiu Joaquim Roriz. Mas, aí, aconteceu algo que se repetiria seqüencialmente com outros titulares ministeriais: todas as trocas foram para melhor. A primeira alteração foi com Roriz, substituído pelo jovem paulista, pecuarista e agricultor, Antônio Cabrera Mano Filho, que logo passou a atender pelo nome de guerra, Cabrera. O ministro começou a guerra fazendo a guerrilha, vendendo seu peixe, apresentando serviços e mostrando que o

Brasil tinha um fazendeiro "alcoholic-worker". Seu grande lance aconteceu quando, sem ser político, descobriu que a força estava no Congresso e não exatamente no superministério da Economia. Deu-se conta que havia um partido sem rótulo: a bancada rural. E, lá no Congresso, emplacou a Lei Agrícola, para desespero da namorada do então ministro Bernardo Cabral. Nesta primeira vitória da produção primária contra os desígnios da senhora Chico Anísio, a classe percebeu que, apesar de tudo, estava com sorte, porque realmente tinha um ministro. Alguém que não simplesmente ocupava um espaço no Ministério, mas um comandante. Firme, eficiente e conhecedor do ramo. Sorte tinha e tem o setor por ser representado por um ministro sobre o qual não paira suspeita de corrupção. Ave, Cabrera. Sem você, provavelmente, o pacote do dia 12 último não teria sido confeccionado, amarrado e despachado. E, muito menos, aconteceu algo subjacente, que é muito mais importante: o conceito global que a retomada do crescimento econômico começa pela agricultura.

Nova frente de batalha

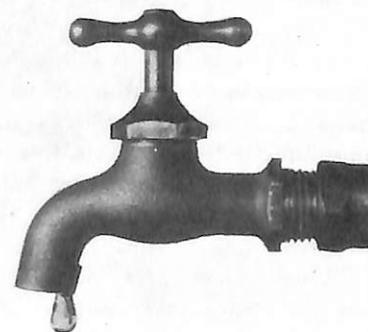
Se a safra de verão, embora de entusiasmar, está longe, muito longe, de ser uma supersafra, como querem alguns setores do governo e jornalistas desinformados, pois apenas evitou-se outra safra vergonhosa, não resta dúvida de que o pacote anunciado completa um leque absorvente de medidas emergenciais a apontar os rumos das intenções do Executivo. No entanto, a voracidade burra dos governos estaduais em taxar o produto primário com excessiva carga de impostos faz com que a batalha para deslanchar a agricultura somente mude de alvo. Em recente declaração, o diretor do "holding" Bamerindus e senador da República, José Eduardo de Andrade Vieira, declarou que a decisão dos Estados do Paraná e de São Paulo de reduzir a alíquota de ICMS sobre os produtos da cesta básica e aumentá-la para o combustível terá reflexos negativos sobre a inflação. "A alíquota de 25% é muito alta", diz Andrade Vieira, e acrescenta: "Com a produção para produtos da cesta básica, o Paraná perdeu dois bilhões, mas ganhou vinte bilhões. Isto vai contribuir para a

elevação dos custos dos produtos, inclusive, é claro, os da cesta básica".

Simple e fácil. A redução do ICMS diminuirá de cara a sonegação e a inflação. A "intelligentzia" econômica de todo o mundo está cansada de saber disso. Mas, os senhores governadores e secretarias de Fazenda, em sua pantagruélica voracidade fiscal e despreparo, resistem, apesar do empenho do governo federal em alertá-los para essa miopia de ação. Sem dúvida, está por ser urgente uma vigorosa campanha de guerra aos impostos estaduais comandada pelo agribusiness, para reverter também aqui o conceito obtido de arrecadar para instrumentalizar a inflação e incentivar a sonegação.

Por baixo do poncho

Dia 14, sábado, as agências do Banco do Brasil abriram excepcionalmente as suas portas para receberem propostas de financiamento dos produtores rurais, o que foi anunciado 48 horas antes, com pompa e circunstâncias pelo próprio presidente Collor. Da euforia ao choque bastaram poucos minutos. Porque lá, na hora da verdade, o mutuário ficou sabendo que a soltura da grana não era bem assim. Antes de mais nada, o importante era acertar antecipadamente a aplicação financeira. Agora, as lideranças da classe rural estão sugerindo que as conversas com os gerentes do Banco do Brasil sejam feitas com gravador oculto, como a moda está a exigir. De qualquer maneira, para apurar a denúncia basta averiguar se o financiado é também, surpreendentemente, investidor. ☞



Graças a Deus,
está chovendo na
nossa horta!

Pai trocado

“Lendo a revista A Granja nº 420, página 43, surpreendeu-nos a entrevista do dr. Sackmann Muriel, onde diz que a grande campeã de Esteio, de nossa criação, é filha do touro ‘Yerovia’, pois na realidade o pai é o touro ‘Red Dynamo de Paineiras 369’.

Sem mais, colocamo-nos ao inteiro dispor para quaisquer outras informações que se façam necessárias.”

*Lila Franco Tellechea
Uruguaiana/RS*

Embalagens agrotóxicas

“Tendo em vista a grande preocupação com o ambiente, a questão das embalagens de agrotóxicos merece uma atenção especial dos fabricantes desses produtos. Na prática, o que vem ocorrendo é que 90% desse lixo vai para a beira de estradas ou fica atirado num canto da lavoura, podendo os resíduos drenar para rios, fontes e lençóis d’água. A recomendação técnica é enterrar ou encinerar as embalagens, o que raramente acontece.

O despreparo de alguns agricultores e o pouco caso de certos fabricantes preocupam, uma vez que venenos com efeito cumulativo nas lavouras de arroz, soja e outras permanecem acabando com nossa flora e fauna.

A sugestão é que, para evitar esta situação, a indústria responsável por cada produto recolhesse as embalagens através de suas revendas. No momento em que nova compra fosse efetuada, o agricultor, mediante a devolução das embalagens, receberia um desconto, com a finalidade de estimulá-lo a essa prática. Sabe-se que a estrutura que estas indústrias podem propiciar é mais adequada à reutilização ou eliminação desses materiais.

Espera-se que as empresas sensibilizem-se e tomem uma atitude que venha a resguardar as lavouras e, princi-

palmente, a população, que é, enfim, quem sustenta o desenvolvimento agrícola de nosso País.”

*Lamar Tadeu Donatto
Caçapava do Sul/RS*

Plasticultura

“Leitor assíduo e assinante desta revista, há muito tempo tem me chamado a atenção a necessidade de ingressar na prática da ‘horta de estufa’ ou plasticultura, como também é chamada.

Quando se produz em quantidade e se tem um bom lucro, todos os viziños, atraídos, entram na concorrência, ficando-se sem saber o que seria o certo: tecnologia-modernidade ou a teoria do ‘quanto pior, melhor’.

Por isso, convidamos o Dr. Augusto Uehara, de Guaíba/SP, hoje prestando relevantes serviços em Andradina/SP, que proferiu palestra em Guaíba e em nossa cidade. Em Andradina estão expandindo a atividade, já sendo superados os problemas de escoamento da produção. Sugerimos a ele, o que foi aceite, fazer uma caravana para visitar esta localidade, em busca de maiores esclarecimentos.

Assim, para lá nos dirigimos em ônibus patrocinados pela Prefeitura de Barretos, e com refeições e alojamento por conta da Prefeitura de Andradina, a cujos prefeitos agradecemos pela boa-vontade, compreensão e incentivo à causa da modernização e da mão-de-obra melhor remunerada.

Para esclarecer os senhores, da Imprensa, informo que, aqui em Barretos, foram montados vários sacolões, varejões, supermercados e mercadinhos. Todos vendem os produtos hortifrutigranjeiros, na maioria trazidos de locais distantes em todos os tipos de transportes: caminhões, caminhonetes, peruas, etc., levando daqui, como carga, apenas o nosso dinheiro. Portanto, achamos que nossa participação se faz necessária, pois contamos com mais de 20 anos de experiência, organizando dia de campo e prestando esclarecimentos sobre a

diversificação, com tecnologia e dedicação, para que o produto chegue até o consumidor final com melhor qualidade.

Na hipótese dos senhores se interessarem pelo assunto e tiverem vontade de colaborar, estou inteiramente à disposição.”

*Nobuhiro Kawai
Barretos/SP*

Gafanhotos, saltões & Cia. Ltda.

“De tanto acompanhar pelos jornais a ‘briga’ entre ecologistas e autoridades, para eliminação do gafanhoto, aqui no Rio Grande do Sul, e não podendo dar um grito de alerta, sigo o conselho de um amigo e faço da nossa A Granja um megafone para dizer que o problema é muito antigo. Desde o início do século, em minha região, que abrange Alegrete, São Francisco de Assis, Santiago, São Vicente e outros municípios, o saltão, como é chamado o gafanhoto que não migra, era facilmente controlado através de um processo que o tempo deve ter apagado da mente dos criadores e agricultores. Este método consistia em fazer grandes valetas, com a profundidade de duas pás de corte (aproximadamente 45cm) e com a largura de meio cabo de pá (aproximadamente 60cm). Esta valeta, geralmente no meio de uma lavoura, era o obstáculo para que os saltões que fossem enxotados, com galhos batidos no chão, pela molecada e até por gente grande e abonada, fossem caindo dentro delas para depois serem soterrados. Creio que, hoje, não haveria mais o soterramento, pois como esses insetos são pura proteína, possivelmente seriam ensacados e vendidos para alguma fábrica de ração para animais. A coisa deve alimentar, pois São João Batista ficou 40 anos no deserto comendo gafanhoto com mel.”

*Euclides Gonçalves da Silva
São Francisco de Assis/RS*



Controle biológico para ataque do borrachudo

“Os mosquitos são uma verdadeira praga em várias regiões de Santa Catarina, como, de resto, em outros Estados brasileiros. Os repelentes não conseguem mais impedir o assédio destes borrachudos. Não haveria alguma forma de cortar o mal pela raiz, isto é, impedi-los de nascer?”

José Luís Kniewetz
Seara/SC

R — Os borrachudos constituem-se problema muito grave para a saúde pública, sobretudo devido às reações provocadas por suas picadas, que vão desde uma simples irritação até estados febris e hemorrágicos. Além do homem, as aves, os bovinos e os eqüinos podem sofrer com seus ataques. As melhores condições para a proliferação dão-se em regiões de topografia acidentada com rios e córregos encachoeirados.

De hábitos predominantemente diurnos, os borrachudos estão disseminados por todo o Brasil. A fêmea necessita de sangue para a fertilização dos ovos, ao passo que o macho se alimenta da seiva de plantas ou néctar de flores, bem como de larvas de resíduos orgânicos, bactérias, fito e zooplâncton. A espécie apresenta os estágios de ovo, larva, pupa e adulto.

O engenheiro-agrônomo José Lino Rosa desenvolveu o trabalho “Controle Biológico do Borrachudo *Simulium*”, na região de Videira/SC (baseado no programa desenvolvido pela SAA/RS), que pode justamente se aplicar neste caso. A sistemática adotada foi a seguinte:

* O local onde se procedeu ao controle biológico foi o Rio dos Porcos, que abrange as comunidades de São Brás, São Roque e Santa Lúcia, todas pertencentes ao município de Videira.

* O clima desta zona registra uma temperatura que oscila entre 3°C e 18°C; a precipitação do mês mais seco é maior que 1/10 da precipitação do mês mais chuvoso, sendo que a temperatura média mensal excede 10°C por mais de cinco meses.

* Antes das aplicações do *Bacillus thuringiensis* variedade *israelensis*, foram observados diversos pontos do Rio dos Porcos e seus afluentes para que fosse determinado o início das aplicações do B.t.i. .

* O produto comercial utilizado para o controle dos borrachudos foi o *Vectobac 12 AS*. As dosagens empregadas basearam-se em cálculos de vazão efetuados com o micromolinetete *A.OTT-C2* para os afluentes, e com uma calha “Parshall” adaptada para o curso principal dos rios com seus afluentes.

Como resultado, garantiu o agrônomo, houve uma mortalidade larval de 100% num espaço de tempo que variou de duas a três horas após a aplicação. Esta ocorreu com regadores previamente calibrados. A estratégia adotada foi de três aplicações iniciais com intervalos de 15 dias, para fechar o ciclo de vida do inseto. Posteriormente houve aplicações de manutenção a cada 60 dias na primavera e verão, e a cada 90 dias no outono e inverno. “Este método é, sem dúvida, o mais eficaz e econômico para combater o borrachudo.” Outras informações na Acaresc/Empasc (Estação Experimental de Lages) pelo fone (0492)22-2411.

Chimarrão em perigo

“Cultivamos erva-mate no oeste catarinense. Estamos enfrentando sérias dificuldades para controlar o ataque de pragas durante a brotação. O que a pesquisa recomenda neste caso?”

Pedro Santos
Chapecó

R — O entomologista José Maria Milanez, pesquisador do Centro de Tecnologia Agrícola do Oeste/SC, adverte para o perigo do uso indiscrimi-

nado de inseticida nas plantações de erva-mate, podendo ocasionar intoxicação pelo consumo de chimarrão ou chá. Na época de brotação das ervateiras, a incidência do ataque de lagartas é maior, pois elas preferem as folhas novas. Caso o produtor não tome providência, os ervais poderão ser devastados.

Dois problemas surgem, de imediato, com a aplicação de produtos químicos: o primeiro é a inexistência de produtos devidamente registrados para combater as pragas na cultura; o segundo, ainda mais grave, é o emprego de inseticidas de maneira inadequada. Para evitar situações desta natureza, os novos projetos para a cultura devem ser concebidos de modo racional.

É indispensável a existência de bosques ou faixas de matas nativas junto às lavouras. Essas áreas servem de refúgio para os inimigos naturais, que mantêm o equilíbrio das populações das pragas nos ervais em formação ou brotação.

Outra alternativa que podemos recomendar para combater determinadas espécies de pragas é a poda e a queima de galhos infestados. Além disso, o inseticida biológico à base de *Bacillus thuringiensis* pode dar bons resultados, especialmente contra a lagarta desfolhadora. O pior inimigo do ervatal é a “broca”, que pode atingir 100% das plantas.



Churrasco misto

Afirmar que a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, pilotada pelo cardeal Joseph Ratzinger, seria uma espécie de Tribunal do Santo Ofício moderno, como fez a revista *Veja*, é no mínimo um exagero. A Congregação de Ratzinger cuida dos problemas da Igreja Católica, enquanto o Santo Ofício transformava todo mundo em churrasco.

Se não recorria à chuleta, curtia churrasco de chulé, que consistia em retalhar as plantas dos pés das vítimas, untá-las com manteiga e aproximá-las do fogo. Alexandre Herculano nos deu a receita, documentadíssima, do tal churrasco. No potro ou na polé o sujeito confessava qualquer coisa, como aquela múmia que o egiptólogo português submeteu ao tratamento de choque nos porões da PIDE.

No *affaire* Ratzinger x Leonardo Boff, este admirável ecologista que emergiu das cinzas do marxismo para a ribalta verde, o cardeal da Sagrada Congregação cuidava apenas de enquadrar uma ovelha supostamente pertencente ao seu rebanho, que não se conformava com o manejo da empresa.

Se, amanhã ou depois, eu me transformar em pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, como tenho desejado ardentemente, o mínimo que se pode exigir de mim é que aceite as regras impostas pelo santo bispo Macedo. Para insurgir-me contra a orientação do piedoso homem, é melhor que eu vá pregar noutra paróquia.

O fato é que estou maçando o leitor com churrascos de chulé, frades ecologistas e bispos universais, quando tenho aqui à esquerda da máquina, através da tela de náilon da janela, uma lua que é um queijo! Acima dela, à direita, um planeta cujo nome ignoro, mesmo porque minha ignorância em astronomia é astronômica. Li al-

guma vez, em algum lugar, que há 2.500 estrelas visíveis a olho nu em nosso hemisfério. Conheço o Cruzeiro do Sul, as Três Marias, e olhem lá.

Um dos meus amigos, astrólogo famoso e profissional, não se acanha de confessar em *off* que tudo aquilo é picaretagem. Jamais acreditei em horóscopos, mapas astrais e outras tolices, mas a confissão do excelente amigo me chocou. Seria como ouvir do bispo aqui da diocese que ele também não acredita em Deus. Ao menos para efeito externo, ele precisa dizer que acredita. Muito embora, a julgar pela sua cara e pela sua antipatia, tenha mais afinidade com o diabo.

Alguns dos meus amigos padres parecem realmente acreditar naquilo que pregam, ainda que a maioria não faça aquilo que recomenda. Em outras palavras: a maioria não é cristã. De qualquer forma, é confortador saber que padres católicos possam ser amigos de quem não é católico de carteira, e convidá-lo para cervejadas e churrascos de outras carnes que não as de seu (meu) pobre pé.

Astronomia e astrologia não têm o menor parentesco, pois astronomia é coisa séria, é ciência. Seus números e suas conclusões encantam e espantam. Habitamos um planeta comum, girando em torno de uma estrela comum, numa galáxia comum: Terra, Sol, Via Láctea.

Isto é o feijão com arroz da astronomia. A partir daí o negócio começa a complicar-se. Recuso-me a falar de buracos negros e estrelas de nêutrons, quando só quero falar da Lua, que vejo aqui pela janela, redondona, lindo-

na, parecendo queijo do Serra, que pede cerveja muito gelada.

Cuidemos, agora, das espatódeas. Plantei uma porção delas, vinte ou trinta, e as mudas foram compradas no viveiro do IBDF. As árvores se desenvolveram razoavelmente, mesmo porque o solo não é nada especial. Tenho notado que, nas regiões de melhores solos, as espatódeas ficam mais bonitas, maiores, suas copas são de um verde mais escuro.

Pois bem: quando minhas árvores já estavam crescidas, precisamos passar com a fiação elétrica por cima de uma delas. Mais dia, menos dia, esta se enroscaria nos fios que levam corrente para a antena de TV, no alto do morro. Daí a necessidade de mudá-la de lugar.

O transplante foi feito sem qualquer cuidado, sem desmamar a árvore, sem levar quantidade apreciável de terra junto com as raízes. Aliás, desconfio de que muitas raízes foram cortadas, na pressa de tirar a árvore da reta, que nos levaria à antena e ao mundo civilizado pelo Xou da Xuxa, pelo Domingão do Faustão, pelo Programa Sílvio Santos.

Adoro árvores, já plantei milhares delas, mas não sou ecochato, nem eco-histórico, para chorar por causa de uma árvore que tenha de ser abatida ou transplantada.

Pois bem: hoje, passados 5 anos, uma espatódea se destaca das demais. Está maior, mais bonita, mais verde, mais copada. E é justamente aquela que foi mudada no grito, sem qualquer cuidado. De duas, uma: ou a espatódea é feita mulher de malandro, que gosta de apanhar, ou a tal árvore era tão melhor que as outras que, mesmo maltratada, acabou se destacando.

E agora, se me dão licença, vou para o alpendre curtir a lua. 



Quando a comunicação joga contra

Dizem que o gaúcho sabe produzir, mas não sabe vender, em especial a turma do setor primário. Não há dúvida de que os paulistas, bem como os paranaenses, nas áreas da comunicação, promoção, vendas e marketing realmente dão de relho na gauchada. Senão vejamos: a Cabanha Azul, expressão definida da aristocracia rural rio-grandense, com mais de cem mil hectares bem trabalhados com pecuária e arroz, vencedora de caderno em Esteio, nas raças aberdeen angus, devon, hereford e ibagé-brangus (bovinos), e corriedale e merino (ovinos), tem seu logotipo das boutiques de carne inspirado na logomarca dos restaurantes Rubayat, de São Paulo. Além disso, pasmem: a cabanha é azul, mas a marca é em vermelho!

Mostrando seu poderio econômico,

a Cabanha Azul possui no centro de Porto Alegre um edifício de nove andares, com frente para duas importantes ruas, dispondo, ainda, em seu interior, de conhecida galeria com 43 lojas. Seu nome? Luza. É isso mesmo. Luza com "z". Por quê? Claro que você não percebeu, mas com uma bula explicativa tudo fica esclarecido. É azul de trás para frente!

No visual, o "imbróglio" também é grande. Cada vez que você lê "Luza", o *design* é diferente. Mas tem mais: a Cabanha Azul está desenvolvendo um projeto ambicioso na área de cruzamento bovino. Seu nome? Natura. Sim, "natura", palavra associada à natureza, à ecologia, à preservação de produtos naturais, ou então que lembra os xampus, que todo o dia estão na televisão em rede nacional e nas páginas de Veja, Cláudia, Elle, etc. A Natura tem um house organ, o jornal Natura, impresso em preto e, isso mesmo, você acertou, vermelho! Enfim, produção, nota dez. Comunicação, zero.

Guerra de hotéis pelo devon



Já se tornou rotina a Associação Brasileira de Criadores de Devon (ABCD) realizar as suas convenções no Hotel Serra Azul, em Gramado/RS. Várias são as razões que levaram a entidade a fazer tal opção, mas não há dúvidas de que a mais forte é que os proprietários do hotel são criadores da raça. Em junho próximo haverá o Congresso Mundial de Devon, evidentemente no mesmo local. Até o momento, mais de cem inscrições estão garantidas, provenientes de várias partes do mundo, o que antecipa o sucesso desta iniciativa da ABCD.

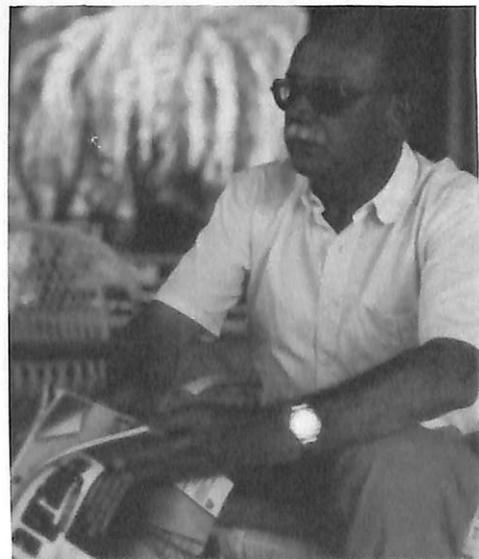
Um famoso hotel da região, de olho nas "verdinhas" que poderiam

recheiar seus cofres, não hesitou em tentar levar o evento para seus domínios. Até aí tudo bem, já que a concorrência é livre e saudável. Porém, o único problema é que o proprietário cria outra raça bovina de corte, o que deixaria a ABCD numa situação nada agradável perante seus associados, caso aceitasse o convite.

Interesse obscuro

No futebol, em time que está ganhando não se mexe. Pelo menos assim pensam vários treinadores. No município de São Gabriel/RS, de uma hora para outra acabaram com o programa de teste de reprodutores lá desenvolvido. O pecuarista Carlos Flávio Pereira de Souza, que testava cerca de dez animais por ano, ainda não conseguiu entender os motivos que determinaram o fechamento da estação. A única explicação dada pelos diretores, na oportunidade, era que tinha sido ordem superior. O fato torna-se menos compreensível por não haver qualquer custo para o Estado, sendo o corpo técnico pago pelos criadores.

Uma atitude irresponsável como esta vem em prejuízo de toda uma classe de produtores, empenhada em melhorar os índices de ganho de peso do gado brasileiro. Isto é lastimável, sobretudo tendo em vista que a estação é um órgão público, que deveria estar desatrelado de quaisquer interesses pouco claros, não é verdade?

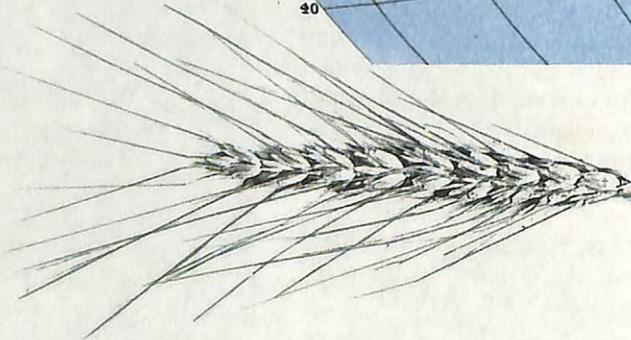
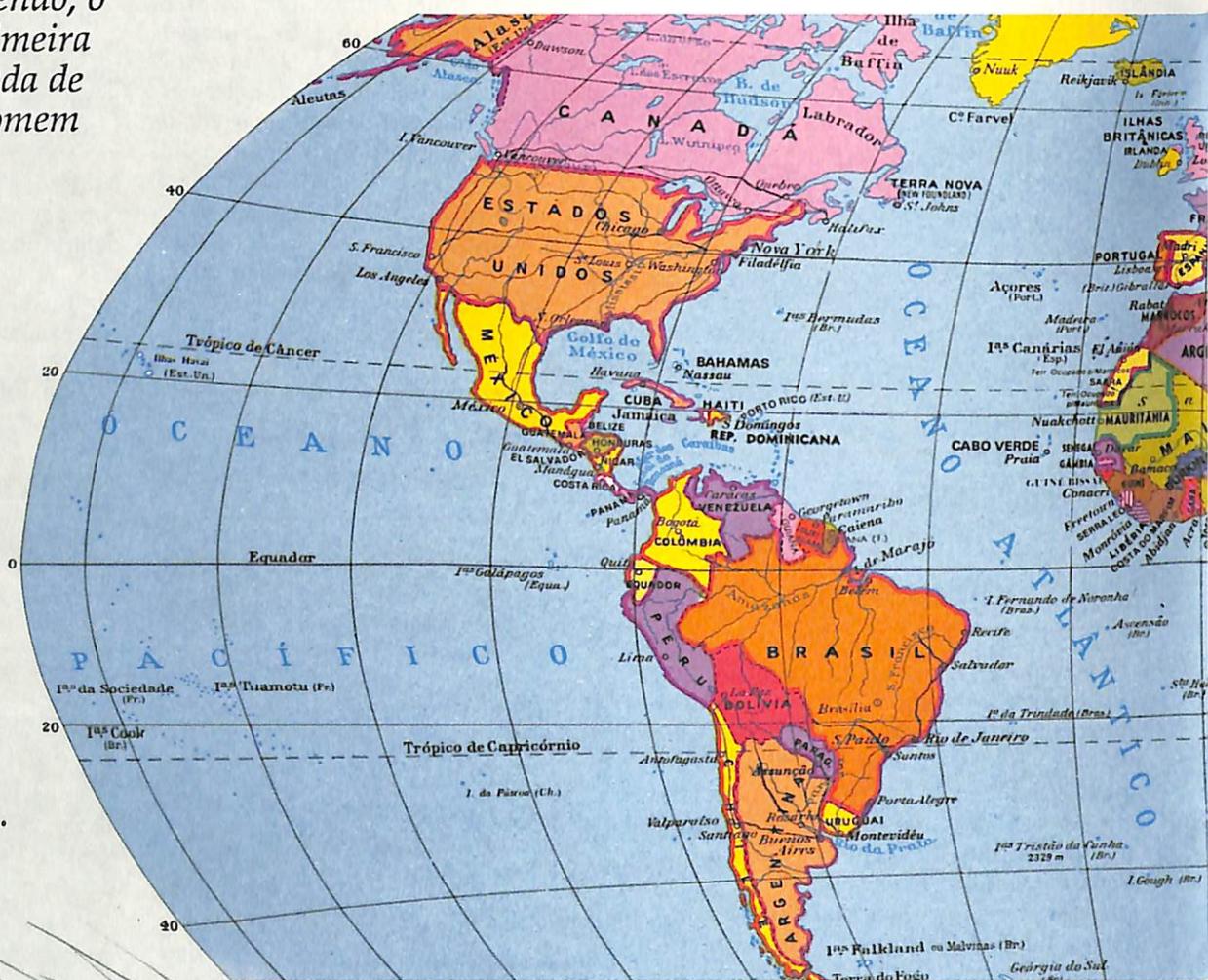


Perigos ameaçam o trigo

A domesticação do trigo, se verdadeiras as conclusões tiradas a partir de fósseis desse cereal encontrados no Oriente Médio, deve ter começado há pelo menos 10 mil anos. E, assim sendo, o trigo terá sido a primeira planta a ser utilizada de modo geral pelo homem como fonte de alimento. Os fósseis localizados nas planícies da Mesopotâmia permitiram, assim, que a humanidade deixasse para trás o nomadismo, uma vez que passaram a dispor de uma fonte segura para o abastecimento, graças à armazenagem.

Os últimos dados históricos sobre a disponibilidade de sementes indicavam a existência de mais de 17 mil cultivares diferentes e produtivos, desde a latitude 67 graus-Norte e 45 graus-Sul. Desde sua origem, a partir da combinação

de três espécies ancestrais, o trigo vem trilhando os caminhos do aprimoramento. Primeiro, a própria natureza se encarregou de dar o empurrão inicial na seleção, através



nosso de cada safra

da polinização pelo vento e pelos pássaros e insetos. Depois, já nos séculos

XVII e XVIII, foram iniciadas as práticas concretas de seleção, com vistas

ra, foi obtida através de seleção não consciente efetuada pelos agricultores da era neolítica.

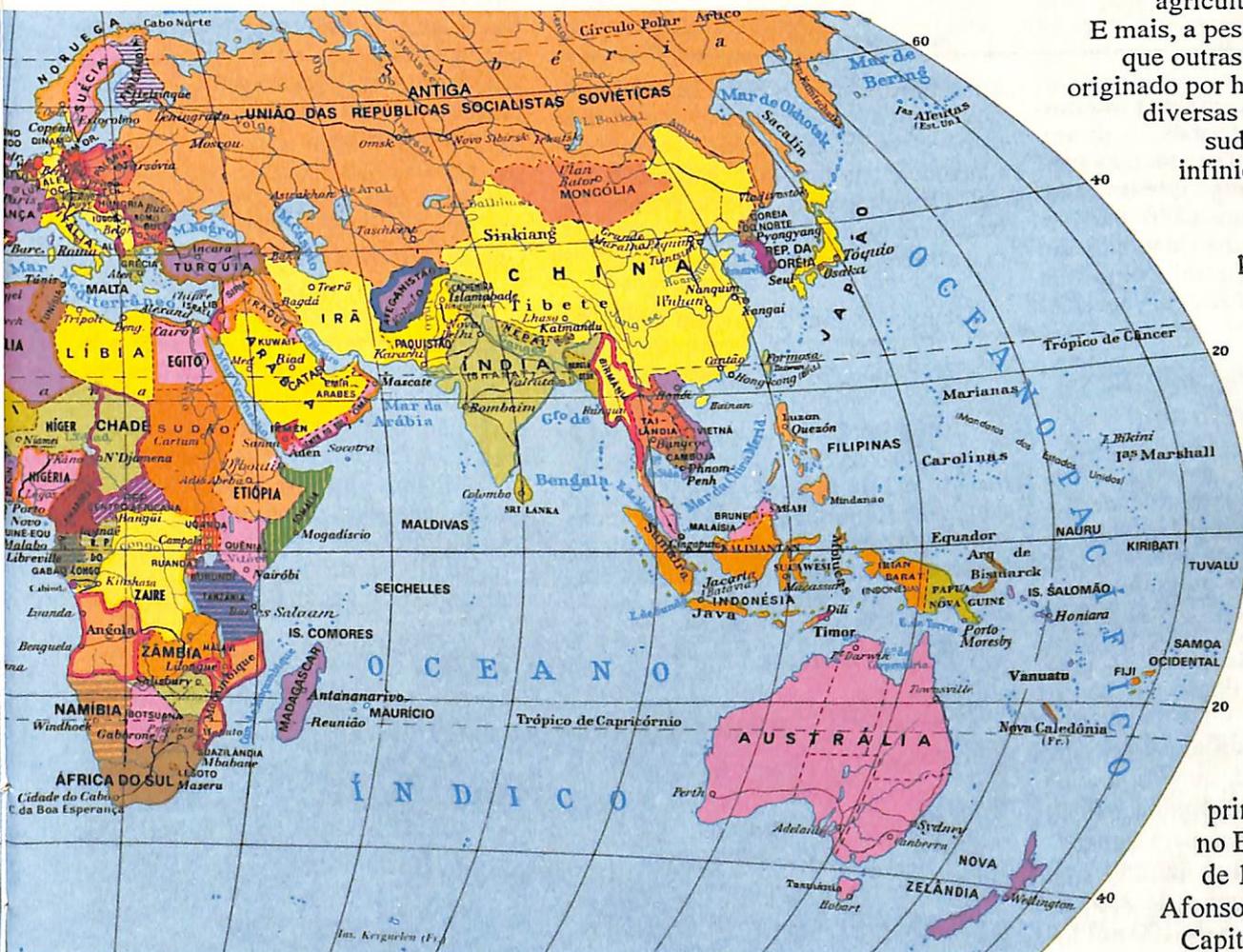
E mais, a pesquisadora acrescenta que outras formas devem ter se originado por hibridação natural em diversas regiões, inclusive no sudoeste da Ásia. Dessa infinidade de cruzamentos naturais e dirigidos resultaram duas principais matrizes: o

T. durum — apropriado para a produção de massas e que hoje representa 5% da produção mundial, e o *T. aestivum* — um trigo mais flexível e, portanto, mais adequado à fabricação de pães.

Pasmem: o Brasil já foi exportador de trigo. Mas isso foi há muito tempo. A primeira notícia de trigo no Brasil remonta ao ano de 1534, quando Martim Afonso de Souza aportou na Capitania de São Vicente.

As sementes do cereal-rei logo se espalharam por outras regiões do País, levadas pelos desbradores e, principalmente, pelas mãos dos religiosos em suas missões de catequese.

Foi rápida a evolução do cereal naqueles tempos. Já em 1780 ocupava a primeira colocação entre as atividades agrícolas. Uruguai e Argentina eram compradores do trigo produzido no



ao melhoramento programado das plantas cultivadas.

Um trabalho realizado pela pesquisadora do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo — CNPT/RS, Maria Irene de Moraes Fernandes, afirma que foi o cruzamento artificial entre espécies envolvidas e o estudo do pareamento

dos cromossomos na meiose das plantas híbridas, associados a outras evidências, que permitiram a identificação das espécies que deram origem ao trigo atual.

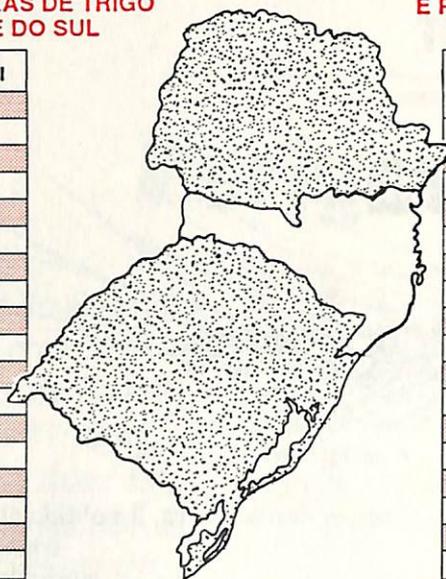
As formas primitivas, segundo ela, não possibilitaram a colheita pelo homem, uma vez que as espigas não se mantinham fixas na planta. Esta característica, essencial para a agricultu-

EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE TRIGO NO RIO GRANDE DO SUL

Ano	Rio Grande do Sul
	TRIGO
62	544
64	541
66	545
68	689
70	1.584
72	1.837
74	1.397
76	1.759
78	1.220
80	1.435
81	879
82	1.377
83	683
84	722
85	941
86	1.169
87	981
88	1.051
89	767

E PARANÁ NO PERÍODO DE 1962 A 1989

Ano	Paraná
	TRIGO
62	85
64	83
66	85
68	124
70	287
72	375
74	662
76	1.482
78	1.345
80	1.569
81	931
82	1.232
83	926
84	913
85	1.237
86	1.492
87	1.717
88	1.857
89	1.848



Fonte: IBGE

Rio Grande do Sul, o maior produtor naquela época. Essa condição durou até mais ou menos 1820, quando surgiu a "ferrugem", fungo que teve um efeito devastador: em 1820 não se plantou nem um metro quadrado de trigo no Rio Grande do Sul, conforme dados do historiador Alfredo Varela.

Às estações experimentais devem ser creditado o renascer da triticultura

Foi a partir da segunda metade do século XIX que o Brasil voltou a plantar trigo, especialmente com a chegada dos primeiros imigrantes europeus, alemães e depois italianos, que trouxeram variedades cultivadas naquele continente. Só em 1922, praticamente 100 anos depois, é que a produção voltou aos altos patamares já atingidos, de 388 mil alqueires cultivados. (Esta medida, que era a adotada em Lisboa, correspondia a 13,8 litros, mas era variável para superfícies, equivalendo a um terreno que comportasse um alqueire de sementes.) A safra colhida foi de 100 mil toneladas.

Concorreu para esse reaparecimento do trigo no contexto agrícola o trabalho realizado pelas duas primeiras estações experimentais criadas no Brasil: uma em Veranópolis/RS, outra em Ponta Grossa/PR. Por aquela época foram recolhidas amostras de cultivares usados em todo o País, dando início aos trabalhos de melhoramento desse cereal. No entanto, somente

após 1950, é que os primeiros resultados práticos puderam ser apreciados com o lançamento de várias linhagens, denominadas Alfredo Chaves (Veranópolis), que serviram de base para os primeiros cultivares obtidos através de cruzamento artificial.

Depois de cinco anos de boas safras acompanhadas de aumento de produtividade, as péssimas colheitas, em 1990 e 1991, trouxeram desânimo aos triticultores de todo o País. Esse sentimento só foi minimizado no último dia 12 de março, quando o presidente da República, juntamente com sua comitiva, integrada pelo ministro da Agricultura, Antônio Cabrera, anunciou durante a abertura oficial

da colheita da safra 91/92, em Jaguarão/RS, nada menos do que Cr\$ 650 bilhões para o custeio da lavoura de trigo neste ano. Com essa medida, a área cultivada com este cereal, considerada a cultura de inverno mais importante, deverá aumentar. Essa pelo menos é a opinião de produtores desde São Paulo até o Rio Grande do Sul. Na Cooperativa Agrícola da Colônia Rio-Grandense Ltda. de Maracai/SP, a 490km da capital paulista, 25% das 50 mil sacas de sementes de trigo disponíveis já estão reservadas, segundo informa Ulisses de Agostini, responsável pela produção de sementes da entidade. No ano passado, lembra ele, a cooperativa comercializou 38 mil sacas de sementes do grão. Para ele, ainda há outro fator que deverá influenciar a decisão de plantio favorecendo o trigo: é que o período recomendado para a semeadura do milho já está esgotado, ficando o trigo como melhor alternativa.

Na relação proporcional máquina/trigo, o cereal sempre fica defasado

O Paraná, que é responsável por 60% da safra nacional, deverá aumentar a área de cultivo com a gramínea, e se não isso, no mínimo repetirá a área do ano passado, que foi de quase 1,2 milhão de hectares. Quem garante isso é o chefe do departamento econômico da Organização Central das Cooperativas do Estado do Paraná, Nelson Costa. Na sua opinião, soman-



O plantio obedecendo curvas de nível apresenta dupla vantagem: conserva o solo e aumenta a produção

do-se o bom VBC, Cr\$ 371.385,00 por hectare, com o preço mínimo, de Cr\$ 234.000,00 a tonelada, ou US\$ 142 — que embora não chegue aos US\$ 167 propostos pela Ocepar, já significa um estímulo aos produtores. Esse número representa o preço médio do trigo importado pelo Brasil no período de 80 a 89.

Há que se atentar para o fato de que a triticultura nacional vem empobrecendo nos últimos anos, conforme dados levantados por José Roberto Canziani, economista da Ocepar. Baseado nessas informações, ele afirma que praticamente todos os indicadores técnicos, econômicos e financeiros vinculados à cultura mostram resultados negativos.

Em novembro de 86, por exemplo, eram necessárias 50,8 toneladas de trigo para adquirir um trator MF-275. Cinco anos após, o valor do mesmo trator correspondia a 240,1 toneladas do cereal, ou seja, houve uma perda no poder de troca do trigo frente ao trator de 372,6%. No mesmo período, o decréscimo em relação a uréia foi de 194,4%, conforme mostra Canziani.

É por isso que a área semeada com



Carmine Rosito, da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja

trigo caiu de 1,72 milhão de hectares, para 1,19 milhão, representando uma diminuição de área de 43%. A causa principal disso, na opinião do técnico da Ocepar, é a sistemática redução dos preços recebidos pelos agricultores nas últimas safras, resultando em drástica queda da rentabilidade do setor e do poder de troca da cultura.

O assessor econômico da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja

do Rio Grande do Sul-Fecotrigo, Carmine Rosito, lembra que o trigo representa 80% da lavoura de inverno, agrupando 70 mil produtores no Estado. Ele entende que esta importância é maior na medida em que o cultivo de inverno serve para baratear as lavouras de verão com as quais divide o custo fixo.

As adversidades enfrentadas pela lavoura do trigo tiveram efeitos imediatos, traduzidos pela redução do volume colhido nos últimos dois anos. Paralelamente a isso, Rosito lembra que os acordos políticos assinados pelo governo do ex-presidente José Sarney e de seu colega argentino, Raúl Alfonsín, em 1986, vieram a agravar essa situação, cujas conseqüências bem podem ser avaliadas hoje. Este acordo, que em anos posteriores foi renovado, estendeu os prazos de internalização, no Brasil, de 2 milhões de toneladas de trigo argentino até 1994, ano que antecede à queda das barreiras alfandegárias e à oficialização do Mercosul.

Na época da assinatura do acordo, o Brasil estava às portas da auto-suficiência. O País havia colhido 6.191 milhões de toneladas, para uma ex-

TRESMAIENSE

SUA CARGA NO RUMO CERTO.

ATENDIMENTO INTEGRAL NO RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS E NAS PRINCIPAIS CIDADES DE MG, MT, RO E AC, COBRINDO 1.800 MUNICÍPIOS SEM REDESPACHOS ATRAVÉS DE 95 FILIAIS. PENSE NISSO NO SEU PRÓXIMO EMBARQUE.



TRANSPORTADORA

TRESMAIENSE

PRESSA AMIGA DA PERFEIÇÃO.

RUA DA VÁRZEA, 481
TELEX 512468 E 513372
TRTM - PORTO ALEGRE - RS

PABX E
FAX: (051)

341.6233

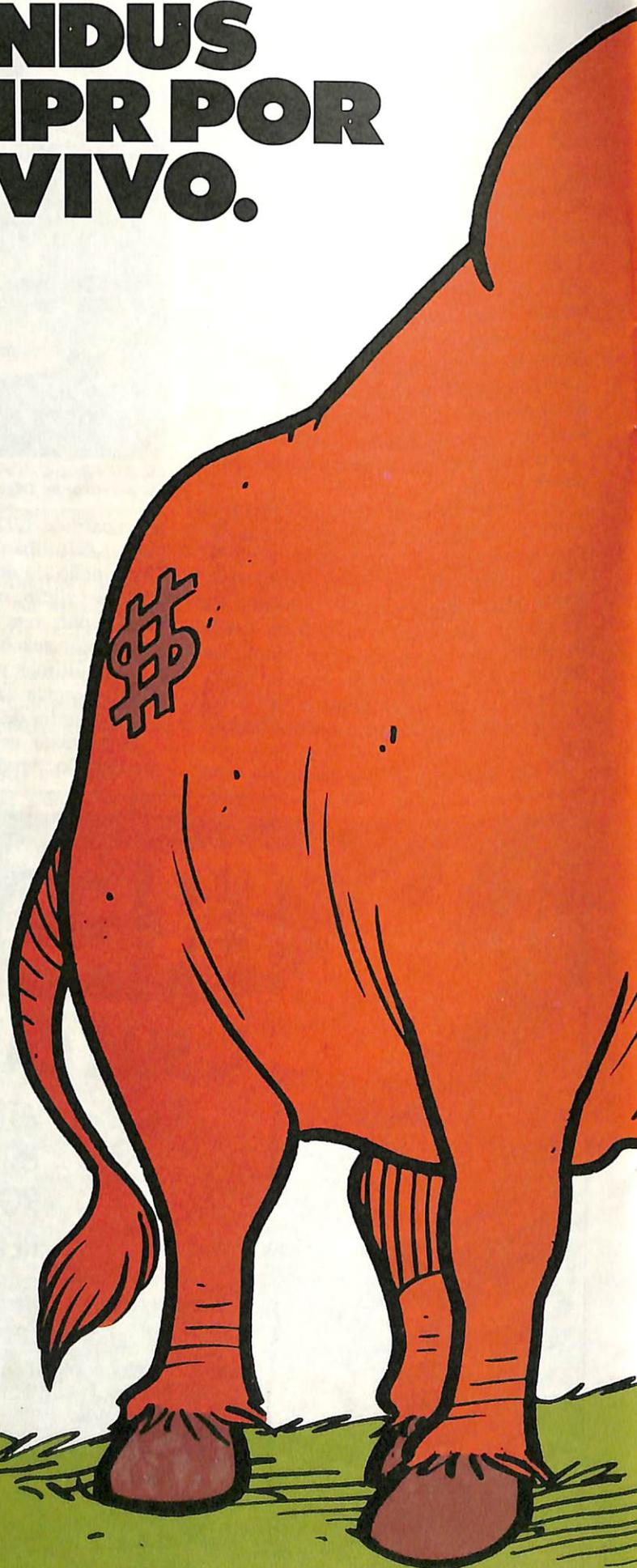
O BAMERINDUS TROCA SUA NPR POR DINHEIRO VIVO.

No Bamerindus, suas notas promissórias rurais viram dinheiro na hora, mesmo durante os períodos de entressafra. Com taxas que vai ser difícil você encontrar no mercado. Assim você não fica 30, 60 ou 90 dias esperando para investir no seu próprio negócio. A NPR Bamerindus é dinheiro na mão, na hora que você precisa.

NOTA PROMISSÓRIA RURAL



Engorda a boiada e a safra vira cifrão.



ETA BANCO
DANADO DI
BÃO!!



Medidor Portátil de
Umidade de Grãos
MULTI-GRAIN



Fabricado por: **DICKEY-john**
EXATO · SIMPLES
CALIBRÁVEL

Leitura de 12 tipos diferentes de grãos

Distribuidor p/ o RS:

Patu
TECNOLOGIA

Rua 7 de Setembro, 906 - 2º andar

Fones: (055)375-1127/375-1692

Telex: 552472 - Telefax: (055)375-2695

Cx.Postal 51 - CEP 98.280 - Panambi - R.S.

GRANELEIRA GS
140 - IBL



CAPACIDADES:

Descarga média: 10 sacos p/min

Comprimento: 4,00m

Largura: 2,00m

Altura descarga: 3,20m

Volume: 10,5m³

Capacidade: 140 sacas

Chapa de aço c/tratamento contra ferrugem

Sistema de descarga c/eixos independentes

Versão arrozeira: 60 sacos - 02 pneus 15x30

IBL Industrial Busse

Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda.

Rua Cel. Jorge Frantz, 845

Telefone: (055)359-1422 - Telex: HIBL 552576

CERRO LARGO - RS



O subsolador é o único ferramental agrícola que neutraliza o efeito compactador do maquinário no solo

pectativa de consumo de 6.697 milhões de toneladas. Um fato curioso, presente nessa história, é que o Brasil era superavitário, no intercâmbio com a Argentina, em 300 milhões de dólares, destaca Rosito. Por que o Brasil compraria trigo da Argentina, se a expectativa era da auto-suficiência no ano seguinte? Essa pergunta remete para outro campo, a saber, o das relações internacionais do País com seus parceiros políticos. E o triticultor brasileiro foi quem pagou o pato, sendo que muitos deles acabaram se retirando da atividade por total falta de condições de continuar produzindo, face aos custos elevados da produção.

Para fazer frente ao consumo em 1992, a previsão é que o Brasil precisará importar nada menos do que 4 milhões de toneladas, gastando nisso ao redor de US\$ 800 milhões. Hoje a situação é a seguinte: o Brasil importa trigo de vários países, inclusive de alguns cuja produtividade é inferior à nacional.

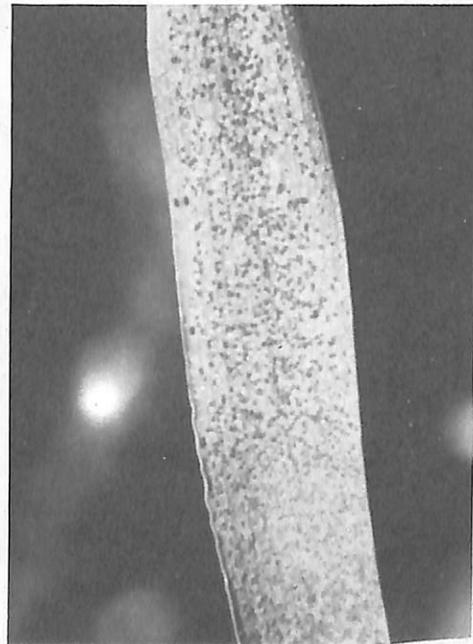
Importamos o cereal da Arábia Saudita e até da Turquia. Se o trigo brasileiro fosse caro, até se compreenderia que o País importasse o produto. Mas a situação é justamente a inversa: o nosso é mais barato do que o estrangeiro. E o pior é que o Brasil já passou por isso e pagou um preço elevado pelo imediatismo das importações.

A questão das importações do trigo, do fim do monopólio estatal e dos subsídios faz emergir um sério problema para a triticultura gaúcha. Internamente o consumo tem se situado

em 800 mil toneladas, porém, é claro que o Rio Grande do Sul produzia bem acima disso, exportando o restante para outras unidades da Federação, especialmente São Paulo.

Hoje, dentro da regra de livre comercialização, o Estado vai ter dificuldades em concorrer com o Paraná, por exemplo, no abastecimento de mercados como São Paulo, cuja produção é insignificante em relação ao enorme consumo que lá se verifica.

Carmine Rosito entende que as nossas condições de concorrência "não são as melhores, e a situação deverá se agravar com a liberação do



A ferrugem da folha, primeiro inimigo do trigo nacional

Mercosul, pois o trigo argentino é produzido com muito menor custo do que o do Rio Grande do Sul. O que deverá ocorrer, caso não nos tornemos competitivos, é que ficaremos reduzidos a uma produção regionalizada. No momento não estamos preparados para enfrentar essa forte concorrência que se avizinha”.

A fertilidade natural dos solos do pampa úmido da Argentina é o principal fator que favorece a competitividade do trigo do país vizinho. Isso foi constatado pelos participantes de uma excursão de trabalho empreendida no final do ano passado e integrada por membros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Centro Nacional de Pesquisa do Trigo — CNPT, de Passo Fundo/RS. Essa viagem contou com a presença do professor Valter Stulp, do Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas da UFRGS, e do pesquisador Roque Annes Tomasi- ni, do CNPT.

Segundo foi observado, o custo de produção da lavoura tritícola argentina é extremamente baixo, ficando entre US\$ 60 e US\$ 70 a tonelada, em função da quase inexistência de aplicação de adubação de base, pouco uso de nitrogênio, sendo obrigatório somente o uso de herbicida, conforme relatório do pesquisador Tomasi- ni.

Pela cotação do mercado internacional, no mês de fevereiro, o trigo argentino colocado no moinho alcançaria no Brasil uma cifra próxima a US\$ 200 a tonelada, bem acima dos US\$ 125 pagos ao produtor nacional. O produtor gaúcho, principalmente, só sobreviverá se puder elevar rapidamente as produtividades de suas lavouras para patamares entre 2.500 e 3.000kg/ha, o que significará uma redução de custos de produção. Para isso será necessária a aplicação maciça de tecnologia, inclusive melhoramento e conservação do solo.

Essa boa perspectiva que se abre com a liberação de recursos suficientes para a formação da lavoura do trigo remete para o velho sonho da auto-suficiência no grão, que vem sendo perseguida desde o início dos anos 70. Para o assessor econômico da Fecotri- go, a bandeira da auto-suficiência, nesse tempo todo, foi mais um discurso do que uma prática. Carmine Rosi- to lembra que o governo vem interferindo na triticultura de modo efetivo desde 1970, quando o mercado internacional teve os preços do cereal elevados em mais de 100%. Começa aí o

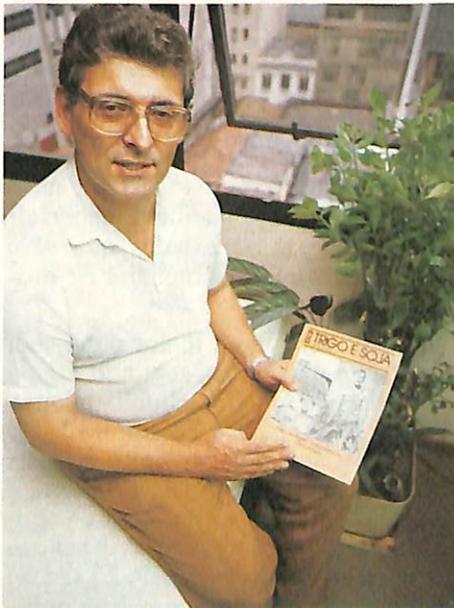
subsídio ao consumo, que permanece até o final da safra de 90, quando o Estado ainda foi o maior agente comprador.

Nossa triticultura está com produtividade em bons parâmetros

No início da década de 70, já se falava em auto-suficiência, e se dizia que o Brasil atingiria essa meta nos dois anos seguintes. Notou-se então, relata Rosito, um sério retrocesso na cultura, levando o País a importar pesadamente. A produção, que foi de 2,3 milhões de toneladas em 1972, caiu para 1,6 milhão de toneladas em 1974.

Em fevereiro de 1967, o governo federal estabeleceu o monopólio estatal da compra do trigo no Brasil. De uma certa forma essa decisão regulou a industrialização do produto praticamente até o ano passado, quando o Estado se retirou do controle. Durante este tempo, a produção nacional teve uma série de flutuações, alternando ciclos de crescimento com recuos. Rosito acrescenta que, de qualquer modo, o País já então produzia 33% de suas necessidades do cereal, cujo consumo foi subsidiado pelo poder público, sem que, no entanto, os produtores tenham se beneficiado disso.

Precisamente em 1972, os preços do trigo no mercado mundial se elevaram em mais de 100%, se estabelecendo, então, a prática do subsídio,



Valdir Bisotto, que credita também à assistência técnica o aumento de produtividade

pois o aumento do preço do pão que essa elevação acarretaria, provocaria uma alta inflacionária que o País não poderia suportar, especialmente naqueles anos de inflação prefixada.

Por volta do início dos anos 80, o governo mais uma vez ameaçou extinguir o subsídio, mas o agravamento da crise, à época, protelou essa extinção. Isso só veio a se efetivar nos primeiros meses do governo Collor.

Este processo começou com a emissão de duas medidas provisórias, que finalmente foram aprovadas e transformadas em lei no mês de outubro, quando o Rio Grande do Sul já estava em plena colheita.

Naquele ano a comercialização ainda seguiu os mesmos procedimentos dos anos anteriores, sendo o governo o maior agente da comercialização, através de seus mecanismos de EGF e AGF.

É interessante ressaltar que, como o governo era o único comprador nas últimas décadas, geralmente no mês de janeiro a safra estava toda comercializada, bastando que os produtores fossem ao Banco do Brasil com a nota de depósito do produto nas cooperativas ou empresas, para receberem à vista seu dinheiro.

Já em 89, contudo, começaram o problemas, com o atraso do pagamento. Primeiro com o parcelamento da dívida, que se prolongou até maio daquele ano. Aliás, o parcelamento para a aquisição do trigo começou a ser praticado ainda em 1988, evidenciando-se os primeiros sinais de esgotamento de caixa.

Não se pode falar, no entanto, que o governo só tenha cometido equívocos. A produção nacional de trigo entre 86 e 89 foi muito grande, via aumento da produtividade. Foi graças à condição agrônômica que se alcançaram melhoras, em função de um pacote lançado pela União. O rendimento subiu bastante, sendo de 82% naquele período. Nos anos 90 e 91, mais uma vez, o País andou para trás. “Nós re- cuamos fundamentalmente porque se deixou de apostar tecnologicamente na lavoura de trigo, que teve decréscimo de produtividade, ficando em 1.200kg/ha, depois de já ter alcançado mais de 1.800kg/ha”, lamenta Rosito.

No Brasil, apesar das dificuldades enfrentadas nestes dois últimos anos, já se pode considerar a triticultura nacional dentro dos melhores parâmetros mundiais. “Se fizermos uma média dos últimos quatro anos, estare-

EMERGÊNCIA

SUA EMPRESA
PRECIÇA DE
ASSISTÊNCIA?

NÃO ESPERE
MAIS.

- Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- Cuidamos de seu funcionário preservando sua saúde, para que ele tenha um bom atendimento em seu trabalho.

NÃO
PENSE MAIS

Faça um
contato conosco.
A saúde
de seu
funcionário
é a garantia
do seu lucro.

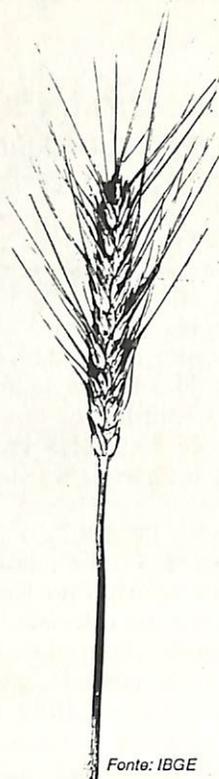


SERVIMED
SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA LTDA

Av. Independência, 944
Fones: 24.3333 - 27.2666
Av. São Pedro, 1201
Fone: 42.4242
Porto Alegre - RS

EVOLUÇÃO DA ÁREA CULTIVADA COM TRIGO NO BRASIL NO PERÍODO DE 1962 A 1989

ANO	Área cultivada (ha)	Acréscimo em Relação ano anterior(ha)	PRODUÇÃO(t)	Produtividade (kg/ha)
1962	258.321	—	255.404	989
1963	302.122	43.901	97.811	324
1964	300.542	- 1.580	213.691	711
1965	35.468	54.138	221.576	625
1966	385.028	30.348	298.523	775
1967	561.987	176.959	364.870	649
1968	845.693	283.706	693.598	820
1969	1.299.518	453.825	1.146.319	882
1970	1.861.204	561.686	1.734.972	932
1971	2.008.215	147.011	2.038.632	1.015
1972	2.340.431	332.216	693.399	296
1973	1.604.305	- 736.126	1.934.439	1.206
1974	2.212.643	608.338	2.848.040	1.287
1975	3.110.830	898.187	1.582.587	509
1976	3.520.709	409.879	3.037.864	863
1977	2.794.365	- 499.878	2.012.842	666
1978	3.020.831	- 226.466	2.710.404	970
1979	4.104.144	1.309.779	2.881.264	702
1980	3.318.501	- 785.643	2.702.612	814
1981	2.063.747	- 1.254.754	2.228.575	1.080
1982	2.960.090	896.263	1.846.030	624
1983	1.890.145	- 1.069.865	2.194.604	1.161
1984	1.938.843	48.698	1.963.460	1.013
1985	2.600.352	661.509	4.380.554	1.685
1986	3.854.729	1.254.377	5.684.200	1.475
1987	3.439.982	- 414.714	6.191.015	1.800
1988	3.604.311	164.329	5.751.219	1.552
1989	3.260.334	- 343.977	5.295.335	1.624



Fonte: IBGE

mos numa faixa intermediária de produtividade, mesmo se formos cotejar esse rendimento com países cuja triticultura é mais evoluída. Nosso trigo nada deixa a desejar, por exemplo, se comparado com o da ex-União Soviética. Inclusive temos mais produtividade do que muitos países que nos exportam o alimento”, pondera Valdir Bisotto, coordenador de assistência técnica da Fecotrigo.

Descontando os desastres climáticos e os equívocos da política referente ao setor, tem-se observado que a pesquisa vem lançando cultivares com potencial de produtividade sempre crescente. Nesse momento ela está preocupada em acrescentar mais qualidade ao trigo nacional, especialmente naquelas variedades que vêm apresentando maior potencial de produtividade.

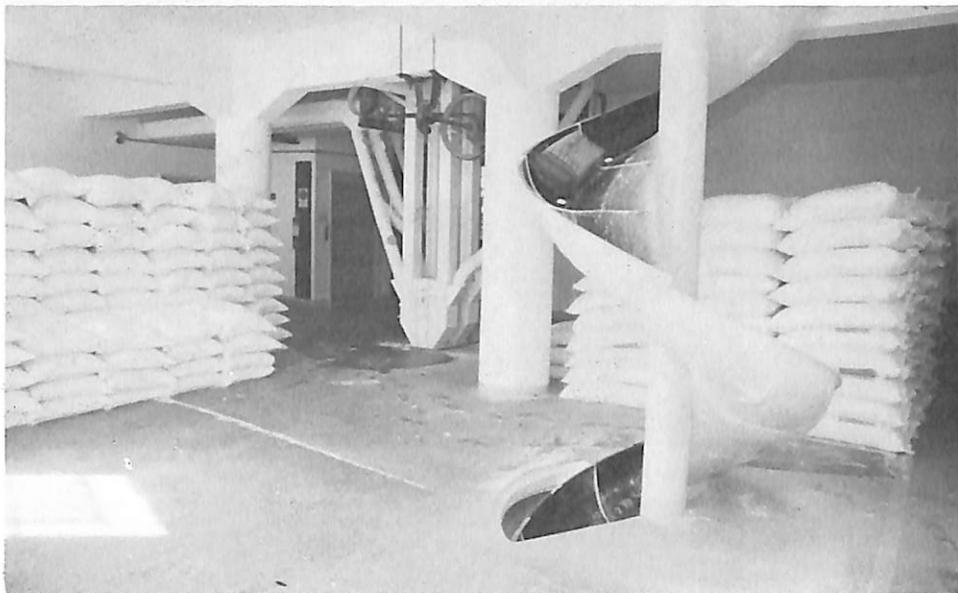
Os cultivares com maior potencial, atualmente existentes, segundo Edson Jair Iorczeski, chefe adjunto técnico do CNPT/RS, para o Estado do Mato Grosso do Sul, por exemplo, é o BH 1146, Anahuac, trigo BR-17 Caiuá e o BR-18 Terena. No Paraná as variedades mais produtivas são: Anahuac (30% da lavoura), trigo BR-23 (28%) e Iapar 6 — Tapejara, com 10% cultivados. No Rio Grande do Sul, segundo Iorczeski, os cultivares que sobres-

saem em rendimento são o BR-23, ocupando 70% da lavoura, o CEP 19 e 21, e ainda o BR-34. Já em Santa Catarina a variedade BR-23 é plantada em 80% da área.

“Nós temos tido a oportunidade de avaliar a questão da assistência técnica empregada nesta cultura. Em 91 fizemos a tabulação de dados colhidos nos últimos anos, e o que notamos é uma grande influência nessa questão do aumento da produtividade. Se em 1985/86 começamos a ter melhoras neste aspecto, isso foi uma decorrência do trabalho da pesquisa, que gerou materiais genéticos aprimorados, e do desenvolvimento de práticas culturais que permitiram almejar melhores e maiores produtividades, uma vez que os agricultores passaram a usar níveis mais elevados de tecnologia nos seus cultivos”, diz Bisotto.

Nesse trabalho também ficou claro que as lavouras acompanhadas pela assistência técnica tiveram desempenho superior. Os projetos ligados ao crédito rural, que tiveram assessoramento, apresentaram um incremento de 20% em relação às demais lavouras, não vinculadas a projeto oficial de financiamento.

O aumento da produtividade, em termos estatísticos, também se deve à seleção que se processou em meio aos



Na armazenagem está um dos segredos da qualidade do produto

termos estatísticos, também se deve à seleção que se processou em meio aos triticultores, permanecendo apenas aqueles que são mais profissionais. Os que ficaram foram obrigados a manter níveis de aplicação tecnológica superiores aos de 1985.

Por outro lado, Bisotto lembra que a fronteira agrícola, mesmo em relação ao trigo, tem muitas possibilidades, já que se pode cultivá-lo em pelo menos 6 milhões de hectares, com rotação de culturas, sobrando ainda cerca de 10 milhões de hectares em repouso. "O cultivo numa área dessa dimensão certamente nos colocaria na privilegiada condição de não apenas produzir todo o trigo de que necessitamos, como também de exportar o produto em grande quantidade", afirma o técnico.

O que pode refrear o País, segundo Bisotto, é o custo de produção. Por isso os agricultores são chamados a produzir mais e com maior eficiência, para que os preços se estabilizem e mesmo barateiem, a fim de que a triticultura venha a atender ao consumidor.



Os laboratórios de controle trazem segurança para o consumidor

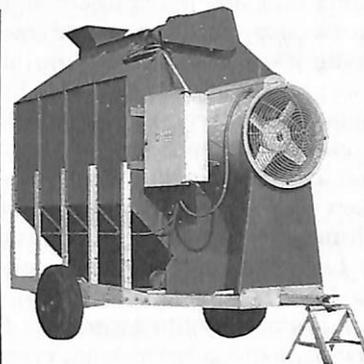
Hoje o trigo importado, colocado no moinho, custa US\$ 180 enquanto o trigo nacional vale US\$ 125 a tonelada. E o fato é que a ativação da triticultura nesse 92 desencadeará o processo econômico em outros segmentos: todas as indústrias de insumos e implementos, as indústrias moageiras e o comércio, atingindo, certamente, alguns milhões de pessoas que dependem diretamente da manutenção da cultura do trigo. E mais: o desmantelamento da triticultura nacional levará o País ao conseqüente aumento das importações, o que significará a sangria de mais divisas.

O parque moageiro de trigo do Brasil foi instalado, na sua maior parte, antes de 1967. De acordo com dados levantados pela Ocepar, a indústria processadora do cereal praticamente não incorporou novas tecnologias desde então. E uma das conseqüências disso é a perda de produto na industrialização. No entanto, o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Trigo — Abitrigo, com sede no Rio de Janeiro, Antenor Barros Leal, discorda absolutamente desta afirmação e, em tom categórico, garante que a "indústria de trigo é a única coisa de Primeiro Mundo neste país".

Atualmente existem 179 moinhos em funcionamento, a maioria deles situada nos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná. Mesmo sem precisar números, o presidente da entidade faz questão de destacar que, com as novas regras de mercado, a indústria perdeu rentabilidade. No en-

NOVIDADE

SECADOR PORTÁTIL DE GRÃO MESI



**MENOR TAMANHO
MAIOR DESEMPENHO**
Capacidade de secagem:

2 MIL SACOS/DIA

**TOTALMENTE
AUTOMÁTICO**

**METALÚRGICA
SILOS IDEAL LTDA.**

**FONE: (0532) 21-0433
PELOTAS/RS**

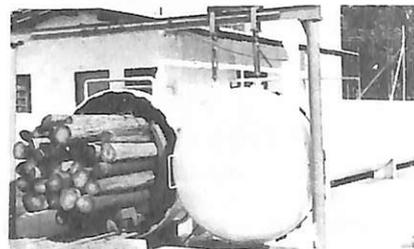
**Usina de preservação de
madeira sob pressão em
autoclave**

**Postes, mourões, cruzetas
e outros.**

Serraria Industrial:

tábuas, guias, pranchas e pallets.

Viveiro florestal: mudas de eucalipto e pinus. Carvão vegetal e apicultura. Mel/Pólen



flosul

FLORESTAMENTO DO SUL LTDA.

Parque industrial: RS 040 Km 93 - Palmares do Sul
Escritório central: Av. Assis Brasil, 3966
Porto Alegre - RS - telefone: (PABX)
(0512) 44-5577 telex: (51)2853
COIN - fax: (0512) 44-5471

te adaptado à realidade presente.

Em muitos lugares estão surgindo iniciativas de investimentos na melhoria dos parques, e até mesmo a inauguração de novos moinhos. A Cooperativa Triticola de Erechim Ltda. — Cotrel, de Erechim/RS, por exemplo, pretende investir na ampliação de sua capacidade de moagem. Para isso vai importar equipamento de última geração do mercado europeu.

Luiz Antônio Piazzon, presidente da Cotrel, adianta que o projeto está em discussão junto ao quadro de associados, e que a aprovação, embora esteja praticamente assegurada há algum tempo será anunciada agora, uma vez que as eleições já foram realizadas na primeira quinzena de março.

Atualmente, segundo Piazzon, o moinho da Cotrel opera com capacidade para industrializar 30 toneladas de grãos por dia, embora esteja trabalhando abaixo disso: ali são transformadas em farinha uma média de 100 mil sacas de 60kg de trigo por ano, ou 25 toneladas por dia. “O propósito da Cotrel, ao ampliar sua capacidade industrial, é dar melhor atendimento aos associados, que poderão levar seu produto à cooperativa, do mesmo modo que faziam com os moinhos coloniais, antes da instauração do subsídio ao trigo”, esclarece ele.

A palavra de ordem que hoje orienta o segmento moageiro é a “exigência de mais qualidade dos grãos”, que passa a obedecer novos padrões no que se refere à valorização e remuneração aos produtores. Por enquanto, informa Antenor Leal, “a campanha está na fase da disseminação da idéia entre os fornecedores”, ao mesmo tempo que “já estão sendo estudados os critérios para a tipificação de farinha”.

Tipificar as farinhas é uma prática usual em vários países

Um dos fortes argumentos utilizados pelos defensores das importações de trigo está ligado à qualidade do produto. E, de fato, há bem pouco tempo, a qualidade do trigo nacional estava muito aquém daquela exigida pela indústria, para a fabricação de derivados. O peso hectolítrico (Ph), que mede a qualidade do grão, e tem correlação com a quantidade de farinha que dele pode ser extraída, foi al-

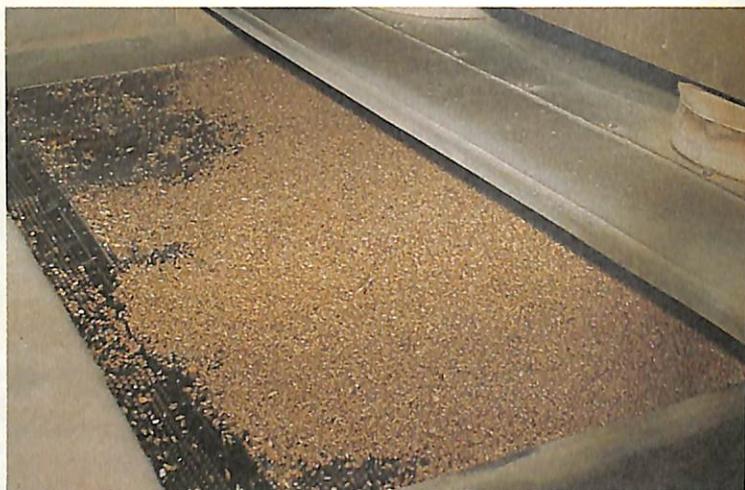
vo de intenso trabalho de pesquisa, de modo que o produto nacional das últimas safras encontra-se em condições de igualdade com os produtos importados.

Essa defesa da qualidade do trigo nacional, quem faz é Valdir Bisotto. Segundo ele, os trigos estrangeiros geralmente têm glúten de força média a alta, o que lhes confere boa qualidade física para a panificação, especialmente pelo fato de produzirem pães de grande volume. O trigo nacional, de outro lado, tem força suave e média, mas com boas características de panificação.

A tipificação de farinhas é uma prática já implantada em muitos países. A partir dela pode-se estabelecer o aproveitamento correto do produto obtido e sua melhor destinação na elaboração de alimentos. O resultado final tem muito a ver com a tecnologia de industrialização e o manuseio dos grãos ou farinhas nos moinhos ou panificadoras, afirma Bisotto.

Ele explica que o que importa é a qualidade e a quantidade do glúten, cujas diferenciações proporcionam características variadas aos alimentos derivados, a exemplo de pães, bolachas, biscoitos e massas.

Para Bisotto, a questão da qualidade do trigo, do ponto de vista geral, não é bem entendida. Há vários segmentos envolvidos e cada um deles tem definição própria quanto à qualidade. Os agricultores, por exemplo, acham que trigo de boa qualidade tem que apresentar uma boa tolerância às doenças, pragas, adversidades climáticas, resistência ao acamamento, e principalmente, tem que ter um bom



Grãos de trigo entrando no processo de industrialização



Primeira etapa da industrialização do trigo: o “farinhão” ou rolão, como é mais conhecido

potencial de produtividade.

Quando o cereal chega à indústria, esta espera que os grãos tenham alto peso específico e uniformidade no tamanho. Essas características asseguram a obtenção de maior quantidade de farinha, a mesma que, ao chegar às mãos do panificador, será avaliada por sua capacidade de absorção de água, e pela porcentagem de proteínas solúveis, glúten especialmente.

O produto final, que chega ao consumidor na forma do pão francês, principalmente, será apreciado pela sua textura fofa, boa aparência em termos de cor, e valor nutritivo. Nesse aspecto, o trigo produzido no Brasil é similar aos demais trigos importados, mesmo se forem cotejadas as quantidades totais de proteínas, carboidratos, minerais, fibras e gorduras.

O Centro Experimental e de Pesquisa da Fecotriço, localizado em Cruz Alta/RS, está imprimindo mais intensidade no que concerne ao melhoramento da qualidade industrial das variedades. Luiz Pedro Bonetti, diretor da Fundacep, explica que o rendimento industrial é uma das prio-

ridades da pesquisa naquela instituição, e que os testes de produtividade estão sendo feitos lá mesmo, no laboratório, situado a 5 quilômetros da cidade. Um grupo está incumbido de fabricar os pães, para que os pesquisadores tenham uma visão completa do resultado de seu trabalho.

Na opinião do diretor da Fundacep, foi notável o desenvolvimento da cultura do trigo nos últimos anos, particularmente a partir de 1985. As doenças estão praticamente sob controle. Os fungicidas disponíveis, por exemplo, têm tido um papel decisivo e eficaz no combate à ferrugem do colmo e da folha. Igualmente o mal-do-pé vem sendo efetivamente dominado com o auxílio de defensivos.

Assim, segundo Bonetti, já não causa

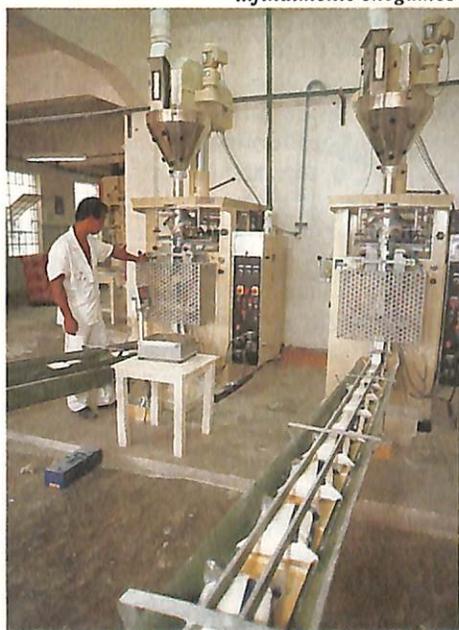
surpresa encontrar lavouras com produtividade de 3.500kg/ha. Mas, se a pesquisa pode se dar por satisfeita com o que fez até agora, terá, no entanto, que enfrentar o desafio de oferecer novas variedades na rapidez e quantidades exigidas pelo mercado, já



Aqui já temos farinha em estado bruto...



...finalmente chegamos à farinha pura



Última etapa do processo industrial do trigo, o empacotamento, que nos dará o "pão nosso de cada dia"

que a longevidade das sementes ainda é um problema presente na pauta dos pesquisadores. Os materiais disponíveis, depois de um certo tempo de cultivo, começam a perder a resistência às doenças e a sua tolerância à acidez do solo. Das três variedades que vem trabalhando, e que a Fundacep levou à reunião da Comissão Centro-Sul de Pesquisa do Trigo, uma, pelo menos, será cultivada nas lavouras do Rio Grande do Sul, adianta o diretor da entidade.

No cerrado, três mil hectares de trigo irrigado fazem a festa

Hoje o Brasil está mapeado, e suas grandes regiões tritícolas preferenciais estão praticamente definidas. Há um total de 17 milhões de hectares,

distribuídos desde o cerrado até à campanha, no Rio Grande do Sul. A maior concentração do cultivo está na Região Sul, com seus 4 milhões de hectares de áreas próprias para a implantação dessa gramínea.

A Região Tríticola Sul, seguindo as recomendações da pesquisa, aos poucos foi adotando a rotação de culturas. É composta pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e parte do Paraná, e se caracteriza pela distribuição uniforme das chuvas ao longo do ano, registrando elevadas precipitações no inverno e na primavera. Nessa época a luminosidade solar é menor e a umidade relativa do ar é alta.

Como as temperaturas baixas são bastante comuns, especialmente com a ocorrência de geadas, a semeadura geralmente é feita nos meses de maio e julho. Desta forma, a floração vai ocorrer no início de setembro, dependendo da variedade. Essa medida evita possíveis danos causados pelo excesso de frio, nesse período considerado crítico.

A presença de altas quantidades de alumínio livre nos solos, durante a maior parte do ano, constitui um dos maiores problemas ao pleno desenvolvimento da cultura. Além disso, há outros elementos causadores do crescimento, que vêm exigindo esforços da pesquisa na seleção de cultivares resistentes à acidez do solo.

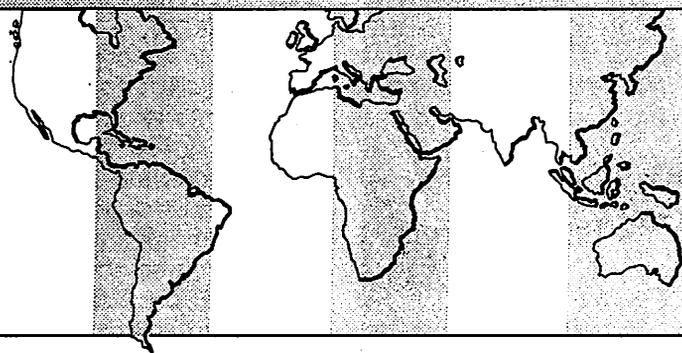
A Região Central compreende os Estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, sul da Bahia, norte de São Paulo, Goiás e Distrito Federal. Em

sua quase totalidade está localizada nos cerrados, preferencialmente onde as altitudes estão acima dos 600 metros.

Segundo José Maria Vilela, pesquisador do Centro de Pesquisas Agropecuárias do Cerrado-CPAC, de Planaltina/DF, atualmente já se cultivam entre dois e três mil hectares de trigo irrigado. No total, o potencial para trigo chega aos 6,5 milhões de hectares, podendo ainda irrigar nada menos do que 1,5 milhão de hectares.

Na Região Central existe um cultivo de aproximadamente 200 mil hectares de feijão irrigado, que é o principal concorrente do trigo nos cerrados, pois tem uma rentabilidade 100% maior em relação ao grão panificável. No entanto, experiências realizadas pelo CPAC dão conta de que a produtividade do trigo pode chegar facilmente aos 8.000kg/ha, conforme ates-

PRODUÇÃO MUNDIAL DE TRIGO NO PERÍODO DE 1984/85 A 1988/89



(milhões t)

País	1984/85	1985/86	1986/87	1987/88	1988/89	Part. média (%)
URSS	68,6	78,1	92,3	83,3	84,4	15,9
China	87,8	85,8	90,0	87,8	87,5	17,2
CEE	82,9	71,6	71,9	71,6	74,7	14,6
USA	70,6	66,0	56,9	57,4	49,3	11,8
Índia	45,5	44,1	47,1	45,6	45,1	8,9
Outros - Europa	42,1	37,1	39,1	39,8	44,4	7,9
Canadá	21,2	24,3	31,4	26,0	15,7	4,7
Austrália	18,7	16,2	16,1	12,6	14,5	3,1
Argentina	13,2	8,5	8,9	7,8	7,6	1,8
Demais países	61,3	68,1	75,9	74,7	78,0	14,1
TOTAL	511,8	499,8	529,6	504,5	501,2	100,0

Fonte: USDA

ta José Maria Vilela. Ele lembra que há triticultores da região que já estão obtendo entre 3.800kg e 4.000kg/ha com a irrigação da lavoura, o que vale dizer, uma lavoura altamente competitiva, mesmo comparada com as produções mais rentáveis.

Para o pesquisador, a cultura do trigo poderá aumentar nos próximos anos, sobretudo em razão da crescente incidência da escrotoína — um fungo da soja —, devendo as gramíneas entrar na rotação de culturas, ficando o trigo no inverno, e o milho no verão.

Também o governo federal estuda formas de incentivo ao trigo nos cerrados. E ainda que a medida esteja tramitando em nível de gabinete, uma iniciativa que poderá ser tomada em 1992 é a redução da tarifa da energia elétrica consumida na irrigação. A Embrapa, através do CPAC, enviou ao governo federal um estudo onde prevê a irrigação noturna, o que resultará numa economia de 20% do total despendido para produzir trigo, na qual região.

Por enquanto, a única região que definiu, no final do ano passado, as recomendações para o plantio em 92 é a Centro-Sul, que compreende 6 milhões de hectares disponíveis para o grão. Dois cultivares, assim como outras recomendações para a safra 92,

foram referendados pela Comissão Estadual de Pesquisa do Trigo, reunida em Londrina no início de fevereiro.

Um dos cultivares aprovados pela XI Reunião Sul-Mato-Grossense de Pesquisa de Trigo é o BR-37, que já vem sendo desenvolvido nos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul. O BR-37 tem um potencial produtivo 20% superior à média dos três padrões utilizados no Estado. Já a reunião da Comissão Centro-Sul Brasileira de Pesquisa de trigo aprovou, em Londrina, um novo cultivar para o Mato Grosso do Sul: trata-se do Embrapa 10 - Guajá, apropriado a para solos de alta fertilidade, cujo rendimento é superior em cerca de 8% aos cultivares padrões.

Em termos gerais, o Mato Grosso do Sul é que apresenta mais problemas em relação à cultura. A área de plantio vem diminuindo. Em 1987 o Estado cultivava o cereal em 430 mil hectares. Em 91, a área caiu assustadoramente para não mais de 120 mil hectares.

Uma das razões para o declínio é a baixa tecnologia empregada na formação das lavouras. De acordo com pesquisa realizada em 25 municípios, quando foram entrevistados 94 produtores, cerca de 20% deles não utilizaram adubos na lavoura em 91. Muitos

usaram sementes próprias para o plantio, e o controle de pragas foi feito com produtos altamente tóxicos para o ser humano e para o ambiente.

De todo modo, estudo realizado pelo assessor econômico da Ocepar, antes do pacote anunciado em Jaguarão, mostrava que o custo total do trigo, considerando o uso integral do pacote tecnológico recomendado pela pesquisa e uma produtividade de 33 sacos por hectare, indicava uma perspectiva de rentabilidade negativa para a cultura, inclusive sobre os custos variáveis de produção.

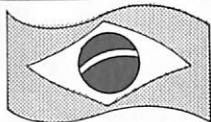
Canziani, que também é agrônomo, acha que os principais problemas no momento, para o grão brasileiro, estão muito ligados à importação de trigo subsidiado, principalmente do Canadá e Estados Unidos, sem uma compensação tributária adequada, além de dificuldades de escoamento da produção interna, em função de importações inoportunas.

O trigo duro fornece o diferencial das massas italianas

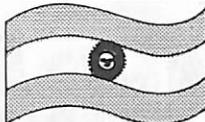
O alargamento das relações comerciais do Brasil no mercado internacional está abrindo, gradativamente, maior espaço para as massas produzidas com trigo duro, cujo maior consumo se dá nos países mediterrâneos. É o caso da Itália, por exemplo, que se destaca no mundo inteiro pela excelência das massas que exporta, industrializadas com farinha deste tipo de grão, que representa 5% da produção mundial de trigo.

De acordo com o pesquisador Carlos Eduardo de Oliveira Camargo, do Instituto Agrônomo de Campinas — IAC/SP, o macarrão confeccionado com trigo duro apresenta qualidades bem superiores ao industrializado com trigo mole, especialmente pela maior presença de substâncias carotenóides. É que este último, que é mais indicado para a fabricação de pães, produz uma massa de cor acinzentada, tornando-se necessária a adição de corantes e ovos para melhorar o seu aspecto final e dar-lhe maior elasticidade, modificando suas propriedades físicas, inclusive.

Carlos Camargo, que é chefe da Seção de Arroz e Cereais, acha que o consumo desse tipo de produto deverá aumentar, em vista da boa aceitação que os macarrões mediterrâneos vêm



ACORDO BRASIL/ARGENTINA EM RELAÇÃO AO TRIGO



Anos	Volume a importar da Argentina (t.m.)	Volumes importados (em t.m.)	Déficit
1987	1.375.000	987.000	388.000
1988	1.450.000	930.000	520.000
1989	1.550.000	—	—
1990	1.700.000	—	—
1991	2.000.000	—	—
1992	2.000.000	—	—
1993	2.000.000	—	—

Fonte: Protocolos 02 e 03 - Brasil/Argentina

alcançando junto ao consumidor nacional. Ocorre que o valor do produto importado é o dobro do preço do industrializado no Brasil, de modo que apenas os consumidores mais abastados estão conseguindo ter acesso a ele.

Assim, o IAC foi buscar no Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo — CIMMYT (Centro Internacional del Mejoramiento del Maiz y Trigo), cuja sede é no México, as variedades com maiores chances de adaptação às condições climáticas do Brasil.

Como resultado já obteve cinco variedades perfeitamente cultiváveis em regiões de baixa presença de alumínio e que utilizam sistema de irrigação, as quais, em nível experimental, possibilitaram colheitas com rendimento de 5 mil kg/ha. E, mesmo que o custo de

produção seja em torno de 10% mais caro, as altas produtividades alcançadas compensam plenamente essa diferença.

Segundo explica Carlos Camargo, embora a pesquisa esteja pronta no que diz respeito à viabilidade econômica e técnica, o IAC não vai colocar essas variedades no mercado, pois ainda falta a indústria manifestar interesse na sua aquisição, não estando ainda aparelhada para moer este tipo de grão.

Pôde-se constatar, durante as pesquisas de aclimação, que todas as variedades de trigo duro são sensíveis ao alumínio, presente na maior parte das zonas tritícolas. A toxidez do metal é um dos grandes entraves à expansão da cultura no País, e a pesquisa tem se voltado para a obtenção de variedades resistentes ao problema,

que causa o crestamento das plantas, impedindo seu pleno desenvolvimento.

Já os trigos duros são totalmente suscetíveis aos efeitos negativos do alumínio, o que explica por que somente o norte do Estado de São Paulo e o sul de Minas Gerais prestam-se melhor ao seu cultivo, visto que os solos da região apresentam este elemento suspenso em baixas quantidades. Nesses locais chegou-se a plantar 30 mil hectares com a gramínea. Além disso, em outras regiões tritícolas, como o Rio Grande do Sul, por exemplo, existe outro problema para a implantação dessa lavoura nova, pois têm excesso de umidade, o que leva ao surgimento de surtos de helmintosporio. Já a "ferrugem" (fungo) não constitui nenhum entrave.

Mesmo na região preferencial, o período de plantio é abril/maio, para evitar o tempo chuvoso, na época da colheita. Depois que os grãos perdem a umidade e, portanto, atingem as condições ideais para a colheita, se chover, aumenta o teor alfa de amilase (enzimas que provocam a hidrólise dos glucídios, com a fixação de íons de hidrogênio), baixando o rendimento em nível de moinho. "O importante dessa pesquisa, no entanto, é que já estamos com material pronto para colocar à disposição dos produtores, tão logo surja interesse comercial por esta cultura, o que será determinado pela demanda por parte dos moinhos", finaliza Camargo.

COM ESTA UNIÃO, QUEM GANHA É VOCÊ.

A TRAF0 Equipamentos Elétricos S/A e a POWER Engenharia e Manutenções Ltda. uniram-se para oferecer a você as melhores condições de aumentar a sua produtividade.

Com 30 anos de experiência, a TRAF0, maior fabricante nacional de transformadores, coloca à sua disposição produtos de alta tecnologia.

Há 10 anos atuando na área de manutenção de subestações, a POWER destaca-se pelos serviços TQA - Tecnologia, Qualidade e Atendimento.

Quando duas grandes empresas unem as suas forças, o resultado só pode ser um: o melhor possível.



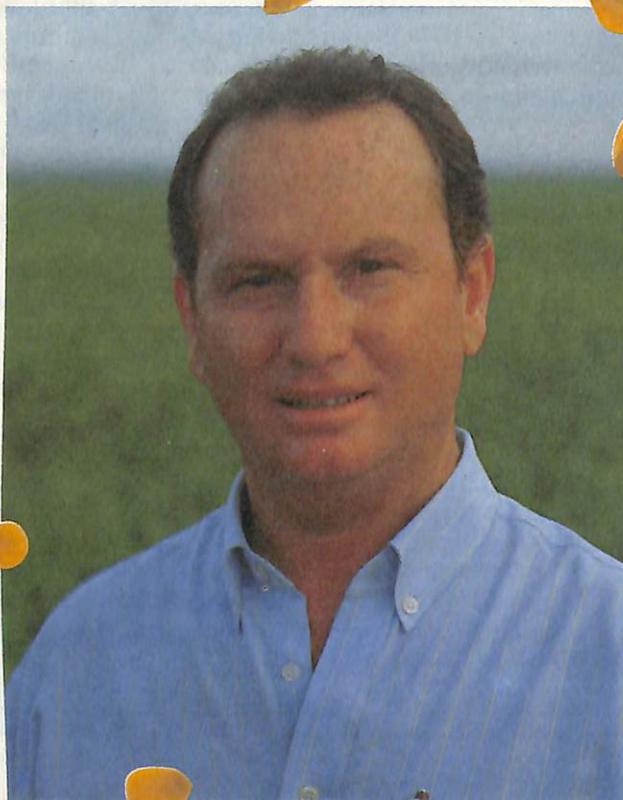
PORTO ALEGRE/RS
Rua 25 de fevereiro, 47



PORTO ALEGRE/RS
Rua 18 de novembro, 432

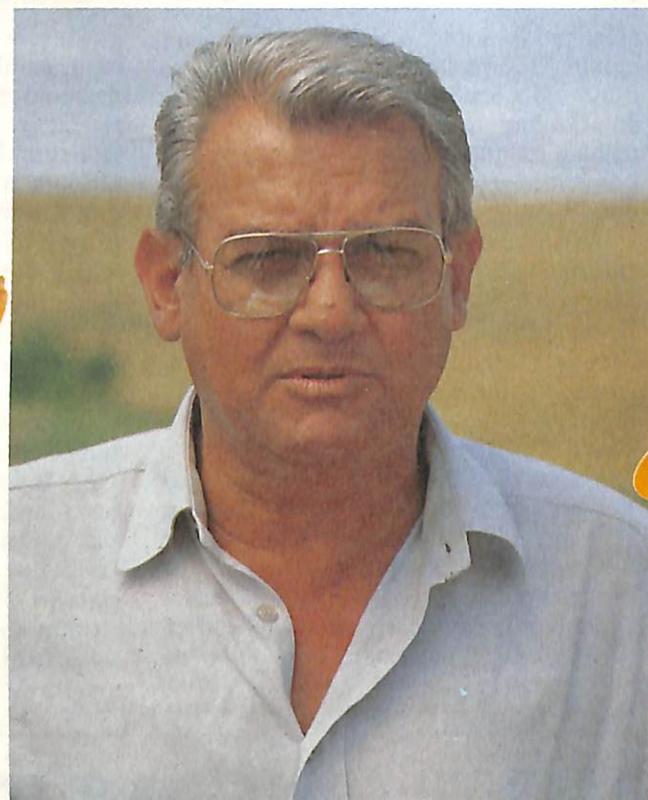
DE GRÃO EM GRÃO, O MUITO MAIS, DESDE A COLHEITA

Estamos vivendo um momento novo na agricultura. Existe confiança, existe otimismo, existe uma política sólida, realista e moderna a serviço dos produtores rurais. É hora de festejar as grandes safras. É hora também de enfrentar o desperdício e as perdas. Algumas dessas perdas são, talvez, inevitáveis. Mas a maioria pode ser eliminada, com cuidados na conservação de máquinas e equipamentos, no controle dos



“Muito cuidado com a armazenagem, para não perder tudo no final do nosso trabalho.”

ELÓI MARCHETT
CUIABÁ - MT



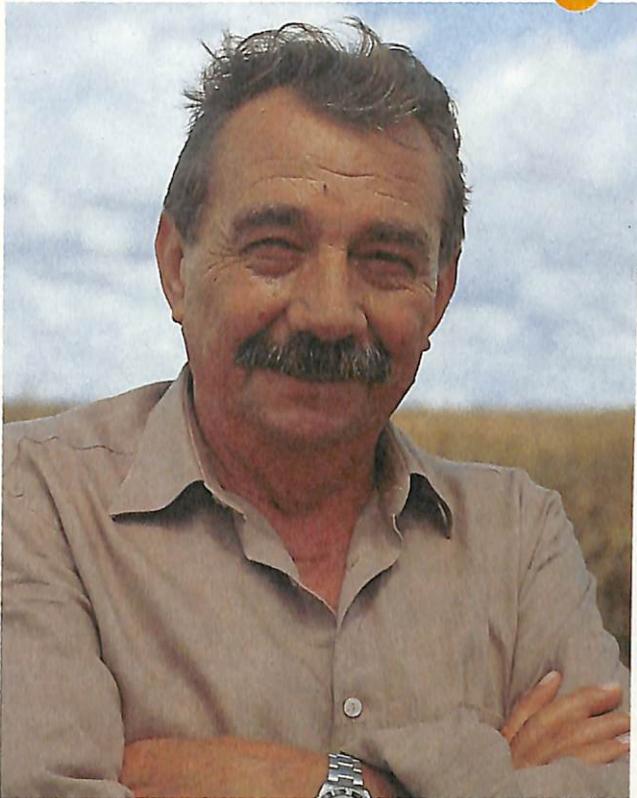
“No transporte também não podemos aceitar qualquer perda, conduzindo o produto com cuidado para ter um melhor retorno.”

MANUEL PEREIRA
PONTA GROSSA - PR

ESSA É
SUA TERRA.
ORGULHE-SE
DELA.

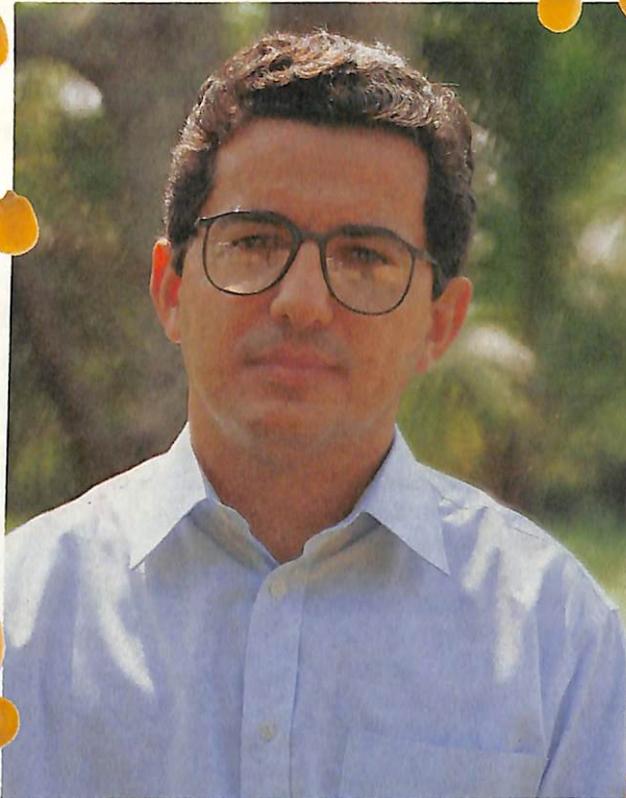
BRASIL PODE GANHAR ATE ATÉ A COMERCIALIZAÇÃO.

transportes e do armazenamento. O Governo do Brasil estabeleceu medidas que permitem ao produtor rural completar o ciclo da safra de forma satisfatória: a comercialização é garantida pela nova política de preços mínimos. Vamos transformar a supersafra 91/92 na senha para o grande salto de qualidade nessa terra que é o nosso orgulho.



“Para evitar a perda é necessário cuidar da colhedeira, regulando sempre os cilindros e as peneiras.”

NELSON SCHREINER
ITAPEVA - SP



“Não adianta apenas colher para depois perder na comercialização. Essa tem que ser o caminho mais curto entre o produtor e o consumidor.”

MANUEL DANTAS BARRETO
AÇU - RN



**MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
E REFORMA AGRÁRIA**

Rebanho saudável é

A chegada da estação das águas e o frio trazem ao criador uma preocupação a mais.

Com a umidade, muitos parasitos infestam o gado, roubando-lhe reservas de energia e enfraquecendo-o justamente na época em que mais necessita de resistência.

Dois grandes inimigos os criadores devem atacar com determinação: a fome e a verminose

A aplicação de anti-helmínticos diretamente no rúmen não era prática comum entre criadores devido à falta de informações quanto a procedimentos. O pesquisador Alfredo da Cunha Pinheiro, da Embrapa/Bagé-RS, com a experiência de ter elaborado o sistema nacional de dosificação estratégica contra verminoses bovina e ovina, volta a carga com a dosificação para o gado via intraruminal, com eficácia comprovada.

Hoje esta sistemática é utilizada em países como Estados Unidos, Argentina, Austrália e Uruguai.

A partir de estudos efetivados em laboratórios e em nível de campo, durante 18



mais peso na balança



meses a equipe de Saúde Animal ba-geense coordenou testes em mais de mil bovinos. Foram dados medica-mentos com diferentes tipos de agu-lhas, em vários locais, e observada a reação dos animais. Uma das dúvidas era com o gado leiteiro. Não havia co-nhecimento se a dosificação in-tra-ruminal causaria alteração

na produção de leite ou febre. Após a ava-liação, ficou comprovado que não diminuía o ganho de peso, a produção de leite ou provoca-va qualquer i n f e c ç ã o , mostrando a viabilidade do método. Mas sua eficácia correspondeu à do oral.

O trabalho da Embrapa, além de as-

segurar que todos os anti-helmínticos podem ser ministrados de forma inje-tável, forneceu dados essenciais, co-mo, por exemplo, sobre o tamanho mínimo da agulha (cinco centímetros) e o treinamento que o operador preci-sa ter para dosificar no rúmen. Embo-ra o procedimento seja simples, avalia Pinheiro, houve casos de falta de in-formação. Entre os mais comuns figu-ram a quebra de agulhas e a dosifica-ção aplicada no lado direito do ani-mal, quando deve ser no esquerdo, isto é, no chamado “vazio”.

Só uma boa avaliação pode determinar o melhor para uma propriedade

Melhor em tudo — Alfredo Pi-nheiro disse que não há problema em injetar o anti-helmíntico no rúmen , uma prática simples que requer menos pessoal e executada em curto espaço de tempo. “Como a tradição manda dosificar pela boca, fica difícil o pe-cuarista mudar de estratégia. Em caso de troca de sistema, um dos cuidados que precisa ser observado é regular bem a pistola, inclusive fazendo um teste num copo graduado, evitando assim que a dose seja menor do que o necessário.”

Apesar de ter desenvolvido o pro-grama, o pesquisador explica que não se pode falar em sistema ideal. “O correto é fazer uma avaliação e só en-tão decidir pelo que é melhor para a propriedade.” No entanto, algumas vantagens são claras, e é mais fácil e rápido aplicar a intra-ruminal no lom-bo do que na boca (exige o tronco pa-rra mobilizar o animal). Este é um dos motivos desta dosificação ter ganho inúmeros adeptos no Brasil Central, sendo aplicada em larga escala nos zebuínos.

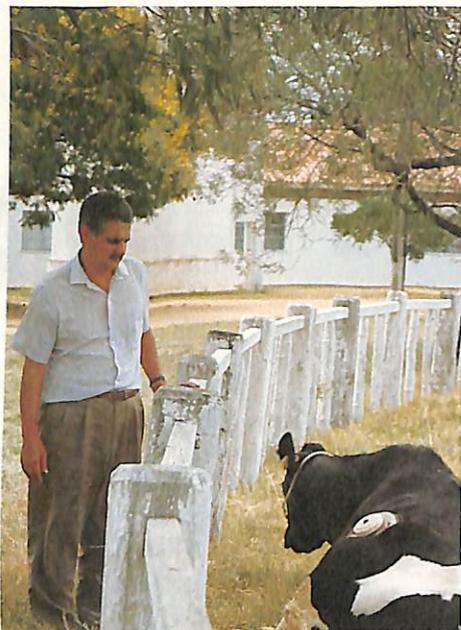
Por outro lado, o estudioso Francis-co Alves Branco, também de Bagé,

lembra que esta prática evita a perda de medicamentos, facilitando a ação de alguns produtos. “O efeito lento impede a absorção rápida pelo animal, aumentando a eficácia. E pelo fato de ser concentrada, a dose é menor.” Pinheiro acredita que o futuro consagrará a medicação lombar, como acontece hoje no caso do carrapato.

A resistência dos animais aos vermífugos é um entrave no controle

A vermifugação aplicada em períodos estratégicos, conforme recomendação do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite/Embrapa-MG, é baseada no conhecimento da biologia dos vermes. Estes, que vivem no tubo gastrointestinal, depositam os ovos, que vão para o meio exterior com as fezes. Daí são liberadas as larvas, que continuam evoluindo até infestar as pastagens, momento em que são ingeridas pelo gado. Após de três a quatro semanas, completam o ciclo e transformam-se em adultas (macho e fêmea), produzindo novos ovos e assim por diante.

O crescimento dos ovos e larvas no meio ambiente depende das condições climáticas, especialmente temperatura e umidade adequadas. Segundo a pesquisadora Terezinha Padilha Charles, do CNPGL, nos últimos anos foi feito um esforço em várias instituições de pesquisa, no Brasil, com o objetivo de conhecer a biologia das espécies que



O pesquisador Alfredo da Cunha Pinheiro com uma “holandesa” fistulada no rúmen

parasitam os bovinos nas diferentes regiões climáticas, principalmente suas épocas de transmissão.

De acordo com Terezinha, nas zonas onde ocorreu o estudo da disponibilidade de larvas nas pastagens, ficou constatado que a população diminui na época seca. Assim, está viabilizada a aplicação do vermífugo nesse período, com o propósito de eliminar os parasitas adquiridos na estação de chuvas precedente. Três dosagens no seco (início, meio e fim) é a indicação deste trabalho, como, ainda, uma quarta em meados do período chuvoso.

O princípio da dosificação na época seca baseia-se no fato de ser um momento desfavorável dos estágios

de vida livre nos pastos. As aplicações removem as colônias adquiridas na fase chuvosa anterior, eliminando a contaminação posterior. “Com a retirada dos vermes adultos”, destaca a pesquisadora, “os ovos não vão ao meio exterior, quebrando-se o ciclo biológico. Porém, o anti-helmíntico não protege contra infecção”.

O peso do animal é um fator preponderante na erradicação do mal

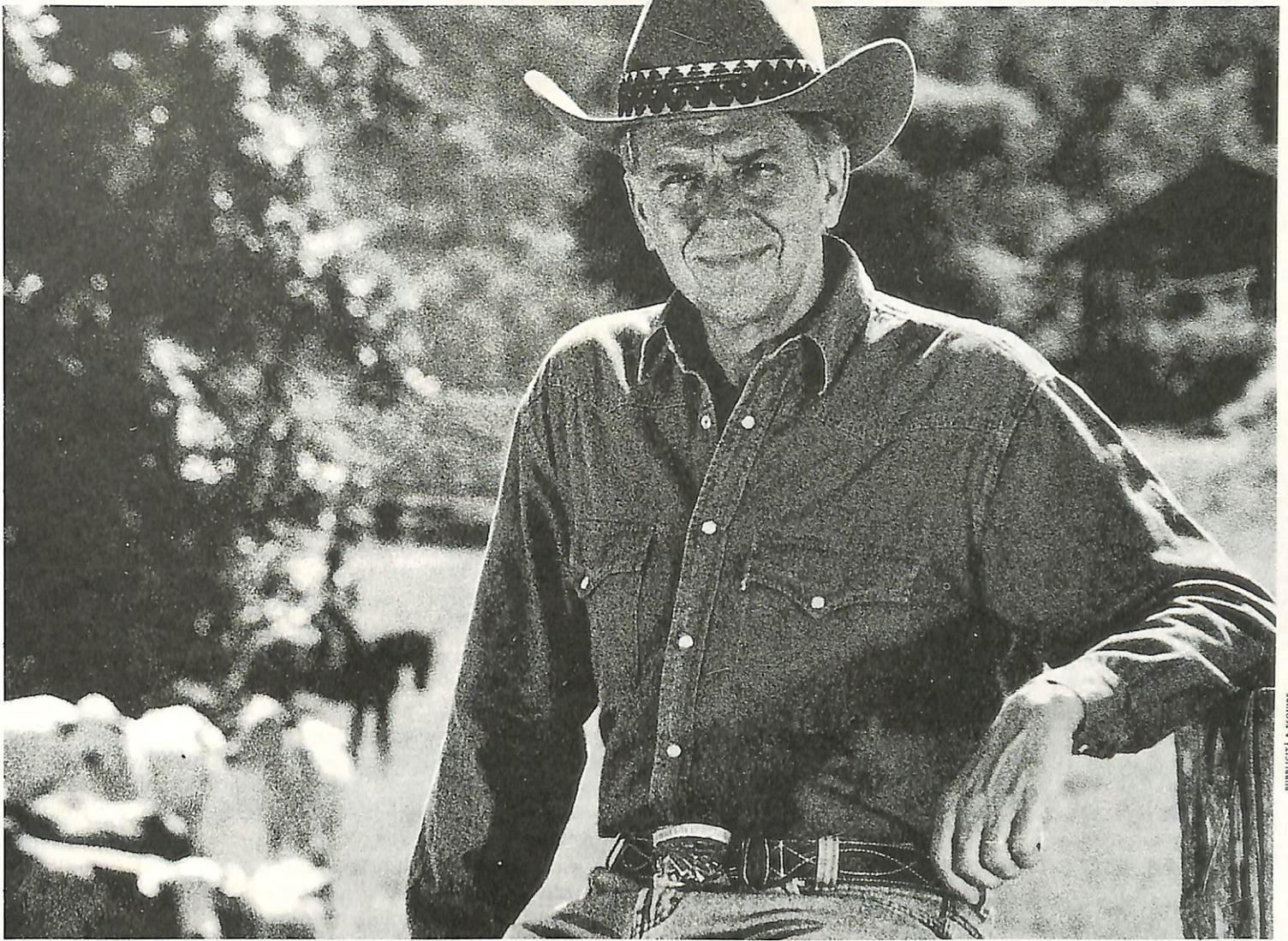
Princípio ativo — Existe uma tendência de ocorrer, nos próximos anos, apenas mudanças nos radicais dos princípios ativos, acredita Terezinha. Entretanto, espera-se um grande avanço em metodologias de aplicação, que facilitarão o manejo das propriedades. Essas inclusive estão disponíveis em outros países, tanto para medicação individual como em grupo. Entre as formas de emprego podem ser citadas as formulações de retenção no rúmen, “pour on” e intra-ruminal.

Para fixação no rúmen são administradas oralmente por meio de um aplicador que libera doses terapêuticas continuamente ou em pulsos. Uma vantagem deste tipo, destaca a técnica, é a possibilidade de aplicar o vermífugo em menor número de vezes nos animais em crescimento, reduzindo o manejo e a mão-de-obra. Já a medicação “pour on” é dada no dorso animal, reduzindo o estresse. No entanto, a espessura da pele, temperatura, entre outras, podem interferir na absorção e conseqüentemente na eficiência da dose terapêutica. No rúmen, é injetada diretamente através de um aplicador especial, evitando problemas associados ao fechamento da goteira esofageana, o que acontece via oral. Remédios para uso na ração e na água são aguardados. Os consumidores, em especial de países desenvolvidos, exigem que a carne e o leite sejam isentos de resíduos químicos, provenientes de certos produtos. Nos últimos anos tem sido feito um grande esforço na busca de fórmulas e tratamentos que não deixem seqüelas. Os anti-helmínticos, em geral, trazem informações sobre o período de espera para consumo de leite e carne após a aplicação no animal. ▶



A farmacopéia veterinária está desenvolvendo vermífugos anti-residuais

VOCÊ CONHECE SEU GADO MELHOR DO QUE NINGUÉM.



RIPERCOL**L* TAMBÉM.

- Imunoestimulante.®
- Formulações convenientes.
- Levamisol: maior eficácia.
- Melhor relação custo/benefício.



LIDERANÇA E EFICÁCIA COMPROVADAS.

 **CYANAMID**
DIVISÃO SAÚDE E NUTRIÇÃO ANIMAL

® Em situações específicas.

A verminose é um inimigo voraz dos pequenos animais

O cabrito, animal conhecido e admirado por apresentar extrema rusticidade, tem no parasitismo o seu tendão de Aquiles. Considerado um dos principais entraves à exploração racional, os vermes elevam as taxas de mortalidade ou induzem a quedas de produção e produtividade. Apesar do progresso no conhecimento das epidemiologias ter contribuído para a adoção de medidas objetivando um controle eficiente, a aplicação de anti-helmínticos permanece, na maioria dos casos, como a única opção prática e segura de controle.

A obrigatoriedade de um combate eficaz contra os parasitas, afirma Antônio César Cavalcante, pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Caprinos, da Embrapa/CE, justifica os estudos na busca de drogas eficazes, com máxima segurança e baixa toxicidade. Hoje em dia, uma gama de

produtos contra vermes é encontrada no mercado.

O tratamento com anti-helmínticos para caprinos e ovinos, explica Raymundo Pinheiro, também do CNPC, em geral é efetuado via oral ou parenteral, numa dose única e de acordo com o peso corporal. Estes procedimentos são feitos estrategicamente, em função do conhecimento epidemiológico sobre os helmintos que ocorrem em cada região.

A via oral é a maneira mais antiga de administrar medicamentos. E quando se lida com anti-helmíntico, aconselha Raymundo, este método é o mais seguro, conveniente e econômico. As drogas ingeridas podem ser retidas e absorvidas pela mucosa oral, ou até mesmo ser deglutidas e assimiladas no trato digestivo. Como desvantagem pode ser considerada a possibilidade de registro de vômitos decorrente da irritação da mucosa gastrointestinal, além da destruição de algumas drogas pelas enzimas digestivas.

As injeções, em alguns casos, são essenciais para a substância ser absorvida em forma ativa. Por outro lado, a terapia parenteral, disse Cavalcante, é mais cara e menos segura quando comparada à oral, largamente difundida. Além disso, novos métodos são empregados, como as aplicações na linha dorsal ("pour on"). Em relação à intra-ruminal, estudos em bovinos mostraram uma eficácia entre 70% e 80% quando comparada à oral. Mesmo que facilite o manejo, não dispensa a reunião periódica do rebanho. Já nos caprinos e ovinos, avaliou Raymundo, falta maior difusão.

Novidades — O emprego de mo-



Estrongilóides: vermes que se alojam no intestino delgado



Alimentação farta e saudável é o primeiro passo para uma boa vermifugação

deras tecnologias, como a de bolus de liberação lenta e intermitente de anti-helmínticos, representa um grande avanço na quimioterapia e quimioprofilaxia das helmintoses em ruminantes. Estas são encaradas como novas alternativas no controle estratégico. Alguns produtos apresentam uma folha de material plástico flexível, contendo tartarato de morantel. Esta abre-se no rúmen e libera o princípio ativo durante cerca de 90 dias, prevenindo a infecção de bovinos (novilhos) contra nematódeos gastrointestinais, pulmonares e recontaminação das pastagens. Após o desgaste do bolus, o material empregado desintegra-se, e é eliminado pelas fezes.

O bolus de liberação contínua foi introduzido na Europa para uso em bezerros. Na Austrália há o bolus de ação lenta para ovinos (antes do parto), onde uma cápsula plástica contém albendazole, proporcionando uma dosificação diária do princípio ativo por 100 dias. O emprego deste material é para a profilaxia das helmintoses, visando a descontaminação das pastagens. Aqui no Brasil esses avanços tecnológicos não estão em fase de utilização. Enquanto isso, as pesquisas lá fora desenvolvem os bolus eletrônicos, que possibilitarão a programação de três tratamentos no período de 12 meses, conforme os esquemas de controle estratégico previstos para a região.

TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD



CAMPEÃO DE TODAS AS PROVAS DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL, DESDE 1975 RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL.

Fazenda Agua Milagrosa

Cx. Postal 23 Tel.: PABX (0175) 62-1117
15880 - Tabapuã - SP

O parasita, o animal e o ambiente são as três dificuldades da sanidade

O principal prejuízo causado aos criadores pelos parasitas internos em ovinos não é a despesa com vermífugos ou a maior utilização de mão-de-obra mas, sim, a considerável redução de produtividade. Isto acontece aos poucos, pois os animais parasitados nem sempre mostram sintomas de doença, embora estejam perdendo muita energia. Quando o produtor percebe os primeiros sinais de queda de produção, seu campo já está suficientemente contaminado para que o problema se prolongue por muito tempo.

Hoje sabe-se que o desenvolvimento da verminose — a maior dificuldade em termos de sanidade ovina — depende da relação entre três elementos: o parasita, o animal e o ambiente onde vivem. O ovino elimina ovos dos vermes com as fezes. Estes ovos



Trabalho em local não apropriado traz insegurança para o homem e o animal

caem no campo e evoluem até tornarem-se larvas, que, por sua vez, vão infectar o mesmo animal e outros, quando são engolidas com o pasto.

A aplicação de anti-helmínticos remove apenas os parasitas que estão dentro dos animais, não produzindo

nenhum efeito sobre as larvas que estão no campo. Isto explica por que não é suficiente dosificar os animais, para combater os parasitas internos. Controle eficiente é aquele que busca, ao mesmo tempo, remover os parasitas adultos dos animais e diminuir a



OXIFEN PURINA



SUSPENSÃO 5%

Elimina vermes, larvas e OVOS.



Vermífugo oral de amplo espectro para bovinos e ovinos.



disponibilidade de larvas no pasto. Para isto, com o auxílio do veterinário, o produtor deve associar o uso correto de vermífugos com práticas de manejo, nas fases mais importantes da vida dos ovinos: o crescimento e a reprodução.

Sabe-se que condições de criação extensiva, em campo nativo, com poucos poteiros, e ovinos e bovinos criados juntos, ainda não são a nossa realidade. Portanto, às vezes é impossível para o criador colocar animais dosificados em poteiros descontaminados. Porém, algumas medidas de manejo devem ser adotadas. O Centro Nacional de Pesquisa de Ovinos da Embrapa recomenda que cordeiros desmamados e ovelhas nos períodos de pré e pós-parto recebam atenção especial, com a utilização de áreas com baixos níveis de contaminação, após a aplicação de dosificações comprovadamente eficazes.

Outro aspecto importante a considerar é que áreas pastejadas somente com bovinos adultos, por períodos de três a quatro meses, podem assegurar baixos níveis de contaminação para ovinos, por períodos semelhantes. Existem ainda algumas medidas sim-

ples, mas que, se observadas, podem auxiliar no controle da verminose. São elas:

Com estas simples medidas você faz seu rebanho feliz

- Revisar periodicamente as pistolas dosificadoras. O uso prolongado desse material provoca desgastes que podem levar à aplicação incorreta de doses de anti-helmínticos. É possível aferir as pistolas aplicando as doses dentro de uma seringa plástica comum, sem a parte que empurra o líquido (êmbolo). Outro cuidado muito importante é revisar o "bico" dosificador, que é a parte introduzida na boca do animal. Ele deve ter a ponta em forma arredondada para evitar traumatismos e, principalmente, assegurar que o medicamento seja expelido em forma de chuva, evitando que grandes quantidades de líquidos possam machucar a garganta do animal. Lesões nesta região podem provocar paralisia de alguns ner-

vos, causando dificuldade para mastigar e engolir. É importante não esquecer que todos os bicos têm o mesmo comprimento, o que não acontece com a boca dos animais.

- Aplicar a dose correta. É comum a aplicação de doses menores por erro de avaliação do peso dos animais. Com isso, eliminamos apenas uma parte da população dos vermes, o que favorece o aparecimento de resistência aos anti-helmínticos. O ideal seria usar a balança antes da dosificação. Se isto não for possível, recomenda-se medir o rebanho com base no peso dos animais maiores e mais gordos, pois a maioria dos anti-helmínticos encontrados no mercado têm boa margem de segurança para doses maiores. No caso de aplicação em mais de uma categoria simultaneamente é conveniente separá-las para ajustar corretamente a dose.
- Não dosificar animais deitados ou em má posição. Se não for tomada toda a dose, aplique novamente.
- Quando juntar o rebanho, ter o cuidado para que todos os animais cheguem aos bretes. Muitas vezes

Nove espécies de vermes atacam o cavalo

Os eqüinos, de uma maneira geral, são parasitados por nada menos do que nove espécies de vermes. As zonas preferidas para ataque concentram-se nos intestinos grosso e delgado, no estômago e até mesmo no pulmão. De todos os parasitas, o de maior destruição, sem dúvida, é do gênero Strongylus, devido ao elevado poder biótico aliado a um período pré-patente longo, que vai de 200 a 330 dias.

A época de incidência em cavalos varia de acordo com o local comprometido. No intestino delgado, por exemplo, vai de novembro a abril, principalmente em animais jovens (potros ou recém-desmamados). Já o intestino grosso é atacado na primavera, em especial quando os animais vão pastar pela primeira vez. A exemplo do que acontece na Europa, os técnicos recomendam a engorda de bovinos nas pastagens, para descontaminá-las.

As dosificações estratégicas, após oito semanas de vida, têm sido um dos



métodos mais eficazes de prevenção. E como o primeiro benzimidazol adotado na terapêutica anti-helmíntica na espécie foi o thiabendazole, gerou populações resistentes, facilmente constatadas depois da contagem dos ovos, 21 dias após as vermifugações.

Os líquidos em suspensão, via oral, com pistola tipo pêra de borracha,

vêm apresentando os melhores resultados. Nos vermífugos fosforados, administrados através da seringa com ponta cortada, evitam-se os riscos com falsa via. No entanto, todos esses procedimentos aos poucos estão sendo trocados pelas pastas, um medicamento de fácil aplicação, seguro e rápido.

aqueles que estão apartados do rebanho ou ficam para trás são os que mais necessitam de medicação.

- Ler com atenção o rótulo dos produtos. Ali existem informações sobre a dose a ser aplicada, princípio ativo, espécies de vermes que atacam e período de carência (tempo entre a aplicação e o abate do animal). Este tempo é muito importante quando se dosifica o "consumo".
- Após a dosificação, deixar os animais presos por um período de aproximadamente oito horas, antes de serem transferidos para áreas descontaminadas, para que a primeira carga de ovos, que não será alcançada pelo anti-helmíntico, seja eliminada na mangueira.
- Promover a rotação de anti-helmínticos, tendo o cuidado de mudar o princípio ativo, e não somente o no-



Animais sadios garantem carcaças de primeira qualidade,

me comercial. Lembrar que rotação de vermífugos não significa dar uma dose e na próxima mudar de princípio. A mudança deve ser de um ano para outro, após algumas dosificações.

Para finalizar, lembramos que medidas tomadas para controlar os parasitas internos dos ovinos, em um determinado ano, não devem servir, necessariamente para o seguinte. No ano passado houve um período prolongado de seca, em que o número de larvas na pastagem foi reduzido pela ação da própria natureza. Este ano estão se desenvolvendo condições ideais para o aparecimento e a sobrevivência de grandes quantidades de larvas no pasto. Portanto, o manejo deve receber especial atenção, principalmente com os cordeiros desmamados ou mesmo mamões. 

ASPECTO DESPREZÍVEL E ATÉ FRÁGIL: VERME UM PARASITA FATAL

Os helmintos comprometem seriamente a saúde animal e humana, causando graves danos ao organismo e enormes prejuízos na economia.

A Sinergia Tecnológica, potencializando os benefícios de modernas drogas, capazes de controlar e eliminar com segurança os parasitas, reverte esse quadro que pode ser terrível e até fatal.

A FORMIL, nesta sinergia, fabrica e fornece os anti-helmínticos a laboratórios farmacêuticos, veterinário e humano, que os transformam em especialidades, de eficácia e segurança comprovadas.

17 anos de tecnologia para o moderno arsenal terapêutico utilizado em todo o mundo.

FORMIL QUÍMICA S.A.

Grupo

SULFABRAS

Tecnologia Fina

Escritório: Rua Luís Carlos Paraná, 246 - CEP 04651 - São Paulo - SP - Telex: 11.53912 SBIQ-BR - Fax: (011) 562-4722 - Tel.: (011) 562-6260
**ALBENDAZOL • CLOSANTEL • FENBENDAZOL • FLUBENDAZOL • MEBENDAZOL • OXFENDAZOL • ECONAZOL • MICONAZOL
SULFAMETOXAZOL • TRIMETOPRIMA • SULFADIAZINA • SULFAMETAZINA • SULFAGUANIDINA • NORFLOXACINA**



Visual Art

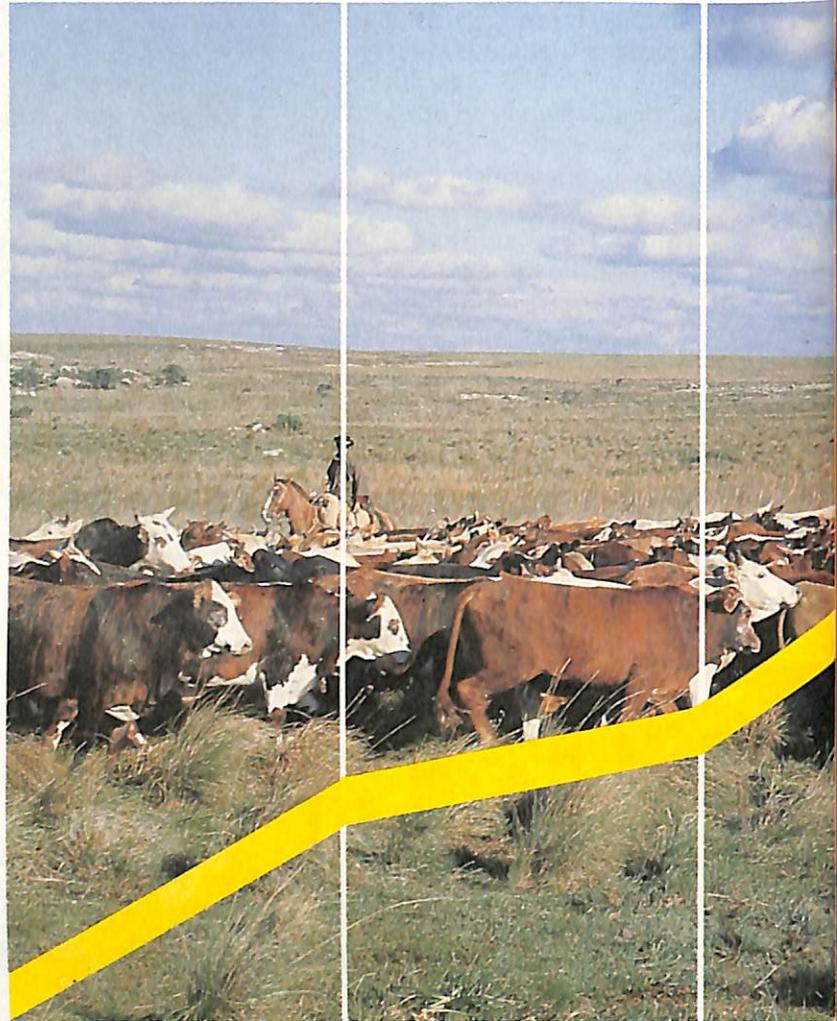
Touro testado não é

Houve um tempo em que o produtor rural acompanhava o desempenho de seus animais na ponta do lápis. Esse mecanismo caiu por terra com a chegada da informática.

A partir de então, o eficiente computador, em questão de segundos, presta inúmeras informações, desde que bem alimentado, é claro.

Só que os dados fornecidos ao equipamento, quando relativos a desempenho de reprodutores, por exemplo, ficavam restritos à área da propriedade. Pulando-se a cerca, não se sabia nada, o que deixava o criador alheio a números que

lhe permitissem comparar-se com o vizinho. Agora, esse quadro vem se modificando, através do "Teste de Avaliação de Bovinos de Corte".



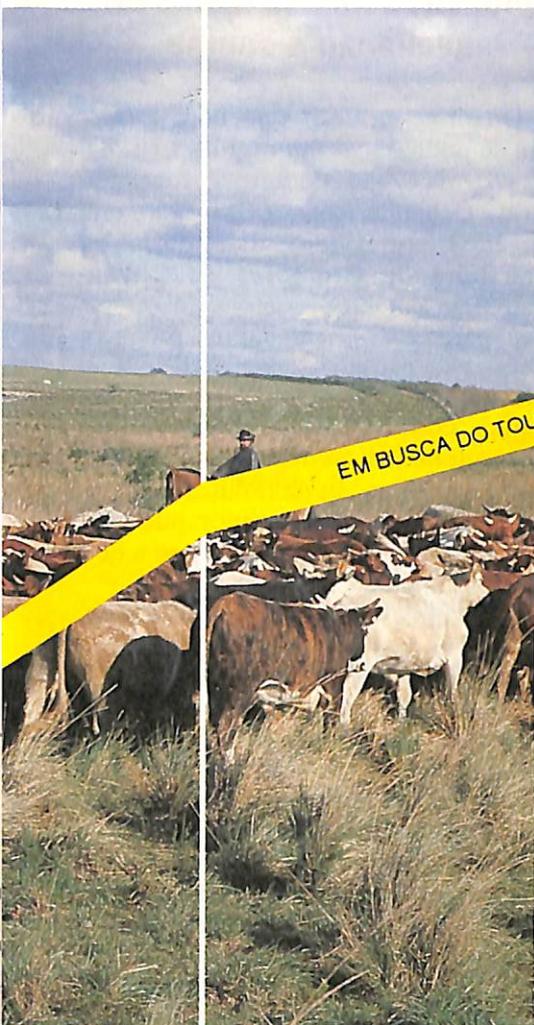
Um terneiro nada mais é do que uma expectativa genética. Mesmo que seus pais sejam bons, isto não é o bastante para credenciá-lo como futuro reprodutor da propriedade. Então, como pode o pecuarista saber que animal tem nas mãos? Qual o seu verdadeiro potencial? A escolha subjetiva do mais bonitinho cedeu lugar aos dados que alimentam os computadores, cuja resposta é certa e objetiva. É preciso suprir a demanda crescente de touros melhoradores, já que o número de cabanhas tem diminuído, estrangulando a exploração pecuária.

Para auxiliar o criador a sair desse sufoco, desde 1985 a Fundação de

Pesquisa Agropecuária do Instituto Francisco Osório/SAA-RS colocou em prática o chamado "Teste de Avaliação de Bovinos de Corte a Campo". O programa é inédito em termos de Brasil, sendo semelhante apenas ao de Sertãozinho/SP, porém neste os animais são mantidos em confinamento.

O trabalho gaúcho é realizado na Estação Experimental de Bagé (ameaçada por sem-terras), cidade situada na divisa com o Uruguai. A primeira raça a participar da avaliação foi a hereford. Em 87 entrou a santa gertrudis, e em 89 a devon. Cada associação tem direito a 30 vagas (para todo o País), e o valor de inscrição equivale a

privilégio de cabanha



sem qualquer tipo de complementação, exceto a mineral. Inclusive há ocasiões em que se juntam terneiros aos lotes prontos e preparados para a exposição/venda.

Um ponto bastante importante ressaltado por Pedra é a escolha do terneiro que vai para o teste. Esse animal, disse ele, tem que ser um ex-

poente dentro da cabanha, pois só assim o trabalho será positivo. "Aqui só lidamos com bicho bom, porque não somos um centro de reforma, de recuperação. O nosso objetivo é mostrar ao pecuarista o que ele tem de melhor, e, num âmbito global, quem ganha é a própria raça."

A comparação de dados é um dos fatores de seletividade

O grupo de animais deve, necessariamente, ter nascido entre os dias 15 de agosto e 15 de novembro, chegando a Bagé no final de maio (período de desmama). As associações, através do respectivo técnico, auxiliam o criador a encontrar o melhor grupo na propriedade, decisão também respaldada pelo Promebo. Outra exigência é que o animal seja puro de pedigree ou cruza, fator que limita o rebanho a nível de cabanha.

Pedra é incisivo ao declarar que não existe qualquer tipo de competição entre os participantes, mas, sim, entre grupos contemporâneos da mesma raça. Um dos principais fatores seletivos está justamente na comparação de dados entre animais com idades iguais, alimentação, manejo, etc. "O criador que sai em busca de um touro, no mínimo é um médio produtor. E esse homem já não compra em função

daquilo que está vendo. Ele quer informações, dados, números que comprovem o ganho médio diário. E os animais testados alcançam valores acima de 50% em comparação aos demais, especialmente nos leilões."

Manejo difícil — "Trabalhar com touro não é fácil", queixou-se o veterinário responsável a campo pelo teste de avaliação, Júlio César da Silveira. Além dos problemas sanitários mais comuns entre os machos, há o forte apetite sexual, as brigas, o risco da tristeza parasitária, causada pelo carapato. "Com as fêmeas ou bois, a vida diária é bem mais tranqüila. Então, para contornar esses problemas, aproveitamos os momentos de pesagens para fazer as dosificações e vacinas."

Na primeira pesagem oficial do teste que iniciou em 3 de agosto de 1991, devendo culminar em 14 de abril deste ano, os resultados foram os seguintes: o ganho médio diário do santa gertrudis foi de 487 gramas; o do devon, de 331 gramas; e o do hereford, de 485 gramas. Até dezembro estavam no programa 72 animais, dos quais 29 hereford, 25 devon e 18 santa gertrudis.

Seleção — Para o coordenador do teste de avaliação, veterinário José Pitta Pinheiro, as condições adotadas para a aprovação dos animais nas provas correspondem a uma pressão de seleção de 50% na característica ganho de peso. Isto quer dizer que, de 30 animais, 15 são aproveitados no GMD, e os restantes retornam às propriedades. Os aptos começam uma bateria de testes em que o fenótipo é visto em primeiro lugar. Este exame é de responsabilidade do técnico da associação, do IPZFO e da estação.

Em seguida, contou Pitta, vem o teste andrológico, que além de completo é eliminatório. Posteriormente é executado o Teste de Capacidade de Serviço (TCS), dentro dos padrões oficiais, sendo os touros classificados em alta, média e baixa, e os enquadrados na última, descartados do leilão.

um novilho gordo ao preço do dia. Outras entidades manifestaram interesse em levar seus animais, como as associações de shortorn e lincol red, o que poderá ser aceito em breve. Por enquanto, apenas 125 hectares são utilizados para as provas, de uma área total de 500 hectares.

Cautela — O diretor da Estação Zootécnica de Bagé, veterinário Hairton Pedra, afirmou que de um momento para outro não há condições de ser criada a infra-estrutura para atender um maior número de cabeças. Antes de mais nada, explicou, é preciso agregar áreas de pastagens. O manejo aqui aplicado envolve o máximo de oferta em cima de pastoreio direto,

O reprodutor aprovado recebe no lóbulo inferior da orelha direita uma tatuagem característica, além do certificado de touro testado em Estação de Avaliação de Bovinos de Corte a Campo.

Metodologia — Os animais em avaliação têm que ser puros de origem (PO) ou puros por cruz (PPC), com filiação conhecida das raças hereford/pollled hereford, santa gertrudis e devon. Os nascimentos, obrigatoriamente, precisam estar concentrados entre os dias 16 de agosto e 15 de novembro do ano anterior ao da realização do teste.

O programa é desenvolvido em duas fases, no entanto pode ser acrescido de uma terceira etapa. São elas:

* 1ª fase: Executada na propriedade do criador, abrange a inscrição, pesagens no nascimento e no desmame (205 dias), culminando com a escolha dos terneiros. Neste momento entra a Associação Nacional de Criadores — Herd Book Collares — e as entidades de raça, que, apoiadas no Promebo e/ou no CPD (Controle de Desenvolvimento Ponderal) apontam os melhores.

* 2ª fase: Começa com o ingresso dos animais na Unidade de Teste da Estação Experimental de Bagé. A adaptabilidade e o ganho de peso dos tourinhos passam a ser os fatores mais importantes, sendo esse período de 28 a 84 dias. Depois vem a avaliação propriamente dita, com duração de 280 a 366 dias. Pode variar em decorrência da disponibilidade de alimentos, compostos de pastagens nativas diferidas ou cultivadas em pastejo direto.

* 3ª fase: Consiste no preparo dos reprodutores, oportunizando aos proprietários a divulgação dos mesmos, seja por meio de exposições ou venda em leilão (todos são vendidos, mesmo que seja para o dono, que é obrigado a



Hairton Pedra, diretor da Estação Zootécnica de Bagé/RS

pagar a comissão do leiloeiro). Este é o único instante em que o gado recebe uma suplementação alimentar, definida pelos técnicos das associações.

Há cinco critérios de avaliação, além do comportamento individual

Critérios avaliatórios — O comportamento individual do animal testado é medido em relação às seguintes características:

1. **Ganho em peso por dia de vida:** alteração entre o peso no final do teste comparado ao do nascimento, dividida pela idade do touro no encerramento da prova;

2. **Ganho em peso por dia de vida:** alteração entre o peso no final do teste comparado ao do nascimento, dividida pela idade do touro no encerramento da prova;

3. **Peso corrigido aos 205 dias de vida:** este resultado é alcançado através do cálculo abaixo:

$$PC205 = [(PEA - PN) * 205 / I] + PN] * ADIM$$

PEA = Peso na entrada do período de adaptação

PN = Peso no nascimento

I = Idade em dias na entrada do período de adaptação

ADIM = Ajuste devido à idade da mãe*

4. **Peso corrigido aos 305 dias de**

vida: ganho em peso diário (GPD) multiplicado por 160 e somado ao peso corrigido aos 205 dias de vida;

5. **Peso corrigido aos 550 dias de vida:** GPD multiplicado por 345 e somado ao peso corrigido aos 205 dias.

Três raças foram as pioneiras nestes testes de avaliação a campo

De piloto da FAB a pecuarista. Assim se pode traçar um rápido perfil de Morecy da Costa Medeiros, proprietário da Cabanha Rodeio Colorado, em Bagé/RS, e presidente da Associação Brasileira de Criadores de Devon (ABCD). Em 1968 decidiu deixar os ares para voar mais baixo, precisamente nos campos, onde dedica-se à criação de devon e planta arroz. Com a ajuda do filho Luiz Fernando, agrônomo, trabalha com pastagens destinadas a terminação de novilhos. E como novidade estão aprimorando um pequeno núcleo de cruzas nelore x devon, o chamado "debu".

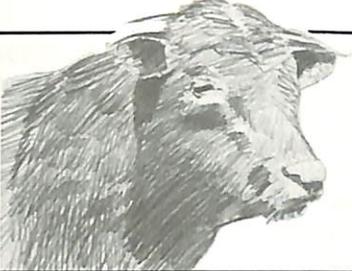
Após uma luta corpo a corpo com a Secretaria da Agricultura e Abastecimento, conforme definiu Morecy, a ABCD conseguiu, há três anos, ingressar no Teste de Avaliação de Bovinos de Corte. "Nós somos ambiciosos, e, embora tenhamos iniciado quatro anos depois da hereford, introduzimos melhorias que está ainda não efetivou no programa. Não adianta fazer o teste de ganho de peso, genética ou fenótipo sem controlar a produção dos expoentes."

Como dirigente, uma de suas preocupações é difundir ao máximo os touros campeões, comprovadamente melhoradores raciais. A ABCD tem um regulamento interno que lhe facultava o direito de colher o sêmen sem qualquer ônus, sendo a renda revertida à entidade. No ano passado foram coletadas do primeiro lugar 700 doses, e 500 do segundo. O proprietário declara que está cedendo o material gratuitamente para o controle de melhoramento racial, condição indispensável para que o Ministério da Agricultura registre o produto. A Embrapa também está bastante interessada, assim como a associação do hereford, que colocará em execução a sistemática neste ano.

Seleção — Alguns cuidados foram



Estado-maior do projeto: José Pitta Pinheiro, coordenador e Júlio César da Silveira, responsável pelo teste a campo

	AVALIAÇÃO DE TOUROS DEVON	
	1989/90	1990/91
DADOS GERAIS		
Criadores (número)	15	07
Animais no início do teste (número)	30	22
Animais no final do teste (número)	30	22
Animais aprovados (número)	13	15
Animais reprovados pelo GMD (número)	05	07
Animais reprovados pelo exterior (número)	12	—
Animais reprovados pelo andrológico (número)	—	—
PERÍODO DE AVALIAÇÃO		
Idade média inicial (dias)	282	284
Idade média final (dias)	562	564
Peso médio inicial (kg)	208.2	228.3
Peso médio final (kg)	390.4	443.1
Média de ganho em peso diário (kg)	0.651	0.767
Média de ganho em peso por dia de vida (kg)	0.629	0.724
Peso corrigido 365 dias (kg)	267.3	297.6
Peso corrigido 550 dias (kg)	387.7	439.6

tes, como, por exemplo, o de encaminhar a Bagé espécimes exageradamente grandes, com sérios riscos de fugir ao padrão racial e de perder as qualidades características do devon. Entre elas a fertilidade, precocidade e habilidade leiteira. “Devemos trabalhar pela raça, acompanhando as tendências do mercado. É fundamental deixar o nanismo de lado, mas ao mesmo tempo precisamos de bom olho de lombo,

é essencial para que o técnico da ABCD vá à propriedade examinar o fenótipo, com o objetivo de evitar que seja encaminhado animal com defeito. Esta seleção preliminar, destacou Morrecy, é uma exigência do regulamento criado em 90 e aperfeiçoado no ano passado. “Antes o produtor optava pelo animal bonitinho. Atualmente estamos elaborando normas para todas as raças participantes, baseados em nosso modelo. A idéia é padronizar, como é exemplo a exigência de peso mínimo de 200 quilos para participar nesta temporada.”

Um touro testado precisa ser de alta a superalta capacidade de serviço, isto é, apresentar de cinco a nove saltos, respectivamente, em 20 minutos. Este animal a campo, explicou Morrecy, certamente irá fecundar de 35 a 75 vacas. No momento da compra, o cabaneiro pode pagar um pouco mais por um touro de superalta capacidade, em relação ao de média. Para 100 vacas bastariam, seguramente, dois animais, e não três ou quatro.

observados de perto para não repetir os erros cometidos nos primeiros tes-

profundidade e traseiro.”

O produto ter pai e mãe registrados

Com o custo de um novilho gordo apenas, qualquer criador pode partici-

ANOTE JÁ: 26 DE SETEMBRO SAÍDA PARA O

FARM PROGRESS SHOW

A maior exposição agrícola dos Estados Unidos, apresentando as últimas novidades técnicas no preparo do solo, plantio, colheita, secagem e transporte de grãos.

- 7 dias de visitas técnicas no “Farm Belt” dos Estados Unidos
- Guia acompanhante do Brasil
- 5 dias em New York

“TRAGA DE VOLTA BOAS IDÉIAS”

Consulte seu Agente de Viagens

ou

TRAVELSTAR VIAGENS E TURISMO

Tel.: (011) 259-0622

Fax.: (011) 255-7733

a granja



Está na hora de planejar a comercialização da sua safra.

**SAFRAS
&
MERCADO**

**Garanta um ano de lucros
na comercialização de seu produto.**

Quando você faz uma assinatura de SAFRAS & Mercado, você está entrando num completo sistema de informações e análises de mercado.

**Assine SAFRAS & Mercado
o mercado na palma da mão e na ponta dos dedos**

Preencha o cupom abaixo e remeta
para Editora SAFRAS Ltda.
Av. Otávio Rocha, 115 - 11º andar
90020 - Porto Alegre - RS

Se preferir, assine pelo telefone
(0512) 24-7039 - P. Alegre

Cupom de Assinatura

- **SIM.** Quero receber a(s) publicação(ões) especializada(s)
SAFRAS & Mercado, por um ano, que pagarei na forma indicada abaixo:

Publicação	Valor do Pagamento
SAFRAS & Mercado SOJA & Grãos (semanal)	Cr\$ 419.500,00
SAFRAS & Mercado MILHO (quinzenal)	Cr\$ 298.500,00
SAFRAS & Mercado ARROZ (quinzenal)	Cr\$ 298.500,00
SAFRAS & Mercado CARNES (quinzenal)	Cr\$ 298.500,00

ANEXO CHEQUE NOMINAL A:
EDITORA SAFRAS LTDA.
Av. Otávio Rocha, 115/11º andar - CEP 90.020 - POA - RS

NOME: _____

EMPRESA: _____ CARGO: _____

ENDEREÇO: _____

CX. POSTAL: _____ CEP: _____

CIDADE: _____ UF: _____

CGC/CPF: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____ TLX: _____

DATA: ___/___/___

ASSINATURA

par deste programa, bastando que se enquadre no regulamento. "É a maior oportunidade para quem quer produzir touros. Ele pega o terneiro, leva para a estação e esquece. Não tem despesas com manejo, alimentação, medicamentos, etc. No final, recebe um touro com valor mínimo de três vezes o que pagou. Então queremos colocar lá dentro 300 machos de todas as raças, pois mercado não falta. Vamos dar ao pessoal chance de adquirir um reprodutor de elite, o que proporcionará ganhos a todos."

Tanto aspado como mocho, o hereford ainda é a base do rebanho bovino no RS

Os irmãos Geraldo e Carlos Pereira de Souza administram a Estância do Bolso, localizada no município de São Gabriel/RS. A famosa dobradinha de carreteiro, arroz x carne, é o principal prato produzido no estabelecimento, com muito grão cultivado ao lado do gado hereford.

O aprimoramento genético é tratado com seriedade pelos experientes criadores, que aproveitam toda a tecnologia possível para encurtar o ciclo da pecuária. Com apenas 12 meses de idade determinadas novilhas são inseminadas, enquanto que aos 15 meses os terneiros vão para o abate. Além disso, anualmente são produzidos cerca de 60 touros, sendo parte deles vendida, e outra encaminhada para uma bateria de testes na propriedade. O objetivo é saber quais as reais condições de transmissibilidade do animal.

Entre as provas avaliatórias, a primeira é o Programa de Melhoramento Bovino, cujos resultados serão decisivos na escolha dos terneiros que irão para a Estação Experimental de Bagé. Após um ano, pode-se conhecer o potencial do touro em nível de campo, bem como comparar seu desempenho com o de outros animais da mesma idade e raça.

A Estância do Bolso, antes de encaminhar os reprodutores a Bagé, estava em torno de dez cabeças na Estação de São Gabriel. Porém, misteriosamente e sem maiores explicações, esta foi fechada. Não restou outra alternativa senão a de começar o programa em outra cidade, aprovei-

tando uma área de certa forma ociosa no município vizinho. Numa iniciativa de Geraldo, à época dirigente do Sindicato Rural Gabrielense, em conjunto com outros associados, e com apoio do conselho técnico da hereford, começou o Teste de Avaliação de Touros de Corte a Campo.

A distância que separa a pecuária brasileira daquela praticada em países como o Canadá e os Estados Unidos é grande. Colocá-las em pé de igualdade seria como acreditar que duas linhas paralelas pudessem se encontrar. Enquanto lá fora chegam a ser avaliados milhares de touros por ano, aqui o número é insignificante (no Rio Grande do Sul, aproximadamente 90 animais), sendo o centro avaliatório a campo de Bagé o único do País.

Para Carlos Pereira de Souza, a quantidade de reprodutores utilizados sem qualquer potencial genético é impressionante. "A culpa é do próprio criador, que utiliza um animal mais barato e acessível, que não lhe trará qualquer benefício econômico, sem melhorias no rebanho. Imagino que seja um problema cultural", destacou.

Um fator que dá credibilidade aos remates efetuados no término do programa é que os exemplares reprovados não entram em pista. E os grandes compradores são as centrais de inseminação do País inteiro, sempre pre-

sentes, disputando os reprodutores com outros criadores. O touro é artigo de luxo, havendo uma carência enorme de animais de qualidade. Em especial para a monta natural, já que as vacas com cria ao pé dificultam o manejo, a entrada de cio, etc. Neste caso, a única saída é o reprodutor.

"Com os filhos dos touros testados", garante Carlos, "pelo fato de serem oriundos de pais conhecidos, a garantia de dar certo é grande". O Teste de Capacidade de Serviço, com duração de 20 minutos, é mais uma ferramenta neste trabalho, proporcionando a produção de elevada quantidade de terneiros.

Os criadores que testam os machos são unânimes em afirmar que numa relação custo-benefício este é um investimento barato. Comparando o testado aos demais, percebe-se a diferença no desempenho, desenvolvimento, capacidade de serviço, e muito mais. Somado a isso, ele tem maior valor quando vai às pistas, em função de seus dados, despertando o interesse de novos produtores, ao contrário dos pecuaristas conservadores, que ainda compram pelo "olhômetro". "A tendência de quem não faz os testes", assegura o criador, "é ficar para trás, já que não há como evoluir sem eles".

	AVALIAÇÃO DE TOUROS HÉREFORD E POLLED HEREFORD		
	1989/89	1989/90	1990/91
DADOS GERAIS			
Criadores (número)	22	22	14
Animais no início do teste (número)	32	28	21
Animais no final do teste (número)	32	28	19
Animais aprovados (número)	14	08	11
Animais reprovados pelo GMD (número)	10	16	08
Animais reprovados pelo exterior (número)	05	04	—
Animais reprovados pelo andrológico (número)	03	—	—
PERÍODO DE AVALIAÇÃO			
Idade média inicial (dias)	316	284	294
Idade média final (dias)	596	564	574
Peso médio inicial (kg)	238.6	239.2	237.9
Peso médio final (kg)	455.4	442.7	461.3
Média de ganho em peso diário (kg)	0.774	0.727	0.798
Média de ganho em peso por dia de vida (kg)	0.707	0.723	0.742
Peso corrigido 365 dias (kg)	307.9	301.2	309.5
Peso corrigido 550 dias (kg)	451.2	435.6	457.1

SEMENTES DE FORRAGEIRAS

- FORRAG. VERÃO E INVERNO
- ADUBOS VERDE
- SORGO FORRAG.
- MILHO CARGILL
- SORGO GRANIF.

olho natura
SEMENTES

BR 116 - km 284 - Eldorado do Sul - RS
Rua Vitor Valpírio, 705 - B. Anchieta - POA
Fone/Fax (051) 343-7575

MÁQUINA DE TELA

Para fabricar telas de arame dos tipos convencionais e ôtz.

15 ANOS DE QUALIDADE TRADIÇÃO EM TODO O BRASIL

JANALE

JANALE MÁQUINAS LTDA.
Fáb.: Estrada Dourado, 669 - saída p/Arrebita - Tel.: (054) 522-1264
Esc.: Rua Alemanha, 100 - Tel.: (054) 522-1408
CEP 93700 - Erechim - RS

KAUFFMANN
FÁBRICA DE AROS E RODAS

Elementos para irrigação
Mecânica pesada
Postes e canos
Estruturas metálicas
Caldeiras e trocadores de calor

Av. Cairu, 865 - Fone: (0512) 43-4930
CEP 90230 - Porto Alegre - RS - Brasil

PELETIZADORA SILVER

Trabalha sem vapor, com capacidade de 350 à 1.500kg/h
Ideal para Avicultura, Suinocultura, Cunicultura, Piscicultura, Pecuária, Indústrias Químicas, Alimentícias, etc.

Potência: 10 a 40cv

Metalúrgica Vêneta Ltda.
Rua Brito Peixoto, 70/74 - 02735 - Freguesia do Ó
São Paulo - SP - Tel.: (011) 858-4655 tronco
Telex: 1122710 VNTA - BR

EQUIPAMENTOS PARA MATADOUROS DE AVES

- Depenadeiras
- Escaldadeira
- Nórias (Transportadores)
- Projetos e Assistência Técnica

SOUZA
Indl. SOUZA Máq. e Imp. Agric. Ltda.
Av. Visconde do Rio Grande, 771
Cx. Postal 9 - CEP 96.790
Fones: (051) 482-1023 - 482-1088

desmame PLUS

BRASIL INSPECIONADO 6325 S. I. F.

— Dispensa com segurança a restrição alimentar pós desmame.
— Tranquilidade no desmame, sem aparecimento de diarreias por E. Coli.
— Excelente palatabilidade, aumentando o consumo de ração e o ganho de peso.

Maiores informações:
MIG-PLUS Nutrientes Agropecuários Ltda.
Fone-fax (054) 347-1055 - Casca - RS

S. Gertrudis, uma raça talhada pelo homem e que cresce dia a dia

A Associação Sul-brasileira de Criadores de Santa Gertrudis, com sede em Bagé, está empenhada em apoiar o desenvolvimento dos testes de avaliação de touros, tanto em termos financeiros como técnicos. Na quarta edição do programa, que está em andamento, desde o primeiro foram avaliados cerca de 90 reprodutores.

O presidente da associação sulina, José Gomes Moglia, considera o trabalho realizado pela SAA/RS extremamente importante, por espelhar a realidade do regime de criação extensiva. "O Rio Grande do Sul tem poucas cabanhas, mas, em compensação, inúmeros criadores utilizam o santa gertrudis nas cruzas. Estamos tratando de uma raça de corte e queremos peso, pois hoje o pecuarista se deu conta de que precisa selecionar esta característica acima de tudo."

A santa gertrudis é a base do cruzamento industrial desenvolvido por Moglia. No município de Dom Pedrito está a Estância Santa Corina, estabelecimento dedicado à cria. De lá os animais são levados para as invernações de Bagé (distante cerca de 70 quilômetros). A produção de terneiros é o carro-chefe do criatório, com abate aos 24 meses e 440 quilos de peso, atingindo um rendimento de até 50%.

A cobertura de certas terneiras começa dos 14 meses em diante. Esses programas aumentam o potencial genético em curto prazo de tempo, possibilitando um retorno rápido, uma vez que na pecuária tradicional a resposta é lenta.

Impasse — A associação é que determina os critérios na escolha dos terneiros que o pecuarista deve selecionar para o programa, com aval do técnico da entidade. No entanto, destaca Moglia, um problema que persiste é a concorrência da Expoiner. Muitas vezes o cabaneiro prefere engordar o animal no cocho, a galpão, e amansá-lo para a feira, pois poderá obter um maior lucro. Por outro lado, para benefício da raça e da cabanha, ele deveria deixar, sempre, o expoente da propriedade para o teste. Só assim é possível saber se o criatório vai

bem, tem futuro, etc.

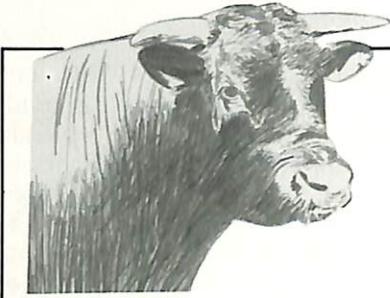
Terminada a avaliação na Estação Experimental, vem a segunda fase dentro do santa gertrudis, com o teste de progênie. Sem qualquer ônus para a associação, iniciou em setembro último a coleta de 100 doses de sêmen dos quatro primeiros colocados, e inseminadas 100 vacas de quatro cabanhas. Nasceram 68 terneiros, e, na época do desmame, serão escolhidos ao acaso três exemplares de cada touro, totalizando 12 animais por criador, nas mais diferentes regiões e condições. Em seguida eles irão a uma estação experimental para avaliar o ganho de peso e medições. Desta maneira se chega ao "top" no Rio Grande do Sul.

Nos Estados Unidos, contou Moglia, o teste de progênie é efetuado há 50 anos, enquanto que no Brasil começou no ano passado apenas. "Não temos resultados estatísticos, coisa que o brasileiro não gosta de levantar, ao contrário do norte-americano, que a todo instante junta o gado."

Um touro tem que imprimir em sua prole o melhor de sua comprovada genética

A Estância Boa Vista da Quinta, com 1.650 hectares, é uma das cinco propriedades da empresa Estância da Quinta Ltda. Localizada no município de Rio Pardo/RS, a cabanha produz anualmente cerca de 20 touros santa gertrudis — absorvidos no criatório — e dispõe de um plantel de elite com 100 matrizes (PP). O rebanho que o grupo trabalha é de 10.000 cabeças, das quais 35% são inseminadas. O gado é abatido aos 3,5 anos, com peso acima de 530 quilos.

Para dar continuidade ao melhoramento genético do criatório, ini-



	AVALIAÇÃO DE TOUROS S. GERTRUDIS		
	1988/89	1989/90	1990/91
DADOS GERAIS			
Criadores (número)	16	14	14
Animais no início do teste (número)	27	24	23
Animais no final do teste (número)	27	23	23
Animais aprovados (número)	07	06	13
Animais reprovados pelo GMD (número)	11	10	10
Animais reprovados pelo exterior (número)	08	07	—
Animais reprovados pelo andrológico (número)	01	10	—
PERÍODO DE AVALIAÇÃO			
Idade média inicial (dias)	297	272	273
Idade média final (dias)	577	552	553
Peso médio inicial (kg)	242.2	271.7	243.5
Peso médio final (kg)	454.5	468.2	478.7
Média de ganho em peso diário (kg)	0.758	0.702	0.840
Média de ganho em peso por dia de vida (kg)	0.726	0.786	0.801
Peso corrigido 365 dias (kg)	317.7	331.4	333.0
Peso corrigido 550 dias (kg)	457.9	461.3	488.4

ciado há mais de 10 anos, o diretor Péricles Pereira Druck, desde 1989, época em que foram iniciados os testes de avaliação de touros com a raça santa gertrudis, tem marcado presença nesta iniciativa. Segundo Druck, o programa é muito importante dentro da seleção de qualquer raça, já que permite conhecer o desempenho do macho num regime semelhante ao que os filhos receberão.

O critério adotado na estância, para a escolha dos terneiros que participam do teste, é estabelecido pelo técnico da associação.

Logo no primeiro ano de teste, um touro classificado da Estância da Quinta, entre outros exemplares, foi levado por um gertrudista de São Paulo para a montagem de uma central de inseminação. Péricles comentou que no ano passado, durante o remate, fez uma defesa para ficar com um touro da propriedade, considerado interessante, e cujos primeiros produtos nasceram há poucos meses. O criador, porém, afirmou que o fato de um animal ficar na fazenda não significa que se trata de um animal inferior. "Aí entra o Promebo (Programa de Melhoramento Bovino), que permite a comparação do rebanho dentro da propriedade. No teste de Bagé, o pecuarista tem a possibilidade de comparar o desempenho com o de outros produtores."

Paraná incentiva melhoramento genético de seu rebanho

O governo do Paraná vai direcionar a política de produção animal e investir maciçamente na ampliação do rebanho bovino leiteiro e de ovinos do Estado nos próximos três anos, onde estão programadas importações de animais da Argentina e Uruguai e também aquisições em outros Estados. Nos próximos 60 dias deverão chegar aos produtores paranaenses — principalmente do sudoeste e do sul do Estado — quatro mil novilhas do Uruguai. Em três anos, o governo pretende importar de outros Estados brasileiros, da Argentina e do Uruguai 100 mil bovinos para aumentar a produtividade do setor leiteiro.

A necessidade de o Paraná tornar sua pecuária mais competitiva se faz mais urgente com a concretização do Mercosul, que deverá eliminar as barreiras alfandegárias existentes entre Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina.

Bovinos de leite

Os números apresentados hoje pela pecuária leiteira paranaense, entende o secretário da Agricultura, Osmar Dias, “não permitem uma rentabilidade segura, pelo contrário, é até negativa” para os produtores. Com um programa de elevação da qualidade da linhagem, cada criador receberá até 15 cabeças, em condições facilitadas de pagamento. O prazo é de três anos, com mais um de carência, com o valor convertido à cotação do preço do leite.

Alcançar o número de 100 mil novilhas importadas, até 94, é uma meta ambiciosa, admite o secretário Osmar Dias, mas é o ideal. Somadas ao rebanho paranaense, de 1,1 milhão de cabeças, poderão garantir em torno de 30% o aumento de produtividade. Além da importação do Uruguai, cuja transação já está em andamento, já foram entregues cerca de 400 novilhas, procedentes de Minas Gerais, a pro-



dutores de Campo Mourão. A produtividade desses animais gira em torno de 15kg a 20kg/dia de leite.

Para esse programa, o Banestado deverá financiar os investimentos, avaliados em US\$ 123 milhões para os próximos três anos, sendo que em 92 serão investidos US\$ 36,9 milhões na compra de aproximadamente 30 mil novilhas. Esse valor total, explicou Osmar Dias, não será utilizado necessariamente só em importação. O criador é que vai determinar onde quer comprar o animal, desde que atenda as restrições impostas pelo programa, ou seja, o animal deve ser de raça leiteira e de boa procedência, com garantia de produtividade, sob pena de inviabilizar posteriormente o pagamento do financiamento, já que o investimento deverá ser pago com a produção.

Outra restrição — adiantou — é que as compras dos animais dentro do Paraná serão rigorosamente controladas, para evitar a transação com “vacapapel”, com a agravante de que não iria contribuir para a ampliação do rebanho bovino leiteiro no Estado, configurando apenas uma troca de criador.

Esta iniciativa do governo Roberto Requião em implementar o programa, segundo o secretário, tem como objetivo projetar o Paraná como grande Estado produtor de leite com nível mais tecnificado e detentor da melhor genética do Brasil, nos próximos 10 anos. Por isso, a exigência para o pecuarista entrar na atividade através do programa é que ele aprenda a ser um criador que acompanhe o dia-a-dia de seu plantel e que já comece com um

nível de tecnologia jamais adotado em outros Estados.

Como a questão da baixa produtividade tem outras origens além da qualidade genética, o governo vem investindo na melhoria da alimentação do rebanho. A Codapar adquiriu conjuntos de fenação e silagem, para garantir uma alimentação adequada, principalmente no inverno. Os produtores que receberem as novilhas serão incluídos nos programas de inseminação artificial, que vêm realizando 100 mil operações por ano, sempre utilizando touros de altíssima linhagem.



Ovinos

Das 200 mil ovelhas que deverão ser importadas nos próximos três anos, entre 50 mil e 70 mil chegarão ao Paraná ainda este ano. Elas virão também do Rio Grande do Sul e do Uruguai, de acordo com as disponibilidades. Mas o potencial do Estado, em função do clima e topografia favoráveis, principalmente na região dos Campos Gerais, comporta um rebanho estimado em 6 milhões de cabeças.

O programa de ovinocultura, ao contrário da bovinocultura de leite, terá um desenvolvimento, inclusive de custos, conforme o mercado. Ou seja, como investimento, a Secretaria da Agricultura vai mantê-lo enquanto for viável economicamente para o Paraná, com preços de ovinos girando em torno de 85% e 80% do preço da arroba do boi. “A partir do momento em que o preço ultrapassar esse limite, a SEAB retira-se do mercado até as cotações se estabilizarem novamente. Nos próximos três anos, o programa de ovinocultura deverá elevar o rebanho para um milhão de cabeças.”

Receita cambial da soja deve voltar a crescer em 92



Quemos acreditar que o desempenho das exportações brasileiras no complexo soja em 1991 tenha sido o fundo do poço, e que em 1992 possamos recuperar parte do terreno perdido. Na verdade, a desastrosa política governamental para o setor, adicionada à queda nos preços internacionais e às conseqüentes comercializações fracas dos últimos três anos, além do problema de quebra da safra, levou o Brasil a uma receita cambial, na área, de apenas US\$ 2 bilhões, em 1991, cerca de 30% inferior ao resultado de 1990, e o menor desde 1986. No último ano, a participação do complexo soja no total das exportações brasileiras foi de apenas 6%, o pior resultado desde 1971. Esses são os números preliminares das exportações do ano passado e que não deixam dúvidas quanto ao momento de dificuldades pelo qual passa a oleaginosa e seu complexo agroindustrial, refletindo o quadro deprimido da economia brasileira. Agora a grande pergunta passa a ser: 92 será diferente?

Os resultados da balança comercial brasileira no mês de dezembro, divulgados pelo Departamento de Comércio Exterior — DECEX, revelaram que as exportações totais do Brasil, em 1991, atingiram US\$ 31.707 milhões, cerca de 1% acima do volume total de 1990. Essa performance, embora fraca, foi considerada dentro do esperado, em função da retração da economia brasileira neste último ano.

Na mesma linha, o desempenho das exportações do complexo soja correspondeu a expectativa, mas em montantes significativamente abaixo do normal para o setor. Para todo o complexo, foram US\$ 2 bilhões, cerca de 30% inferior aos US\$ 2.854 bilhões de 1990. Desse total, US\$ 443 milhões vieram das vendas de soja em grão, cerca de 51,3% a menos que os US\$ 910 bilhões de 1990. O farelo de soja teve, nesse período, o comportamento menos fraco de todo o complexo, atingindo US\$ 1.345 bilhões, contra os US\$ 1.610 de 1990, significando uma redução de apenas 16,5%. O óleo de soja também apresentou um desempenho sofrível, atingindo apenas US\$ 212 milhões, contra US\$ 334 milhões em 1990, numa queda de 36,4%.

O declínio da representatividade do setor soja na economia brasileira é notório e preocupante, uma vez que já chegou a exportar cerca de 17,7% do total das vendas externas brasileiras em 1977, e em 1991 representou apenas 6,3%. O recorde de receita foi obtido em 1989, quando atingimos US\$ 3.647 milhões e 10,6% do total. Nesse mesmo período, segundo os levantamentos preliminares realizados pela SGS do Brasil, o volume de exportações de soja grão foi de 1.704 mil toneladas, com queda de 56,9% em relação às 3.953 mil de 1990, 7.010 mil toneladas de farelo de soja, com redução para os 8.944 mil de 1990, de 21,6%, e de apenas 503 mil toneladas

de óleo de soja, contra 799 mil de 1990, com perda de 37,1%. Embora esses números não sejam ainda os definitivos, o fato é que o Brasil perdeu mercados em 1991, e terá uma dura batalha pela frente em 1992, para recuperar parte desse terreno.

O fraco desempenho do complexo soja, em 1991, tem evidentemente relação forte com a quebra de safra ocorrida em função da seca, quando se colheram cerca de 15 milhões de toneladas, para um total esperado de 18 milhões. Entretanto, isso não é tudo, uma vez que os produtores brasileiros estão vindo de três comercializações frustradas pela queda nos preços internacionais, que saíram da faixa de US\$ 8.00/bushel, no início de 1989, para os atuais US\$ 5.70, no início de 1992. Além disso, também temos a negativa interferência governamental, seja ligada à manutenção de uma política cambial irreal e ao corte nos créditos oficiais para custeio e comercialização, seja pela falta de investimentos no setor.

O mercado internacional sinaliza uma conjuntura mais favorável em relação aos preços da soja e subprodutos, ligada à expectativa de redução na área plantada nos Estados Unidos, aos efeitos possíveis sobre a safra do Hemisfério Norte oriundos do fenômeno "El Niño" e às possibilidades concretas de concessão de novos créditos para a compra de grãos e farelo pela Comunidade dos Estados Independentes — CEI. Com isso, as exportações brasileiras podem atingir de 2.700 a 2.900 mil toneladas de soja, de 7.800 a 8.000 mil toneladas de farelo e de 600 a 700 mil toneladas de óleo, numa receita cambial total de US\$ 2.635 milhões, sendo US\$ 730 milhões da soja, US\$ 1.580 milhões do farelo e US\$ 325 milhões do óleo. São resultados ainda muito modestos diante do potencial do País, mas podem representar o começo de uma virada de direção.

Silmar C. Müller



Quarto-de-milha: Cr\$ 156,5 milhões

As previsões otimistas, de melhores dias na zona rural brasileira, aos poucos começam a sair da esfera das expectativas para experimentar o gosto de uma realidade palpável. A prova disso é a safra de grãos que, mesmo não sendo recorde, vai chegar a 65 milhões de toneladas. E todo esse contexto passa a incidir diretamente na comercialização de animais.

A exemplo do ano passado, as raças que colocaram em pista produtos de qualidade na maioria das ve-

zes conseguiram bons preços. E parece que neste ano vai se repetir o que ocorreu no primeiro pregão de quarto-de-milha de 92, em Vitória/ES. Com o público lotando o recinto, foi negociada toda a oferta de 50 eqüinos pela considerável soma de Cr\$ 156,5 milhões. A média geral ficou em Cr\$ 3,13 milhões, e o ventre mais caro saiu por Cr\$ 18 milhões. Para se ter uma idéia, 20 garanhões puros totalizaram Cr\$ 62,4 milhões, e 17 fêmeas, Cr\$ 80 milhões.

ICMS em eqüinos

Os leiloeiros paulistas propuseram ao governo de São Paulo o adiamento por seis meses da cobrança de ICMS sobre as vendas de cavalos de raça, determinada pelo Decreto 34.448, publicado em dezembro último. Esta decisão foi tomada durante o 7º Encontro Nacional dos Leiloeiros Rurais, realizado recentemente no Rio de Janeiro. O presidente do Sindicato das Empresas de Leilões Rurais, Antonio Pinheiro Machado, salienta que o setor não é contrário à medida, mas precisa de um tempo, já que o mercado foi pegado de surpresa.



Trombini exhibe os bi-grandes campeões

Árabe para iniciantes

O Haras Serradinho, de Jeremias Martins, localizado em Jaboticabal/SP, vai reduzir o plantel de puro-sangue árabe. Para tanto, irá promover quatro vendas na propriedade, a primeira em 11 de abril, oportunidade em que serão ofertados 40 lotes (37 éguas e 3 garanhões). O remate está sendo considerado uma bela chance para quem quer iniciar com animais de primeira linha, inclusive com preço-base estipulado.

Suffolk entra 92 com pata direita

A V Expo-feira Nacional de Ovinos Suffolk, realizada de 4 a 6 de fevereiro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, vendeu Cr\$ 57,8 milhões. A média por animal foi de Cr\$ 222 mil, e o maior valor, Cr\$ 2,72 milhões, pago por Breno Terra Azevedo, de Mostardas/RS, por um carneiro PO de Jorge Cidade Lopes, de Viamão/RS.

Da mostra participaram 34 produtores, entre os quais criadores do Paraná, com 494 exemplares, sendo 109 PO a galpão e 20 rústicos, além de 365 exclusivamente para o pregão. O paranaense Renato Trombini, proprietário da Cabanha Rosazul, de Palmeira, trouxe 12 animais PO, entre os quais figuram os bi-grandes campeões nas categorias macho e fêmea da mostra.

Ao fazer um balanço da feira, Flávio da Cunha, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Suffolk, disse que o investimento na ovinocultura proporciona ao produtor um retorno imediato. "O setor experimenta hoje uma franca recuperação, depois de superar um período difícil no ano passado."

A comercialização foi dirigida pelos escritórios Knorr Remates, de Pelotas/RS, e Trajano Silva, de Uruguaiana/RS.

AS PRINCIPAIS MÉDIAS POR CATEGORIA	
	Cr\$
Carneiros PO	787 mil
Borregos PO	645 mil
Cordeiros PO	830 mil
Ovelha PO	1.900 mil
Borregas PO	350 mil
Cordeiras PO	940 mil
Ovelha RGB	300 mil
Ovelha SO	300 mil

ESCOLHA SEU TRATOR

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO	
AGRALE	4300	HSE 24 ST		27.210.938	KOMATSU	D30E			173.940.526	
	4300	HSE 24		28.342.187		D50A			255.059.200	
	4100	HSE 24 ST		15.011.425		D50P			297.414.664	
AGRALE/DEUTZ	BX-90			57.059.375		D60E			450.480.784	
	BX-4.90			77.106.250		D60F			486.782.789	
	BX.100			65.140.625		D6SE			478.025.020	
	BX-4.110			87.115.625		D73E			549.728.831	
	BX-130			75.559.375		MF 235			40.050.484	
	BX-4.130			101.181.250		MF 235 E			38.759.534	
CASE	580H AX			171.769.279		MF 265			55.143.811	
	W 18			198.650.452	MF 265 E			54.374.146		
	W 20B			246.608.261	MF 265/4			72.792.672		
	W 36D			449.877.932	MF 275			66.331.693		
	80 CR			397.639.568	MF 275/4			82.745.847		
	80 P			452.992.667	MF 272 E			63.644.121		
CATERPILAR					MAXION	MF 290			72.427.197	
	D4E-SR			180.670.659		MF 290/4			92.504.228	
	D6D-SR			406.091.465		MF 290/RA			64.961.576	
CBT						MF 290/MS			49.417.951	
	8240			73.504.283		MF 292			82.694.834	
	8440			75.207.287		MF 292/4			105.781.859	
	2105	TMM/STD		79.470.064		MF 297			88.172.357	
	8060	4x4		115.760.163		MF 297/4			117.117.819	
	8450	4x4		109.082.463		MF 299			103.696.631	
	8060			89.331.846		MF 299/4			136.334.328	
	8260	4x4		119.072.045	MX 9150			141.215.342		
	8240	CC		58.989.687	MX 9170			157.075.401		
	8440	CC		60.566.657	MÜLLER	TM 12	c/teto solar simples		137.250.308	
2105	CC		76.858.486	TM 12		c/teto solar duplo		144.583.025		
ENGESA	1128-CF			256.804.583		TM 14	c/teto solar simples		152.746.926	
	1428-CF			280.198.649		TM 14	c/teto solar duplo		166.485.148	
	923-CF			240.748.721		TM 17	c/teto solar simples		192.882.000	
	815-CA			160.241.784		TM 17	c/teto solar duplo		197.167.823	
	FORD	4610		14.9/13x28		63.200.000	TM 25	c/teto solar duplo		217.634.616
		5610		16.9/14x30		70.765.673	TM 25	cabine/duplo		225.760.979
		5610	4x4	18.4/15x30		92.389.230	TM 31	c/teto solar duplo		296.278.423
		6610		13.6/12x38		81.482.244	TM 31	cabine/duplo		301.338.626
		6610	4x4	18.4/15x34	103.869.029	SANTA MATILDE				
		7610		18.4/15x34	92.908.362		SM 370	C		
7610		4x4	18.4/15x34	118.208.362	SM 400		CR			
7810		4x4	18.4/15x34	132.510.484	SM 500		CR			
FIATALLIS	7D			175.732.104						
	FD9C0			259.081.776	68		ESP		50.936.204	
	FD9E0			253.097.068	68		STD		47.142.917	
	FA120			230.114.009	78		ESP		52.270.883	
	14CTC0			377.518.769	78		STD		58.775.967	
	14CTE0			370.876.021	885		MILT		75.231.761	
YANMAR					885	PCR		56.558.315		
					885	4X4 MULT		96.926.879		
					985	4x2 MULT		85.680.660		
					985	4x4		111.557.969		
					1180	4x4 MULT		122.727.845		
					1280	4x2		99.110.004		
					1280	4x4		137.706.686		
					1580	4x4		170.788.092		
					1780	4x4		180.732.901		
					TC 11			13.060.000		
				1040 STD			33.215.321			
				1050 STD			43.179.918			

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA

AS OPORTUNIDADES DO MERCADO

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
IDEAL	9075	grão		173.803.042
	9075	arrozeira		167.988.255
	9075	grão turbo		182.857.659
LAVRALE	L 300	arrozeira/direto		78.490.512
	L 300	p/cereais		63.613.150
	L 300	p/milho		76.037.680
LEILA	LEILA 2	esteira		44.400.000
	LEILA 2	roda		40.800.000
	LEILA 1	esteira		39.000.000
	LEILA 1	roda		35.400.000
MASSEY FERGUSON	3640	arrozeira		115.108.023
	5650	grão		127.286.980
	5650	arrozeira		121.831.410
	5650	grão turbo		133.028.327
	5650	arroz turbo		127.664.451
	1134	plataforma de milho		23.518.670
	1144	plataforma de milho		28.884.375

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
NEW HOLLAND	8040	arroz irrigado		134.519.880
	8040	trigo e soja		138.408.110
	8040	arroz sequeiro		139.533.440
	8055	arroz irrigado		153.285.260
	8055	trigo e soja		160.043.590
	8055	arroz sequeiro		161.355.470
SANTA MATILDE	5105			
	1200			
SLC	6200	versão básica (S/PC)		95.607.047
	6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		104.814.076
	6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		114.327.434
	6200 H/4 T	turbo hidrostático (S/PC)		123.534.463
	6200	versão arrozeira (S/PC)		99.430.887
	6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		108.637.783
	6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		118.151.272
	6200 H/4 T	turbo hydro (S/PC)		127.358.301
	Série 200	plataformas		
	PC 213	corte 13 pés rígida		20.492.804
	PC 216	corte 16 pés rígida		20.708.052
	PC 273	corte 13 pés flexível		21.623.269
	PC 216	corte 16 pés flexível		21.874.719
		controle aut. p/flexível		3.824.588
	PM 3209	p/milho 3 linhas regul.		26.391.797
	PM 4209	p/milho 4 linhas regul.		35.894.038
	CE 6200	conjunto de esteiras 6R		41.982.816

OBSERVAÇÕES:

- 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em março
- 2) Preços para as regiões Sul e Sudeste
- 3) Santa Matilde não enviou relação de preços

Assine
a granja
A REVISTA DO LÍDER RURAL

LIGUE
(051) 233-1706

e receba mensalmente a informação dinâmica da agropecuária

São 12 números +

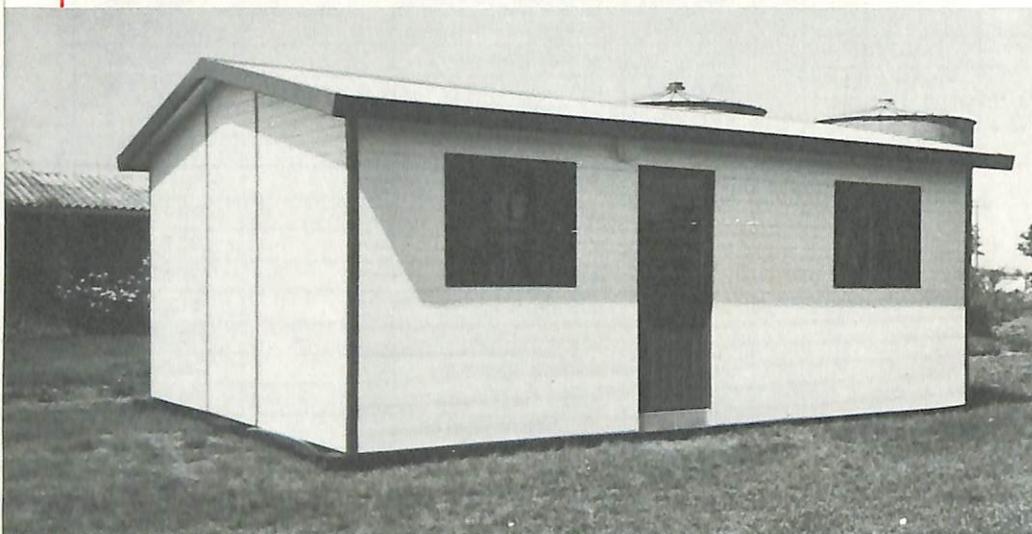


NOVIDADES NO MERCADO

■ Agora, em 24 horas você monta uma casa em chapa galvanizada

Quick-house é o nome da casa de aço pré-fabricada com 32m² recém-lançada pela Mesi. Trata-se de um modelo totalmente revolucionário de construção em chapa galvanizada, incluindo portas, venezianas, janela, teto e paredes. Somente o piso é em madeira de lei. A casa compõe-se de

um kit completo, podendo ser montada em apenas um dia. Possui dois quartos, sala, cozinha e banheiro. As paredes internas são forradas com carpete, enquanto as externas, opcionalmente, em polietileno. Metalúrgica e Silos Ideal, BR 160, nº 110, Distrito Industrial de Pelotas/RS.



■ Bebedouro infantil para pintos

Com sistema automático, a Avemarau desenvolveu um bebedouro infantil para pintos, eliminando os riscos da água ser contaminada pela ferrugem. O fabricante assegura



maior segurança e tranquilidade ao avicultor, propiciando ganhos em produtividade, redução de insumos e mão-de-obra. Avemarau, Rodovia RS 324, km 74, CEP 99150, Marau/RS, fone (054) 342-1144, fax 342-1438.

■ Novidade da Karcher

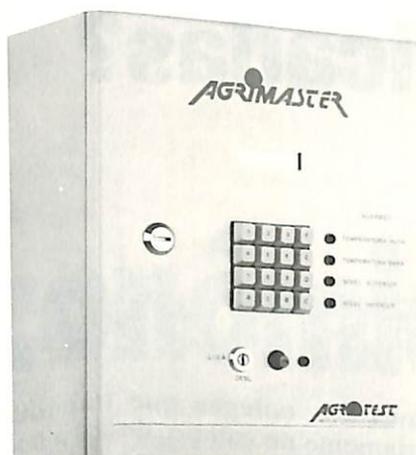
O Jet Plus é uma lavadora de alta pressão com flexibilidade de usos (fazendas, chácaras, sítios, escolas, residências, hospitais, etc.) fabricada pela Karcher. Utiliza 560 litros por hora, a uma pressão de 1.200 libras PSI, correspondendo a 80kg por centímetro quadrado. Pode operar com bico turbo, aumentando em até dez vezes a pressão normal, e vem com protetor contra respingos, bico desentupidor, entre outros acessórios. Karcher Indústria e Comércio

Ltda., Estrada Municipal Campinas-Paulínia, 2000, Bairro Betel, Barão Geraldo, Campinas/SP, fone (0192) 391515.



■ Larvicida

Um novo visual para o Lepecid é o que apresenta a DowElanco, mostrando uma imagem de maior impacto, além de um texto com informações ao usuário. E para completar, um selo adesivo foi integrado à embalagem, garantindo a qualidade do produto. DowElanco Industrial Ltda., Rua Alexandre Dumas, 1671, São Paulo/SP, fone (011) 546-9100.



■ Para melhorar a secagem

O Agrimaster é um aparelho eletrônico que executa o controle automático da descarga de secadores de cereais, em função da umidade dos grãos e da temperatura do ar da secagem. Sua instalação em qualquer modelo convencional resulta em economia de combustível-energia; melhor aproveitamento da capacidade de secagem; elevada uniformidade de saída dos grãos; aparelho moderno e de fácil instalação, pesando nove quilos. Apresenta dados e programações visuais complementadas por um sistema de alarme visual. Agrotest — Ind. e Com. de Medidores Ltda., Rua Ramiro Barcelos, 1982, conj. 304, CEP 90210, Porto Alegre/RS, fone (051) 331-4562.

■ Pá carregadeira Komatsu

Destinada a usuários da construção pesada, mineração, entre outros segmentos, a WA-320 chega ao Brasil para completar a linha de equipamentos da Komatsu. Com uma caçamba para aplicação geral de 2,5cm³, é dotada, segundo o fabricante, com o que de mais avançado existe no mercado mundial. Entre as vantagens destacam-se o motor diesel Cummins 6CT

8.3, com potência líquida de 123kW (168cv); peso operacional de 12.720kg; servo transmissão comandada eletricamente, com conversor de torque e válvula moduladora; cabina panorâmica com assento ajustável e volante reclinável. Komatsu do Brasil, Avenida Paulista, 1439, 4º andar, CEP 01311, São Paulo/SP, fone (011) 284-7955.



■ Graneleira com inovações



Com sistema exclusivo que possibilita rapidez na descarga, e dotada de três eixos independentes, a graneleira IBL tem capacidade para 140 sacos. Na versão arrozeira está disponível com pneus especiais. Industrial Busse Ltda., Rua Coronel Jorge Frantz, 845, CEP 97900, Cerro Largo/RS, fone (055) 359-1422, fax 359-1650.

As regras serão modificadas?

Agricultura, em especial, bem mais que outros segmentos da economia nacional, está sendo injustamente penalizada com a carência de determinação de regras claras e definidas pelos dirigentes da nação. Uma situação, que sentimos na pele, em que isso acontece, é no plantio de determinada lavoura. Ao jogarmos a semente no solo é criada uma certa expectativa, mas sempre ficamos com o pé atrás. Não sabemos se, de uma hora para outra, as normas até então estabelecidas serão modificadas por ocasião da colheita. E dependendo das mudanças, um capital expressivo pode ser comprometido. E por aí vai.

Além do produtor receber preços totalmente defasados, não condizentes com a realidade, sem reposição das perdas inflacionárias, o montante arrecadado não cobre os custos da próxima safra. Como se não bastasse isso, carecemos de amparo legal para a manutenção da atividade. E, no frígido dos ovos, ficamos cada vez mais descapitalizados, sem qualquer motivação para continuar sozinhos a "remar contra a maré", pagando um ônus alto pela desordem econômica a que somos submetidos.

Nos últimos cinco anos, a contabilidade agrícola tem estado mais do que nunca no vermelho. A verdade é que pagamos — e muito caro — para produzir alimentos, à mercê de riscos e de toda a sorte de dificuldades. Mas tudo isso não é suficiente para nos fazer parar, pois a vocação para produzir é maior. E embora acreditando em promessas governamentais, assistimos ao empobreci-



Adelaide Fuzinato, administradora da Fazenda Pêgasu, Imandá/PR

“A verdade é que pagamos caro para produzir alimentos nas mais variadas condições de riscos e dificuldades”

mento dos colegas que trabalham diariamente no campo, de sol a sol.

Apesar dos pesares, partimos firmes para uma nova safra de verão, e tudo indica que, apenas em grãos, vamos atingir, ou até mesmo superar, os 65 milhões de toneladas. Isto quer dizer 11 milhões de toneladas a mais com milho, soja, arroz, trigo e feijão, já que na safra de 90/91 foram colhidos 54 milhões de toneladas.

As condições climáticas foram mais fortes e suplantaram a economia que fomos forçados a fazer, reduzindo a aplicação de insumos, de sementes de qualidade e até de tecnologia, fatores extremamente indispensáveis para atingir a produtividade desejada. Porém é necessário uma tomada rápida de decisão, sob pena de haver um desestímulo crescente do produtor. Na realidade, embora esta safra colhida tenha sido superior, comparada à anterior, o número de agricultores não evoluiu, mas sim os ganhos em produtividade.

O produtor rural atravessa uma fase de abandono da lida agrícola, podendo essa situação chegar a um estágio em que não será mais possível contornar essa dura realidade. Ele está vendendo as poucas máquinas e equipamentos que restam na propriedade, para saldar os compromissos. E, para que este quadro possa mudar, são imperativos a redução de taxas de juros e um maior aporte de recursos para investimento, aliados a preços mínimos compensadores. Caso contrário, os nossos dias estarão contados. 

**Você já pode contar com um
produto**

econômico e eficiente

para

produzir

mais e

melhor.



**Chegou o antiparasitário
que faltava.**



Representante, Importador e Distribuidor Exclusivo no Brasil
INSTITUTO RIOGRANDENSE DE FEBRE AFTOSA LTDA.

ESCRITÓRIO E LABORATÓRIO: ESTRADA DO LAMI, 6133 - FONES: (051) 259.1333 - 259.1203 - 259.1526 - 259.1531 - FAX: (051) 259.1241
TELEX: (51) 1102 e 1433 - CEP: 91780 - BELÉM NOVO - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL - INDÚSTRIA BRASILEIRA.
CGCMF N° 92.662.501/0001-51 - INSC. EST. 096/0531289

Produtos Agropecuários Gerdau.

Seus amigos do campo.



Quem usa arames Gerdau pode confiar que tem cercas sempre fortes, resistentes, duráveis. Tem facilidade no manuseio, tem economia. E tem uma linha completa para escolher o arame certo para a cerca certa. Cerque-se de amigos. Confie nos arames e nos outros produtos para agropecuária do Gerdau. Arames farpados Elefante, Urso e Zebu. Arames lisos Tenaz e Coapa. Além das correntes, cordoalha para curral, arames galvanizados, distanciadores Cercafix, pregos e grampos para cerca.

SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S.A.

Av. Borges de Medeiros, 650 - Sapucaia do Sul - RS.
CEP: 93200 - Tel.: (0512) 74-1166

COMPANHIA SIDERÚRGICA DA GUANABARA - COSIGUA

Av. João XXIII, 6.777 - Rio de Janeiro - RJ.
CEP: 23568 - Tel.: (021) 305-1515

SIDERÚRGICA AÇONORTE S.A.

BR 232, Km 12,7 - Recife - PE.
CEP: 50791 - Tel.: (081) 455-3111

QUALIDADE

